

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTENON LITERÁRIO

2.^a Série — Outubro de 1872 — N.º 4

—oOo—

TYP. DA REFORMA — RUA GENERAL ANDRADE NEVES N.º 51

1872

COMISSÃO DE REDACÇÃO.

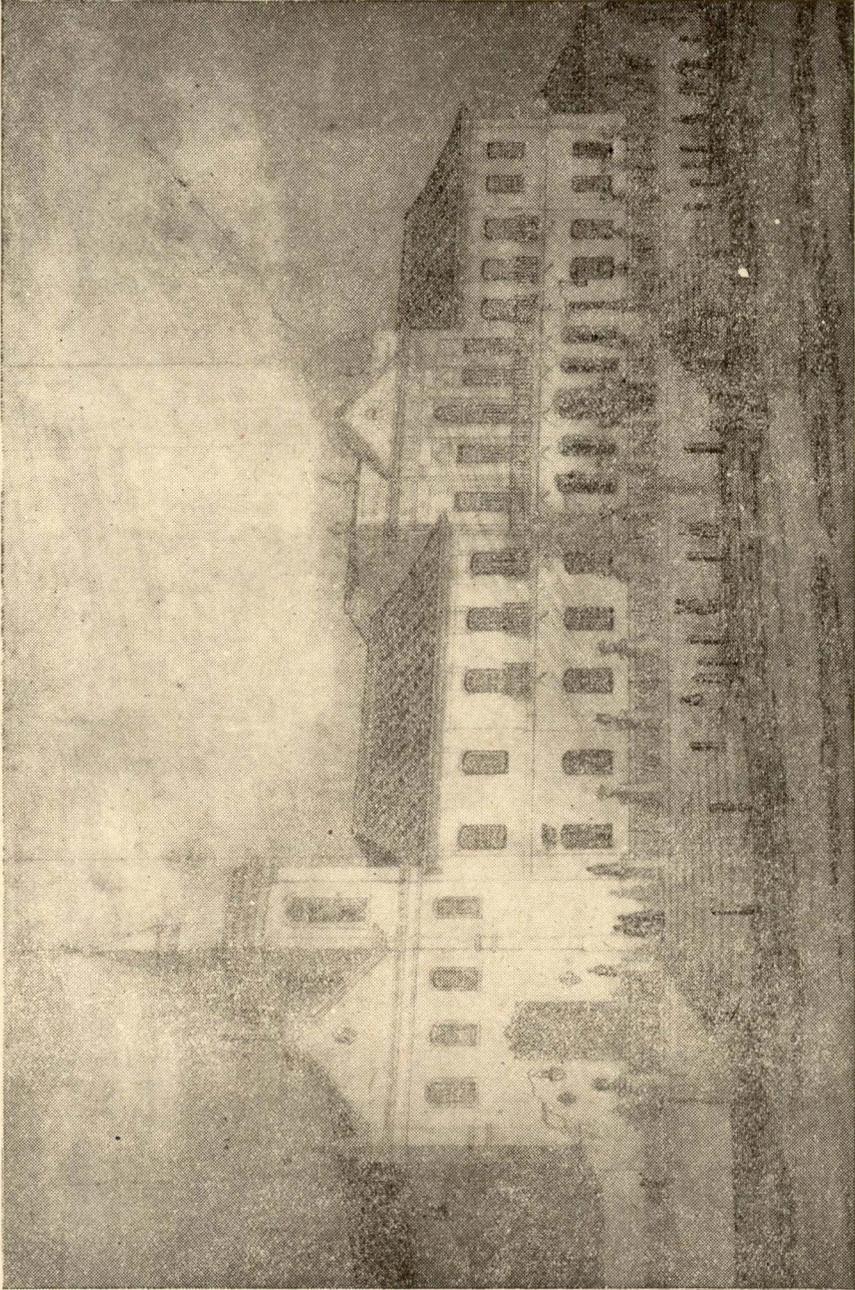
Vasco de Araujo e Silva.
Appolinario Porto-Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Francisco J. de Sá Brito.
Manoel Gonçalves Junior.

REDACTOR DO MEZ.

Aurelio Virissimo de Bittencourt.

DIRECTORES.

Achilles Porto-Alegre.
Hilario Ribeiro.



SANTA CAZA DA MIZERICORDIA — PORTO ALEGRE

RESUMO HISTORICO

SOBRE A SANTA CASA DE MISERICORDIA

DE

PORTO-ALEGRE.

A estampa que, com o presente numero da **Revista**, se distribue, representa o edificio da Santa Casa de Misericordia d'esta capital.

Compulsando documentos existentes sobre esse pio estabelecimento, cujos serviços á humanidade não precisam ser encarecidos quando são de todos os dias, apresentamos em seguida as informações que nos pareceram de maior interesse.

—oOo—

Quando governador geral da capitania de Porto-Alegre o brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, costumava José Antonio da Silva, conhecido pelo appellido de — **Nabos a doze**, — tirar esmolas para os presos da cadêa, aos quaes distribuia um caldo todos os domingos.

Fallecendo algum tempo depois, a preta Angela Reiuna, que morava n'uma casa contigua á de José Antonio da Silva na rua hoje denominada do general Bento Martins, fundou um asylo para recolhimento e curativo de enfermos, pela maior parte maritimos, com quem mantinha relações desde S. José do Norte, onde antes residira.

Fallecendo esta preta, Antonio José da Silva Flores e Luiz Antonio da Silva, com o auxilio de esmolas, conseguiram edificar, sobre pilares de tijolo, uma enfermaria em maiores proporções no largo que depois se chamou da — Forca.

Ahi durante muitos annos foram tratados os pobres que necessitavam de socorro, sendo cirurgião gratuito um filho do dito José Antonio da Silva, que exercia iguaes funções no corpo de tropas em guarnição nesta cidade.

A enfermaria a que nos referimos, começou a funcionar nos primeiros dias do anno de 1795, sendo d'ahi por diante sustentada pelo incansavel esforço dos dous bemfeitores, cujos nomes acima nomeámos, e pelas esmolas com que concorria o povo.

Chegando á esta cidade em 1788 Joaquim Francisco do Livramento, fundador do hospital de caridade da cidade do Desterro (Santa Catharina), e mais tarde dos seminarios de Itú e Sant'Anna, na provincia de S. Paulo, de Jacuacanga, na do Rio de Janeiro, e dos orphãos de S. Joaquim, na da Bahia; associou-se áquelles devotos e pro-

seguiram os tres com todo o ardor na honrosa tarefa que se haviam proposto, ajudados tambem pela camara, que entendeu dever tomar a dianteira na partilha dos trabalhos a realizar.

Desejando aproveitar o religioso fervor de que se achava possuida a população, Joaquim Francisco do Livramento pôz á disposição da camara os seus serviços, declarando que estava prompto a ir á Lisboa, se lhe fossem facultados os precisos documentos, impetrar do principe regente a graça da creação de um hospital de caridade nesta cidade.

A camara, em nome do povo que representava, deu-lhe um attestado, no qual, depois de demonstrar os honrosos predicados de Livramento, solicitou á muito alta e poderosa piedade de sua alteza real a graça de dignar-se conceder facultade para o estabelecimento de um hospital que os fieis pretendiam á sua custa erigir, considerando essa concessão como um grande serviço feito a Deos Nosso Senhor e aos vassallos de sua alteza real d'este continente.

Firmaram semelhante documento, em 3 de Abril de 1802, os cidadãos Antonio José Martins Bastos, Matheus José da Silva, José Antonio Vieira de Carvalho, Antonio José Pereira Machado e José Alvares Ribeiro Guimarães.

Seguiu Joaquim Francisco do Livramento para a côrte de Lisboa a desempenhar a missão, que espontaneamente tomára sobre seus hombros.

Ali chegando, dirigiu ao principe regente a sua petição, juntando o attestado que a camara lhe entregara.

O deferimento não podia ser duvidoso, e assim foi expedido do palacio de Queluz aos 14 de Maio de 1803, pelo ministro de estado visconde de Anadia, um real aviso permittindo a creação do hospital com o producto de esmolos, e recommendando muito ao governador Paulo José da Silva Gama o proteger, animar e favorecer quanto possível fosse as pias e louvaveis fadigas das pessoas que tão bom emprego faziam de seu tempo e actividade.

O citado aviso igualmente recommendou que ás esmolos obtidas não se dêsse outra applicação que não fosse a erecção do estabelecimento.

A 19 de Outubro de 1803, nas casas da camara, reunidos o juiz presidente e officiaes da mesa, apresentaram-se o capitão José Francisco da Silveira Casado, Joaquim Francisco Alvares e Luiz Antonio da Silva, que haviam sido convocados para servirem de thesoureiro, escrivão e procurador do novo hospital.

Perguntando-se-lhes se estavam dispostos a exercer esses lugares sem direito á remuneração pecuniaria pelo seu trabalho, responderam que de boa vontade se prestavam.

O padre Francisco Ferreira Leitão offereceu-se nessa occasião para procurador supranumerario, procedimento que muito abona os sentimentos religiosos d'esse sacerdote.

Seguiu-se depois a cerimonia do juramento e posse dos cargos referidos.

Em fins de 1803 teve começo a construcção, sob a direcção do brigadeiro Francisco João Rocio, que no anno antecedente, como governador interino da provincia, escolhera e concedera o local, que é o mesmo em que hoje está o edificio da Santa Casa.

Tendo traçado o plano da obra, dirigiu-a aquelle brigadeiro até 1806, anno em que falleceu, sem deixar o risco por escripto. Tendo, porém, o finado communicado os seus projectos aos administradores, facil foi levantar a planta de conformidade com as declarações dos

mesmos administradores, a qual por copia foi enviada á secretaria de Estado, succedendo que a original desapareceu até esta data.

Sem novidade proseguiram os trabalhos até o começo do anno de 1814, época em que falleceu o escrivão **Joaquim Francisco Alvares**.

Este facto lamentavel deu lugar a que os outros dois membros da commissão requeressem ao governador D. Diogo de Souza a eleição de uma mesa administrativa, afim de que a obra continuasse sob melhor direcção, isenta dos defeitos que já visivelmente se notavam.

O requerimento, informado em 11 de Julho do dito anno de 1814 pelo juiz de fóra Dr. Domingos Francisco das Neves, provedor de capellas e residuos, foi em 3 de Setembro favoravelmente despachado, sendo o deferimento confirmado no quartel-general de Rio Pardo em 20 de Abril de 1819 pelo governador conde da Figueira.

Determinado que se procedesse em sessão da camara á eleição canonica da mesa, teve ella lugar em 5 de Janeiro de 1815, sendo governador o marquez de Alegrete.

O resultado da eleição foi este:

Provedor, o marquez de Alegrete.

Vice-provedor, o tenente-general Joaquim Xavier Curado.

Escrivão, o marechal Miguel Lino de Moraes.

A 20 do mesmo mez foi a mesa empossada no palacio do governo.

Pretendeu aquelle provedor, que serviu até 1818, mudar o hospital militar para as duas enfermarias e duas pequenas casas que a esse tempo estavam concluidas, mediante o aluguel que se pagava á casa particular occupada pelo mesmo hospital; porém a mesa recusou acceder aos desejos do marquez pela poderosa razão de que o povo, unico onerado com as despesas da construcção, queria que o novo estabelecimento só tivesse por fim soccorrer as pessoas pobres accommettidas de molestias, e sem recursos para tratar-se.

O marquez de Alegrete, contrariado com a resolução da mesa, ordenou arbitrariamente que os presos militares fossem occupar as lojas da Santa Casa, apresentando como justificação d'esta medida a necessidade de concertos na prisão militar.

Justamente indignado por tão abusivo procedimento, o povo arrefeceu o ardor com que se consagrava á sua nobre tarefa, e as obras tiveram de parar por falta de meios.

Pensando que o novo governador conde da Figueira fizesse retirar os presos, attendendo assim aos justos reclamos da população, a mesa elegeu-o para provedor nos annos de 1819 a 1821. O conde não se contentou só em manter o acto de seu antecessor; foi mais longe; pretendeu remover para a Santa Casa o hospital militar.

Fez ouvir sobre essa medida o physico-mór Dr. Julio Cezar Musi, que energicamente contrariou-a, e mais tarde a junta de fazenda, onde as opiniões divergiram no seguinte ponto: — a quem devia competir a administração, uma vez realisada a fusão dos hospitaes, sendo a maioria de parecer que fosse regulada a administração por inspecção militar, se a mesa n'isso concordasse.

Ouvida esta oficialmente, o escrivão desembargador Luiz Corrêa Teixeira de Bragança, desenvolveu contra semelhante pretensão tão valente argumentação, que a Junta afinal foi contraria á pretendida remoção.

Com esta decisão tão conforme á vontade geral, zangou-se o provedor, que abandonou os interesses do estabelecimento confiado á sua gerencia, sendo os presos retirados pelo governo do triunvirato, que succedeu áquelle governador.

Na obra da enfermaria do 2.º pavimento, cosinha provisoria e

igreja gastou-se até o anno de 1824 a somma de 32:475\$578 rs., producto de esmolos dos fieis e da 3.^a parte dos legados não cumpridos, com excepção de pequena quantia adiantada pelo thesoureiro.

Ainda durante a administração do desembargador Teixeira de Bragança, tentou o governo provisório a remoção do hospital militar, oppondo-se tenazmente a isso aquelle provedor, que serviu de 1822 a 1824.

Em 29 de Maio de 1822 o imperador confirmou a irmandade da Santa Casa e concedeu-lhe as prerogativas de que gozam todas as irmandades de misericórdia.

O visconde de S. Leopoldo, que foi o primeiro enfermeiro-mór do hospital, nomeado provedor em 1825, desenvolveu a maior actividade, de modo que a 1.^o de Janeiro de 1826 realisou-se o acto solemne da abertura do hospital, sendo nelle recolhidos os doentes reconhecida-mente pobres.

Por decreto de 29 de Setembro de 1828, concedeu-se á Santa Casa possuir até 60 contos de réis em bens de raiz, e sob representação da mesa, que com o tempo reconheceu ser essa concessão muito limitada, foi por decreto n.^o 597 de 14 de Setembro de 1850 autorizada a adquirir bens de raiz até o valor de 200 contos de réis, com a obrigação de, n'um praso dado, converter em apolices da divida publica os bens obtidos em virtude do mesmo decreto.

Em 1827 foi eleito provedor João Marcos Vieira de Araujo Pereira, que instituiu a botica e n'ella dependeu regular quantia, visto que a Santa Casa não dispunha dos necessarios meios para o seu custeio.

Deu-se com este provedor um facto notavel.

Mandando o presidente da provincia Salvador José Maciel alguns presos militares para serem tratados na Santa Casa, o Sr. Araujo Pereira recusou recebê-los, e indo a palacio explicar os fundamentos de sua recusa, o presidente ameaçou-o de o fazer seguir preso para o Rio de Janeiro, ao que respondeu o provedor que se sujeitaria á essa violencia, antes do que tolerar a infracção das leis do estabelecimento, que jurara observar.

De 1828 a 1829 serviu de provedor o commendador Rodrigo José de Figueiredo Moreira.

De 1829 a 1830 João José de Oliveira Guimarães.

De 1830 a 1831 o marechal José Ignacio da Silveira.

Em 1832 o capitão-mór Manoel Pires da Silveira Casado.

Em 1833 a 1834 Antonio Martins Barboza.

Em 1835 o conego João Baptista Leite de Oliveira Salgado.

De 1836 a 1840 o padre Francisco Ferreira Leitão.

A administração d'esse sarcedote no período de quatro annos, quando a provincia se achava a braços com a revolução que rebentára em 1835, foi importante. Os seus serviços nessa quadra foram tão notaveis, tão grande a sua abnegação, tão forte a sua fé, tão prodigiosa a sua actividade, que a Santa Casa inscreveu o seu nome na lista dos mais prestantes bemfeitores.

Em 1841 foi eleito provedor o coronel Bibiano José Carneiro da Fontoura, que serviu por devoção no anno seguinte, sendo eleito o conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira, que se achava á testa da administração da provincia.

Até então estavam paradas as obras do hospital, porque as mesas anteriores tinham julgado preferivel construir casas na Varzea e rua da Misericórdia, creando-se assim uma fonte de renda certa para custeio das grandes despesas que um tal estabelecimento exige.

O Conselheiro Saturnino, porém, entendeu que era tempo de pro-

seguir na obra do hospital, e obteve para o effeito alguns valiosos auxilios.

Foi na sua administração que deu-se regulamento para a criação dos expostos (12 de Junho de 1842) sendo a casa da roda removida para o novo hospital em 1.º de Janeiro de 1844.

Seguiu-se na provedoria o Marquez, hoje duque de Caxias, presidente da provincia, que a maior parte do tempo esteve na campanha á frente do exercito. O coronel Bibiano continuava, entretanto, a exercer o cargo por devoção, prestando assignalados serviços.

Em fins de 1845 suas magestades imperiais visitaram o estabelecimento, fazendo o imperador doação de dez contos de réis, e a imperatriz de dois.

Na provedoria do Marquez de Caxias fundou-se o cemiterio extramuros, cuja administração ainda até agora está a cargo da Santa Casa.

Serviu em 1846 o commendador João Baptista da Silva Pereira, depois barão de Gravatahy; em 1847 e 1848 o desembargador Manoel José de Freitas Travassos, que continuou em 1850 por ter sido chamado á côrte o provedor eleito tambem em 1849, general Francisco José de Souza Soares de Andréa, mais tarde barão de Caçapava.

De 1851 a 1853 exerceu o cargo o negociante Lopo Gonçalves Bastos, que muitos serviços prestou, sobresahindo entre elles a aquisição de africanos para o serviço da Santa Casa e diversos melhoramentos que de seu bolso mandou fazer no edificio.

Sucedeu-lhe em 1854 o Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, e no anno seguinte o Dr. João Rodrigues Fagundes, que, como escrivão da mesa anterior, desempenhara quasi effectivamente as funções de provedor por impedimento do proprietario.

Segundo o testemunho do desembargador Freitas Travassos, o Dr. Fagundes melhorou consideravelmente o pessoal e material da Santa Casa, e prestou relevantes serviços na época do cholera-morbus, quando aquelle estabelecimento não estava provido de certos recursos e as difficuldades se accumulavam uma sobre outras.

Em 1856 foi provedor o Dr. Israel Rodrigues Barcellos, e em 1857 e 1858 o desembargador Travassos, sob cuja administração foi lançada no 1.º de Janeiro de 1858 a pedra fundamental da nova igreja.

De 1859 a 1863 foi provedor o Dr. João Rodrigues Fagundes.

Em 1864 o Dr. Manoel José de Campos.

Desde 1865 que é provedor o Exm. Sr. marechal de campo Luiz Manoel de Lima e Silva, que muitos e importantes serviços tem prestado ao pio estabelecimento.

O numero das pessoas que nos annos de 1795 e 1796 se cotisaram para coadjuvar as despezas com a enfermaria, sobe a 293.

As informações que ficam consignadas, foram extrahidas dos apontamentos para a historia da fundação da Santa Casa, colleccionados pelo desembargador Freitas Travassos, e cuja leitura nos foi obsequiosamente permittida.

A necessidade de ceder lugar a outros escriptos, nos impede de dar mais desenvolvimento a este trabalho.

Aurelio de Bittencurt.

O VAQUEANO

(NARRATIVA).

IX.

A LENDA.

O posteiro estava desesperado, chorava sobre os cadaveres da inditosa familia, e, na exaltação de seu resentimento, accusava o mulatinho Moysés do horrendo crime que tivera lugar.

A dôr que lhe arrancava lagrimas e suspiros em brotões, tinha tal caracter de sinceridade, que ninguem poderia duvidar da amizade, que elle tributava a Gil de Avençal.

Porém foi injusto em suas recriminações contra Moysés.

O que então era este da casa? Que papel representava na familia?

Nascera d'uma escrava e fôra liberto na pia baptismal. Nas senzalas affirmava que era filho do estancieiro. Faltavam as provas, e, quem as pudera apresentar, sua mãe, morrera na occasião de dal-o á luz. Todavia o facto da manumissão, sem motivos plausiveis, mórmente n'esta época, deixava entrever por ventura alguma coisa de verdadeiro no boato espalhado pelos negros da fazenda.

Quando consumou-se a catastrophe sanguinaria, elle estava ausente; sahira a tropear, facto que ou Capichos desconhecia na accusação que lhe fez, ou então de que quiz aproveitar para distrahir a attenção de sobre si.

De volta encontra de pé a calunia, apesar de defenderem-n'o todos os escravos de Gil; e diante a imputação de crime tão horrendo desvaira, foge, busca os sítios mais impervios da serra, quando poderia demonstrar sua innocencia com o depoimento das pessoas entre quem se achava, quando se dera o acontecimento.

Só um anno depois, serenado o espirito, desceu dos retiros, onde convivera com indomitas fêras e a já minguada tribu dos guaycanans, procurou a justificação que devia lavar a pecha infamante atirada a seu nome. Pela sciencia criminal a evasão agravaria o supposto delicto. Pobre sciencia, pois vê no rosto conturbado um documento comprobativo! Pobre sciencia que não tenta sondar o oceano dos phenomenos moraes, que affasta de si, repelle com ar severo e movimentos rispidos o testemunho da physiologia! que admitiu uma craveira invariavel para o genero humano, como se todos os corações fossem vasos n'um mesmo molde e todas as naturezas tivessem identica manifestação do sentimento! que emfim não deduz dos fastos dos tribunaes a luz da verdade que deve conduzi-la e aclaral-a, e onde no entretanto a face de Lacenaire desorienta os juizes pela cynica coragem e doce placidez que a reveste, e o innocente Lesurques estremece, titubu, desmaia ante o apparato e espectaculo da vindicta social!

Por ella Moysés fôra um sicario, soffreria a ultima pena; para a consciencia do mulato e para Deos a justiça da terra commetteria a mais clamorosa das iniquidades. Felizmente nos tempos que iam, a victima da calumniosa imputação subiu sã e salva. A acção judiciaria não chegava senão tibia a lugares distantes; até garantia a impunidade. Ninguém portanto, teve a lembrança de fazer averiguações relativas aos verdadeiros culpados. O anno decorido começara de apagar a triste impressão, e o pó do esquecimento depuzera a primeira camada sobre a téla de horores.

Moysés tinha lá consigo desconfiança pouco mais ou menos verosimeis. Recahiam de cheio em José Capichos. O posteiro tornara-se dono de estancia, senhor opulento que trajava como o mais guapo monarcha das cochilhas, despendia a las largas e pretendia os fóros de caudilho, quando não havia muito arrastava a chilena á sombra de Gil. Fortuna e maneiras tão de rebate faziam-no reflectir; mas na falta d'um indicio vehemente, que o guiasse á verdade, recalcava n'alma a suspeita e suspendia os juizos.

Soube então que o filho mais velho de Avençal conseguira escapar milagrosamente ao ferro homicida. Era José. Procurou-o. Tres annos os dispendeu elle em pesquisas infructiferas, até que foi deparal-o n'uma distancia de cem leguas. Foi n'essa occasião sabedor do que ignorava a respeito dos episodios da noite do anno de 1813. O pequeno José fôra deitar-se e uma negra que servia na casa de mucama e o estimava como filho, o entretinha antes de conciliar o somno com um d'esses contos que todo o mundo relembra saudoso dos dias da infancia. O menino a escutava preso na atenção que se lhe deffundia na palpebra largamente descerrada.

A historia, vamos reproduzill-a, pelo character peculiar de pertencer á provincia e mais certo ao Brazil inteiro. E' uma lenda que suavisa o calice amargo da escravidão, grinalda de odorosas flôres entrelaçada ás algemas, balsamo anodyno sobre a ulcera que sangra no peito da captivo. Ahi vai. Falta-lhe, em nosso estylo, o pittoresco da linguagem e a fidelidade no desenho dos costumes; resta-lhe, porém, a verdade de fundo:

O RESCUSCIDADO.

— O pai Curruira, filho do reino de Benin, acaba de morrer com noventa e trez annos pelos calculos de seus companheiros. Morreu, e a tristesa não se stereotypa nos rostos azevichados da cafraria; a angustia e o alarido de carpideiras não cercam o corpo da finado, como ultima homenagem á seus restos. Ao contrario o urucongo e o bujamé despendem sons festivos. Cada matrona e cada rapariga se ennastou do melhor que pode. Collares e manilhas de missangas de coral e vidrilho com caurins entremeiados ou pendants lhes cingem a garganta e os pulsos, fazendo ao reflexo variegado realçar o ébano da cutis. O candombe deslaçado em meneios lascivos, o canto de diapasão aspero e monotonno, formam o cortejo mortuario em roda do cadaver.

Presidia a festa, que similuva extranha macabra de vampiros ou bruxas, Maria a Conga, a quem a senzala venerava como rainha ou fetiche de um culto profundo.

— Mãe Maria, perguntou um crioulo vivo e experto como um demonio, tranquilo como todo o moleque, porque o branco chora, quando morrem os seus, e o negro ri?

— O negro, respondeu a respeitavel veterana, passando a mascara de fumo d'um lado para o outro da bochecha, morre aqui para viver na Africa. Vai ver o berço em que nasceu debaixo das tamareiras e boabahs, vai correr as areias em que brincou no tempo de criança, vai vêr a patria.

O crioulo arregalou ao principio os olhos, pensou por instantes e em seguida coçando a cabeça, a sacudiu em ar de duvida.

— Quem morre, então vive depois? ajuntou.

— Não crês, menino? Vou contar o que aconteceu ao irmão Inhabané.

— Mãe Maria vai contar uma historia! Hih! Hih! Hih!... Venham ouvir. E de contente saltava como um cabrito.

Logo um cardume de cabeças infantis e alegres, mostrando os dentes alvos como as presas do elephante, com as pupillas de gazella aivadas pela curiosidade, ferverem em torno da velha negra.

Musicas e cantos e dansas sustaram.

Todos quizeram ouvir a palavra do oraculo de suas crenças, da pythonisa africana que guardava no coração as memorias da patria distante. Mãe Maria tomou um cêpo junto ao fogo. Os mais cruzaram as pernas no chão de argila, pousando o cotovello sobre ellas e a face sobre a mão. E' a attitude de quem quer ouvir attentamente.

Em pouco nem o mais leve ruido sahia do circulo de gente, cujo centro era a venerada Maria. Até a respiração parecia estar soffreada.

Ella começou pausada como a prudencia, solemne como um mysterio:

— Muitos annos já vão, filhos, desde o tempo em que Inhabané, juntos ás aguas de Cuanza, fazia guerras aos homens do outro lado do mar! Muitos! Quantas vezes já as arvores não despiram as folhas?!

— Quem era Inhabané, mãe Maria? Quem era Inhabané? interrogaram em côro.

— Rei e senhor de Cassange... A velha, que falla agora, não era como veem. Hoje está curvada ao peso dos annos, não caminha, nem pôde trabalhar... O' n'aquelles tempos! ? Bons tempos em que tinha por cama finas esteiras de Loanda, e vestia lindas roupas de pelle, e tinha os carinhos do mar e pisava o tibbar, ambição do branco! Então meu corpo era direito como a palmeira, ligeiro como o gamo dos montes de Kong... Ah! bons tempos de Cassange que Maria ha de tornar a ver!...

— Bons tempos de Cassange! Bons tempos! repetia a multidão com a fidelidade d'um echo, quando ella curvava a fronte senil no seio das recordações e nas saudades do berço.

Depois de instantes de mystico recolhimento, proseguiu:

— Os homens do outro lado do mar venceram a Inhabané, o guerreiro, o valente, a esperanza de Cassange. Elle foi preso, ligado e vendido para as terras dos Brazis.

— Mão branco! Mão branco! rumorejavam os ouvintes com assomos do odio.

— Inhabané teve um ruim senhor que amou a mulher do captivo e quiz tomal-a.

Era Kuniah, formosa entre as formosas. E Kuniah resistiu, porque tinha um coração que não era d'ella, era de Inhabané, seu senhor e seu rei e pai de seus filhos. Kuniah resistiu e teve o corpo cortado ao açoite e foi vendida longe dos filhos e do marido, alegria e sol de sua vida.

— Que dôr, mãe Maria! Que dôr! gemia a turba.

— Inhabané teve uma tempestade aqui, e a velha pôz a mão ru-

gosa sobre o peito, ferio o perseguidor de Kuniah. Pobre rei! foi levado ao tronco como o ultimo dos servos, o laço regou suas carnes, o sangue do principe de Cassange ensopou a terra do cativoiro.

— Ah! quizzilia de branco! E a cafraria saltava de pé, tremula e fula de colera, o olhar ardente e sanguineo, as faces crispadas pelo odio e desejo de vingança, o gesto saturado de ameaças.

— Filhos, silencio! E desatou um ademan imperativo para que sentassem.

Tudo voltou á immobildade das caryatides no sopé do antigo monumento.

— O rei de Casange soffreu muito... muito! Desesperado procurou um jervá que recordava a patria, em suas palmas, subio até o olho do coqueiro, atou um cipó e enforcou-se.

— Pobre Inhabané! murmuraram em tom pungente.

— Feliz! feliz! repeti, filhos... E atirava longe de si a masca com um movimento de inspirada.

Todos a fitaram pasmos.

Ella continuou:

— Ninguem viu dependurado o principe, sem choral-o. Quando foram no outro dia buscar o corpo para enterrar, tinha desaparecido.

— Tinha desaparecido?! gerguntaram boquiabertos.

— E' verdade, Inhabané tinha dormido nas terras do captivoiro, para acordar nas terras da patria.

— Quem viu? interrogou o crioulo que dera motivo á narraçáo.

— Maria viu, menino. Era de madrugada. Maria inda era livre, ia banhar-se nas aguas do Cuanza. Então, Inhabané sahia d'entre as palmas d'uma tamareira, contemplava como n'um sonho o paiz que ha tanto deixára e vinha de novo possuir. Desceu e começou uma guerra de morte com seus inimigos.

Esperaremos, filhos. O pai Curruira foi hoje, amanhã nós iremos. Quem diz é mãe Maria.

Assim concluiu.

— Amanhã, nós iremos... nós iremos, repetiram com profunda fé.

Por momentos trataram do caso, sem commental-o, e em seguida foram renovar com mais entusiasmo as festas em torno do finado.

Eis o que a escrava narrára ao pequeno José de Avençal, pouca mais ou menos. Era uma scena que ha pouco assistira nos galpões da senzala.

XIV.

AMARAL.

Mal terminava, ouve um grito tremendo, seguido de gemidos dolorosos. Corre a ver o que era.

Na varanda, á luz d'uma candeia de garavato, cujo eslabão fôra torcido com grande esforço para arrancar o do muro, onde estava pregado, presenciou um quadro, que a penna não traça com suas mais negras côres, e comprehende o só quem pôde assistil-o.

Sobre o soalho estorcendo-se em cruas vascas, Maria a esposa de Gil; junto um homem degollando o filhinho que a desventurada mãe amamentava. A misera toda retalhada de golpes, rotas as arterias, arquejante, ainda tinha forças nas derradeiras convulsões da vida para erguer o corpo a meio e pedir com palavras, que vinham em ondas de sangue, pela innocente victima. Sublime arranco da maternidade!...

A escrava não poude reconhecer o assassino, pois estava envolto

n'um immenso poncho talar e mergulhava o semblante nas largas abas d'um sombreiro. Recuou espavorida, voou ao quarto de José, fechou a porta por dentro, tomou o menino ao collo, e, abrindo uma janella que dava para o campo, vingou-a d'um salto. De passagem incorporou a fugida tres companheiros que encontrara, contando-lhes o occorrido em phrases rapidas e interjectivas.

Depois, como o caminheiro que embebe sob as patas do cavallo, cochilhas, canhadas, sangas e varzeas, fugindo aos olhos azues dos boitatás, elles atravessaram durante mezes larga extensão da capitania, tendo o cuidado de evitar os povoados.

Grandes o nobres romeiros!

Quando podiam quebrar os grilhões da servidão, faziam timbre em mantel-os, guardando a infancia do unico senhor com todo disvélo, todo o amor capaz de conter o coração humano para um filho, todo o culto que derrama-se nas aras divinas! O' não digam que era a fidelidade do cão! Não, por Deos! Onde ha uma alma livre, uma consciencia, só pôde haver sacrificio e abnegação, nunca o rastejar do animal que é servil, submisso, feliz atido ao jugo, porque não concebe a liberdade e muito menos pôde aspiral-a.

Detiveram os passos n'uma casa nas immediações do sitio em que hoje existe a freguezia de Tahim.

Pertencia ao cavalheiro de Amaral em que consequencia d'uma serie de duellos contrarios ás disposições da Ordenação, fôra obrigado a expatriar-se de Portugal. Nobre pela ascendencia, como pelos sentimentos que o exornavam, tivera até o momento em que embarcara occultamente para o Brazil, uma existencia agitada e cheia de dissabores, pelo character independente que manifesta sempre, como por dissensões com outra familia do reino. Então casado e sem filhos, feliz e tranquillo n'um recanto da America, era um verdadeiro philosopho a ver os dias deslisarem sem nuvens e tempestades, a pensar quotidianamente sobre o homem e a natureza, modificando assim idéas erroneas e grosseiros prejuizos que a educação e determinadas circumstancias conseguiram inocular-lhe no espirito. Entre os ultimos sobresahiam duas extranhas theorias sobre as raças e sobre os castelhanos, mórmente estes, que por meio de alguns falsos raciocinios elle chegava a separar do genero humano.

Não tinha outros senões. Quanto aos motivos que lhe impuzeram o voluntario desterro, ninguem os sabia, nem mesmo os dizia elle, evitando com desgosto pronunciado a conversação sobre semelhante assumpto.

Eis a nova personagem em breve bosquejo.

Quando Amaral ouviu o acontecimento relatado no estylo rustico da negra, conveio de si para si que a catastrophe era extraordinaria e deliberou tomar averiguações. O que feito, confirmou-se a verdade.

O tópicio final, a salvação da criança, que lhe suggerira a mais tenaz objecção, pela gente que a tinha realisado, veio trazer alguma mudanca em sua maneira de pensar.

Foi a occasião de admirar as frentes cafres aureoladas da estemma d'uma realza que eclipsava o ignobil ferrete da escravidão. Pela primeira vez suggeriram-lhe pensamentos, os quaes a educação do tempo e os preconceitos sociaes não haviam ainda provocado. O negro deixou de ser o ourangoutango, o ente inferior julgado não só incompleto e defeituoso pelas fórmas, como pela intelligencia que lhe transparecia do craneo. O pobre **Pongo**, o poleá da colombia terra a seus olhos começou a reassumir os direitos que lhe negavam por afferro de opinião ou torpe especulação de negreiro; desde então merecia para elle o

título de homem. Ponderou com justeza que a intelligencia e virtude não se tornavam privativas d'uma especie da grande familia humana, e recebeu a caravana de infelizes com os braços abertos e o mesmo enthusiasmo que manifestaria por qualquer dos seus.

Trabalhou emfim para descobrir o motor de tantas desgraças; porém, como era de esperar, a distancia neutralisou a boa vontade e o empenho empregados.

XV.

A' SOMBRA DO UMBÚ.

José Capinchos, com fardo de tigre que presente a victima, muito antes de Moysés descobriu o escondrijo do misero orphão.

Uma tarde Amaral recebeu tres hospedes. Eram o capataz e dois asseclas do antigo posteiro. Vinham em embaixada para reclamar a criança.

O cavalheiro recebeu-os com altivez, sem quebra das leis de hospitalidade.

— Diz a teu amo que o menino pertence-me; já o estimo muito para privar-me de sua companhia. Sou casado e não tenho filhos, vou institui-lo meu herdeiro. Não duvido, quero mesmo crer com toda a lealdade que elle fosse amigo dos pais; no entretanto devo recordarlhe o abandono e menosprezo lançado ao ultimo descendente d'uma mal aventurada gente, pois deixaram-n'o de tão longe vir bater á minha porta.

Quiz insistir o capataz. Elle fel-o emmudecer pelo tom em que continuou:

Porfiar é inutil. Disputal-o hei como a um lance de senas. Agradeço as boas intenções, sem todavia aceital-as. Patentêa a teu amo os respeitos e a estima de que lhe sou credor, desde que se interessa tanto pelo filho do finado Avençal.

O mensageiro enfiou e retirou-se murcho e cabisbacho, qual raposo apanhado por galinhas. Planejava com tudo o rapto da criança e o puzera em pratica, se no dia seguinte não vira no curral possantes e rapidos ginetes promptos á menor eventualidade, como peães armados de ponto em branco, na casa, nos campos, por toda a parte emfim.

Amaral tivera um presentimento ou o raio do crepusculo lhe foi bom conselheiro.

Refletira que, para de tão longiquas terras virem em demanda do orphão, era necessario um grande movel, por isso puzera desde o cambar do dia em armas toda a gente de que dispunha.

Adivinhara. O enviado de Capinchos teve de voltar, abanado as mãos e com reconcentrado despeito contra o providencial protetor do menino.

Mezes mal passados surgio Moysés.

— Venho visitar o pequeno de Avençal, disse logo de entrada.

— O cavalheiro franziu o sobrôlho e perguntou com presteza:

— D'onde vem?

Da Vaccaria.

Visos de cólera reverberaram-lhe de toda a physionomia.

— E' muito teimar! disse.

— Como?!

— Como?! E a voz estremeceia-lhe nas arcas do peito com extranho rumor. Ninguem o vê, com mil diabos!

— Ninguém o vê! repetia o outro já meio quente com os modos de Amaral.

— Ninguém o vê, o repito. Minha casa é franca para todo menos para habitantes de Vaccaria. E ia virar-lhe as costas com medo de si mesmo.

— Quem deu ao senhor um tal direito? exclamou o mulato com so-branceiria.

— Quem deu-me, villão!? O vens perguntar a mim que estou em meus senhorios? E o diapazão de stentor echoou formidável, como o estrondar de rochas que despençam e embatem no declive de môrros.

— E eu reclamo meu irmão, saltou o outro como uma esfuziada de pampeiro.

A tempestade já desfeita na alma do cavalheiro esvaneceu como um manto de brumas á luz do sol.

— Seu irmão?!... E a interjeição prolongou-se semelhante ao som nos accidentes do terreno derramado em despenhos e montes.

— Seu irmão!!! E procurava associar no pensamento, duas coisas que elle separaria em outra qualquer occasião, como impossiveis de liga, harmonia ou de qualquer laço de relação. Ainda o prejuizo não desvanecera inteiramente. A intervallos voltava.

Dentro de pouco foi sciente de tudo.

O caçador não occultou a menor circumstancia, concluindo assim:

— Uma coisa peço a V. mercê, lhe não diga jámais que o mesmo sangue nos corre nas veias. Póde algum dia envergonhal-o.

Amaral contemplou aquella fronte bronzeada com admiração. Uma só phrase não occorreu-lhe de momento. Apertou com força a mão do mestiço. Tinha dito tudo. Com mais eloquencia fallavam as palpebras rorejantes...

N'essa noite tornaram as considerações sobre as raças, ficando indeciso sobre qual d'ellas obteria a primazia. Relativamente, pondo em conta a abjecção a que estava votada a negra, a balança de seus juizos propendia contra a branca.

— E' admiravel! acrescentou. Se estivesse em Portugal, juraria por todos os santos do calendario que um filho d'Africa valia tanto como um macaco! Até Moysés, creação hybrida, mescla de diversos sangues, nos actos é um gentilhomem de boa estôfa!

No dia seguinte vamos encontrai-os em animado colloquio.

O sol sumia a frente no arrebol auri-rozeo da tarde.

Em face á vivenda, annoso umbú espalmava os galhos. As raizes erguidas em socalco formavam commodo assento. N'uma d'ellas está sentado Moysés com o pequeno de Avençal sobre os joelhos. Ao lado Amaral n'uma d'essas poltronas classicas de espaldo elevado, forradas de couro lavrado de S. Vicente, com tachões amarellos e as pernas em cruz.

A restea loira do crepusculo doirava a paysagem.

Era um soberbo painel.

De vez em vez Moysés osculava a face do pecurrucho adormecido, em cujo sorriso adunava-se o tenue raio da tarde e o raio da innocencia.

— A vingança é dôce, mas os fructos são amargos. Eu que o diga o quanto custa. Não fossem uns endemoninhados botes de espada, estaria a essa hora tranquillo no solar de meus avós.

— Mas... isso de matarem crianças como a pèrros... Caramba!

— E' horrivel, é!...

— Só tigres! só tigres!... José deve ser forte, valente, guapo, manejador de toda a casta de armas: flecha, pistollão, mosquete, ada-

ga, lança, e mais coisas ainda; deve atirar o laço desembaraçado e reter o mais chucro dos novilhos, jogar bolas de maneiras a não perder um tiro. Seus inimigos, pelo que penso, são todos campeiros.

— Emquanto ao que sei, homem, bem ou mal ha de sahir-se; mas lá de frecha, adaga, bolas e laço... Caspíte! nem sei por onde tomal-as.

— Não dê cuidado a V. mercê; aqui passo um anno e... caramba! verá que o muschachito tira-se melhor que o mestre.

— E os adversarios?

— Irei desencaval-os, inda que nas bibócas do inferno.

— E se o matarem, o que não é difficil de prever em negocios assim.

O mulato sorriu e ajuntou:

— Matarem o menino! Deos não seria Deos, e poderiam dizer que Moysés, mal avisado andou quando tomou a espingarda para viver nos matos. Se me chamasse Moysés de Avençal, não esperaria tanto tempo, em pessoa iria buscal-os um per um e esmargar-lhes a cabeça... raça de cobras!

XVI.

VOLTA AOS PAGOS.

O menino cresceu. O rebento fez-se tronco. Porém, a harpa fremente de seu coração vibrava a uma idéa fulminante, fibra por fibra estremeçia a uma só palavra do vocabulario das paixões humanas: — Vingança!

Vingança!? Vertigem do ultraje, ebriez de sangue, desforço da honra e simultaneamente justiça fóra dos codigos!

Vingança!? Mancenilha, — pomo de ouro no galho, no labio fél e veneno!

Vingança!? Abraço da alma sorridente n'um sonho e da alma esmolda no ecúleo de angustia!

Vingança! E's tu tambem uma das sombras a embruscar os traços magistraes do character rio-grandense, falha que ninguem póde, nem deve occultar. Que importa, no entretanto?! Talvez seja o quinhão ou partilha dos povos cavalheirescos, a quem a hospitalidade, a lha-neza, a honra e lealdade parecem antes virtudes innatas do que obediencia ás leis do dever ou o resultado de obrigações moraes. Lá no fundo de seu deserto, envolto no largo caftan, como o arabe se assemelha contigo! Como a propria generosidade, que tanto o distingue, parece arrancar-lhe do imo do peito o grito de odio e morte, quando foi cruelmente offendido?

Avençal, rôta e chisálida da puericia, não via outro fanal nos horisontes da mocidade. Crescêra elado a um sentimento que tudo fazia recordar, ora a voz insinuativa e grata de Amaral devassando-lhe os segredos da esgrima, ora a solicitude maternal de Moysés preparando-lhe o braço nos rudes manejos do campo.

Infante, não teve outra balata acalentando-o no berço; homem, não tinha outra rôta a seguir. Era a fatalidade d'uma romagem: a herança que o punhal do assassino codicillara na garganta ensanguentada de seus paes.

O céu diria a elle pela voz do Evangelho: o perdão resgata o crime.

A logica das paixões dizia-lhe: A nodoa de sangue lava-se com sangue.

Fóra forçoso obedecer aos pensamentos pessoaes, e aos dictames

d'uma educação recebida e conforme ás leis que todas as idades tem chamado de honra.

A vingança o armara, ella só devia desarmal-o um dia.

O cavalheiro nada descurou; mais previdente que o caçador, juntára aos predicados corporeos os predicados do espirito. Iniciou-o nos conhecimentos a seu alcance. Deu-lhe mesmo uma tintura da arte heraldica, que emfim de nada servia para o moço, mas que satisfazia um dos gostos especiaes do preceptor, evocando recordações européas. Quem censurará o esméro e cuidados para lance tão tremendo? Quem? Se a propria historia louva em Amilcar o odio que perpetuou no filho desde tenros annos? Que tamanha differença existe entre a patria e familia, duplices origens de sentimentos identicos e fecundos, fócios luminózos na esphera da vida social, cujos effluvios se embebem, amalgamam, liquescem confundidos e se entornam na mesma ambula — o coração?

Arranquem a viscera que o produz, e, morto o homem, eil-os destruidos para sempre nas desoladoras ruinas da humanidade. Então — vingança —, como todos os sentimentos bons ou máos, sublimes ou repugnantes, não será mais que uma articulação sem sentido, acordando o silencio d'um êrmo, o hieroglypho estampado na pyramide d'uma raça extincta.

José de Avençal attingira os dozoitos annos.

Em casa de Amaral havia grande reboliço. Corria d'aqui para ali, em continua dobadoura. Ajoujavam bois, enfrejavem cavallo, carregavam carros, os homens de guerra poliam as armas. Balburdia por toda a parte. Dir-se-ia que marchavam á grande expedição, como um magote de bandeirantes em vespera de partida.

Afinal sahiu a caravana.

A mulher do cavalheiro, a negra que salvara o moço, e os escravos que auxiliaram n'a, tambem seguiam na comitiva.

Decorreram muitos sóes em viagem.

Uma manhã foram surprehendidos por Moysés que trazia o concurso de seus guaycanans.

O que era? Para que levantar tantos escarcéos?

Iam installar Avençal em seus dominios como "legitimo senhor de juro e herdade" na phrase da antiga etiquetta mantida por Amaral no bando que mandou deitar entre a gente reunida.

Chegaram em pouco na estancia que, se com a catastrophe de 1813 ficára durante dois annos uma tapéra, depois pelos cuidados de Moysés prosperára mais que em mãos do primeiro dono.

A chegada festas e brodios, "arruidos e folgares," como dizia esfregando as mãos jovialmente o cavalheiro, autor de tanto barulho.

Avançal não sentiu alegria, como era natural. Abalou-o funda commoção apenas viu o theatro do sanguinolento drama, onde paes e irmãos haviam succumbido sob o punhal vibrado por mão covarde, traiçoeira, infame e anonyma, pois nem tivera a coragem de deixar um signal, a assignatura pela qual se a reconhecesse!... Seu peito arfou semelhante á primeira maretta formada ao cahir da tempestade. Soltou das arcas um gemido de cruciante magoa e desespero... Foi laboriosa a systole, suffocava-o, todo o sangue affluira em tufos ao coração.

Quiz fallar... nenhuma palavra!

Accudiu-lhe aos olhos copioso pranto, refluxo salutar do soffrimento, rocio vivificante na extenuação da vida, que, como a aura suave e o orvalho das nevoas erguendo a flor debruçada no hastil, ergueram sua frente pendida.

— Diz onde o encontrei, Moysés... Diz e irei buscal-o além do mundo.

O caçador já desesperava por tal época de levantar o véo ao mysterioso acontecimento. Todavia tinha esperança de, mais dia, menos dia, descobrir um só vestigio e tanto bastaria para achar o resto. Era o seu fio de Ariadne.

Conversando comsigo, sempre repetia entre dentes:

— Deixa estar, theatino fuá, has de dar a mão e depois corcoveia... e verás!

RISOS E LAGRIMAS

Iriema.

(Continúa).

ACTO 2.º

QUADRO 3.º

A mesma decoração do 1.º acto.

SCENA I

Baronesa e um criado.

BARON (dando ao criado o bilhete que acaba de escrever). — Sem deteora, á casa do commandador Torres. Não voltes sem a resposta. (Ouvem-se palmas). Vae ver quem bate... Se fôr o com-mendador, que ventura!

CHAMADO (anunciando). — O Dr. Benjamin.

BARON (agitada). — Dize-lhe que não estou em casa.

CHAMADO. — Porém eu.

BARON. — Sempre és um impedito! Manda-o subir e vae de pois executar as minhas ordens.

SCENA II

Baronesa e o Dr. Benjamin.

DR. BENJ. — Bom dia, querida baronesa. Aposto que me não esperava tão cedo?

BARON. — Respon por um tiz de me encontrar.

DR. BENJ. — Vai sair, então?

BARON. — E verdade, preciso ir á casa.

DR. BENJ. — Advinho, vae visitar o poeta. Talvez o encontre cadaver. V. Ex. applicou-lhe o caustico justamente sobre o coração e não ha a menor esperança de salvamento.

BARON (sorrindo). — Está falando em duvida.

DR. BENJ. — Tallo serio, Julio d'Aguiar está morto ou fôrno á esta hora. V. Ex. teve coragem inaudita!

BARON (trêmula). — Não creio, está brincando. (A parte) Seria possível!

DR. BENJ. — Porque hesora assim, baronesa? V. Ex. tremes? Ah! ah! ah! já serão effeitos do remorso?

BARON (com odio). — E quem induziu-me? não foi por ventura o Sr.?

DR. BENJ. — Valla-me satanax! V. Ex. faz das suas e depois quer tornar-me culpavel! Em todo caso morte o nosso poeta de uma

RISOS E LAGRIMAS

ACTO 3.º

QUADRO 3.º

A mesma decoração do 1.º acto.

SCENA I.

Baronesa e um criado.

BARON. (dando ao criado o bilhete que acaba de escrever). — Sem demora, á casa do commendador Torres. Não voltes sem a resposta. (Ouvem-se palmas). Vae ver quem bate... Se fosse o commendador, que ventura!

CRIADO (annunciando). — O Dr. Benjamin.

BARON. (agitada). — Dize-lhe que não estou em casa...

CRIADO. — Porém... eu...

BARON. — Sempre és um imbecil!... Manda-o subir, e vae depois executar as minhas ordens...

SCENA II.

Baronesa e o Dr. Benjamin.

DR. BENJ. — Bom dia, querida baronesa... Aposto que me não esperava tão cedo?

BARON. — Escapou por um triz de me encontrar...

DR. BENJ. — Vai sahir então?

BARON. — E' verdade, preciso ir á casa...

DR. BENJ. — Advinho, vae visitar o poeta... Talvez o encontre cadaver. V. Ex. applicou-lhe o caustico justamente sobre o coração e não ha a menor esperanza de salvamento.

BARON. (sorrindo). — Está brincndo sm duvida.

DR. BENJ. — Fallo serio. Julio d'Aguiar está morto ou louco á esta hora. V. Ex. teve coragem inaudita!...

BARON. (tremula). — Não creio, está gracejando... (á parte) Sera possivel!

DR. BENJ. — Porque descora assim, baronesa?... V. Ex. treme?. Ah! ah! ah! já serão effeitos do remorso?

BARON. (com odio)o — E quem induziu-me? não foi por ventura o Sr.?...

DR. BENJ. — Valha-me satanaz! V. Ex. faz das suas e depois quer tornar-me cumplice!... Em todo caso morre o nosso poeta de uma

molestia rarissima n'este seculo em que o amor é um calculo e o casamento uma convenção. Exemplos peregrinos, não é verdade?... Os grandes amôres trazem fadarios loctuosos!

BARON. — Mudemos de assumpto...

DR. BENJ. — Tem razão, estas conversações serias entre nós causam o mais insupportavel tédio. V. Ex. sabe muito bem que sou um homem incorrigivel, como sei até a evidencia que não seria capaz de operar em V. Ex. o milagre da redempção.

BARON. (com desespero). — Pois ainda quer mais provas do meu amor?!

DR. BENJ. — Queria a ultima!...

BARON. (idem). — Nunca, impossivel!...

DR. BENJ. — N'esse caso...

BARON. — E onde estão as suas promessas? Como ha de cumprilas, se renuncia o meu amôr, os meus extremos, este affeto que só o Sr. poude inspirar em minha alma?! Peça-me o que quizer, menos esse sacrificio; mande, e obedecer-o-hei cegamente, como escrava humilde!... (ajoelhando-se).

DR. BENJ. — Levante-se, baronesa; estas scenas... são ridiculas!

BARON. (erguendo-se). — O Sr. é um homem sem alma!

DR. BENJ. (com sarcasmo) — V. Ex. onde tem a sua?

BARON. — Coração de bronze! Ri-se agora; moteja em vez de respeitar a victima!... Ah! mas não ha de triumphar, juro-lhe eu, ainda que amanhã o meu nome seja infamado nas praças publicas!... Póde ir propalar aos seus amigos que a baroneza de Tapagé foi sua amante!... Diga-lhes que...

DR. BENJ. — Acalme-se, baronesa; se assim continúa, desperta a curiosidade dos criados!... Ama-me então seriamente?...

BARON. — Basta, Sr., nem mais uma palavra! Não se esqueça que está em minha casa!

DR. BENJ. — Confesse, baronesa, quantos amores tem tido depois que enviuvou? Quantos amantes antes de conhecer-me?

BARON. (tocando a campainha) — Basta de obedecer!... (Quer fallar ao criado que apparece, e não póde).

DR. BENJ. (ao criado). — A senhora baronesa estava pedindo agua, porém já não é preciso. (O criado retira-se). (Approximando-se da baronesa) Dir-se-ia que V. Ex. transformou-se em estatua como a mulher de Loth!... Ah! ah! ah!

BARON. (supplice). — Mate-me, Paulo, mate-me de um só golpe. mas não me flagelle assim, não me enloqueça! Imploro-lhe compaixão, aqui me tem outra vez á seus pés, diga que me ama, porque mereço o seu amôr!... Piedade, Paulo, não escarneça, não me torture tanto o espirito... Já tenho soffrido demais por sua causa... (lacrimosa). E' ser muito inexoravel escarnecer em face da victima!

DR. BENJ. (levantando-a). — V. Ex. falla em victimas!... (depois de pausa) Quando a mulher descae um dia do pedestal sublime onde a mão do Senhor a collocou, é porque essa mulher não tinha forças para subjugar as paixões mundanas; resvalou no pendor do erro, porque era fraca e não podia resistir á lucta da materia com o espirito. O fim de V. Ex. devia ser irremissivelmente desastroso! V. Ex. contaminou-se ainda muito cedo na alta sociedade; foi nas salas aristocraticas que esperdiçou os dias insontes. volteando em torno a pyra das seduções!... Mentindo a uns e sendo illudida por outros, roçou afinal as azas de anjo na charneca impura dos desejos sensuaes e como por encanto viu-se de um dia para outro isolada! A mesma turba que thurificava V. Ex., murmurou ao depois; á lisonja seguiu-se o es-

tigma infamante!... Com tudo, V. Ex. casou-se, e seu marido dava-lhe em troca da deshonra um titulo nobiliario!

DR. BENJ. — V. Ex. tem precedentes notaveis!... Escuta-me ainda. Quando pela primeira vez entrei nesta casa, no dia em que tive a suprema honra de penetrar no palacio de V. Ex., (já lá são 3 mezes) desde logo reconheci que um homem a requestava.

BARON. — E' demais, já não me posso conter!

DR. BENJ. — Depois tive a coragem necessaria para seduzil-a e no fim de 15 dias, no curto espaço de meio mez, V. Ex. repellia a côrte d'aquelle para aceitar a minha. Nunca pensei que V. Ex. fosse tão facil!

BARON. — Cale-se!

DR. BENJ. — V. Ex. é realmente uma Omphalia!... Está chorando, baronesa?... E' verdade, não devo importunal-a mais... Até logo. Hei de voltar para conhecer então quem é o Dr. Paulo de Benjamin. (Sae).

SCENA III.

Baronesa e depois o criado.

BARON. (com odio). — Infame!... Seja qual fôr a minha expiação, juro que não realisarás esse casamento! Basta de ser escrava!...

CRIADO (anunciando). — O Sr. commendador Torres.

BARON. — Acompanha-o até aqui. Eis um raio de esperanza!

SCENA IV.

Baronesa e o commendador Torres.

BARON. (apertando-se as mãos). — Esperava-o anciosa.

COMMENDADOR — Teria vindo logo que recebi o bilhete de V. Ex., porém demorou-me um negocio urgente.

BARON. (indicando ao commendador a cadeira junto ao sofá). — Sabe quanto possuo, commendador?

COMMENDADOR (sentando-se) — V. Ex. deve possuir (calculando) approximadamente mil contos de réis... mil contos mais ou menos...

BARON. — Calculou bem (pausa). Como V. Ex. foi intimo amigo de meu marido, e tenciono dar um passo arriscado, preciso consultal-o, antes de o fazer.

COMMENDADOR. — Um passo arriscado?! (á parte) Algum novo romance.

BARON. — Da sua approvação ou reprovação vai depender o meu destino. Penso em casar-me.

COMMENDADOR. — V. Ex. está gracejando.

BARON. — Não sei porque se admira tanto! Amo e sou amada. (Adelaide apparece á esquerda e occulta-se de quando em quando). O ciume levou-me á excessos... O ciume é sempre assim; leva-nos até ao crime muitas vezes! Porém... sinto-me hojo mais feliz do que nunca. Estou convencida de que me ama, porque ouvi de seus labios a phrase sublime de uma paixão incendiada!

COMMENDADOR. — E poderei saber quem é o futuro marido de V. Ex.? Naturalmente o Dr. Benjamin...

BARON. — Julio d' Aguiar. (Adelaide mostra uma terrivel emoção).

COMMENDADOR (com espanto). — O Sr. Julio d' Aguiar?!

BARON. — Jesus, que admiração faz o commendador!

COMMENDADOR. — Não é para menos, baronesa! (á parte) Que tratante!

BARON. — No entretanto, commendador, uma cousa me preocupa seriamente. Julio é moço e sobre tudo cheio de elevadas aspirações. A's vezes vacillo; não sei porque um véo de tristeza desce até a minha alma e arreceio-me do futuro. Se tivesse 20 annos não faria a menor reflexão, porém hoje... tenho soffrido tanto n'esta minha vida!

COMMENDADOR. — Mas desde que V. Ex. tem certeza de que o Sr. Julio d' Aguiar...

BARON. — Se tenho certeza do seu amor!

COMMENDADOR. — Então n'esse caso... qualquer alvitre seria desnecessario.

BARON. — Julio fingia amar Adelaide para despertar-me o ciu-me! Na ultima partida que dei, porém, n'esses momentos de arroubos, abrazamo-nos nas chamas ethereas de um amor indeffinivel! Que noite feliz!

COMMENDADOR. — Então o que houve, aquella?!

BARON. — Uma combinação apenas para arredar quanto antes Julio do coração de Adelaide.

COMMENDADOR. — Eu só tenho a dizer que V. Ex. já conta alguns annos de experiencia. O que fizer está bem feito.

BARON. (á parte) — Passemos á segunda parte. (Alto). Mas não foi só para isto que o importunei, commendador. Respondo pela vida de meu irmão. Não calcula como me dóe na consciencia não ter-lhe prestado o auxilio que devia por todos os titulos. Reconheço que fui má ou caprichosa... Nunca, porém, é tarde o arrependimento, nem o benéfico... Trouxe a letra? Estou prompta a resgatal-a immediatamente.

COMMENDADOR (confuso). — Se eu tivesse advinhado... se V. Ex. escreve-me duas horas antes... Agora é humanamente impossivel.

BARON. (inquieta). — Impossivel?! Porque?!

COMMENDADOR. — Vendi-a...

BARON. — A quem?! E as suas pretensões então?!

COMMENDADOR. — Desisti.

BARON. — Disistiu?!!

COMMENDADOR. — Refleti melhor. Duas hora antes de receber o bilhete de V. Ex. já a letra estava em poder do Dr. Paulo de Benjamin.

BARON. (como aterrada). — Em poder d'elle!!

COMMENDADOR (proseguindo). — Desisti por duas razões poderosas. A primeira porque realmente commettia uma loucura sacrificando 100 contos de réis por uma mulher... Não sou tão rico como por ahi suppõem. A segunda porque não gosto de inimizadas com medicos... V. Ex. não imagina que inimigo terrivel é o tal Dr. Paulo de Benjamin!

BARON. — O Sr. é um poltrão!

COMMENDADOR (em acto de sahir). — V. Ex. póde dizer o que lhe approuver, está em sua casa...

BARON. (apontando-lhe a porta). — Retire-se!

COMMENDADOR. — Eempre ás ordens de V. Ex. (Sahe).

SCENA V.

BARON. — **Baronesa e depois Adelaide.**

BARON. — Coragem, coragem agora até o fim! (Para Adelaide que entra). O que quer aqui?

ADELAIDE (com desespero). — E' verdade que V. Ex. vae casar-se com o Sr. Julio?!... Pelo amor de Deos, não me illuda; diga-me a verdade baronesa, eu lhe suplico... Custa-me a acreditar, V. Ex. . .

BARON. (dando-lhe as costas). — Já fatigam as suas lagrimas!

ADELAIDE — V. Ex. não pôde avalial-as, porque nunca chorou talvez! (A baroneza encara-a com odio). Comprehando agora tudo!... Está explicado o seu empenho em querer unir-me ao commendador Torres!... Custa pouco ceder o coração dos outros, quando se tem perdido o coração!...

BARON. — Atrevida!

ADELAIDE. — Pôde insultar-me, aproveite o ultimo dia. Amanhã estarei bem longe d'aqui... Cumpra-se o meu destino, que não tem outro a engeitada!

SCENA VI.

As mesmas e Fernando de Magalhães

BARON. (á parte) — Propicia occasião.

ADELAIDE (beijando a mão de F. de Magalhães) — Bom dia, padrinho.

F. DE MAG. — Porque tens os olhos arrazados de lagrimas?! (á parte) Como estou arrependido!

BARON. — O commendador veio procural-o para saber da resposta.

F. DE MAG. (á parte). — Meu Deos!

ADELAIDE. — Consultou-me hontem pela segunda vez e a minha resolução está tomada... Vou para um convento, meu padrinho.

BARON. (á parte). — Veremos quem ganha a partida!

F. DE MAG. — E julgas que serei capaz de consentir, Adelaide?! Nunca, minha filha, enxuga os teus olhos queridos!...

ADELAIDE — Deixe-me ir, é o lugar das orphãs desvallidas e das engeitadas. Deixe-me ir, prefiro a tunica da freira; mil vezes a solidão eterna do claustro a pertencer a um homem que nem me inspira amôr, nem odio. Ali ao mens, afastada d'esta sociedade que abomino, surda ao cortejo da miseria e da lisonja, eu serei feliz no meu isolamento. Antes os cilicios da irmã da charidade que esses mil ouropeis com que o marido adereça a victima de suas ferezas para occultar aos olhos ávidos da sociedade o pranto inconsolavel da virgem incauta! Quantas não choram ahí amaldiçoando a familia, que lhes ergueu o holocausto?!

F. DE MAG. — Tens razão, Adelaide!...

ADELAIDE. — Não sei o que tenho feito para soffrer tanto, nem o que deve o Sr. áquelle homem para querer sacrificar a minha existencia!

F. DE MAG. — As tuas recriminações são justas...

BARON. (abatida; á parte). — Qual será o fim de tudo isto!

ADELAIDE. — Mas não posso, nem devo ficar mais um dia n'esta casa... Quero ir para um convento... Sabe o que é perder uma esperanza que resumia um futuro?!...

F. DE MAG. — Não te comprehendo!

BARON. — Adelaide tem razão de não ficar nem mais um dia aqui... Confesse: o Sr. pôz em almoeda o futuro d'esta menina!...

ADELAIDE (sorpresa). — Meu Deos!

F. DE MAG. — Até a senhora?!

BARON. — A mascara devia cahir! Vamos, tenha coragem!...
Não é verdade que ia fazer de um penhor sagrado...

F. DE MAG. (baixo á baronesa) — E o que fez de sua honra?
(Em acto de sahir).

BARON. (aterrada). — Ah!...

ADELAIDE (chamando). — Meu padrinho, meu padrinho!

F. DE MAG. (voltando-se do fundo). — Ella tem razão; teu padrinho é um miseravel! (enxugando os olhos).

ADELAIDE (cahindo-lhes aos pés). — Oh! essas lagrimas só derrama o coração de um pae!

FIM DO QUADRO 3.º

BARON — A maseira devia caberl' Ymasse, lenda coragem!
Não é verdade que já se fez de um pendor sagrado,
F. DE MAG (baixo e batendo) — É o que faz de sua honra!
(Em acto de sair.)
BARON (aterrado) — Ah!
ADELAIDE (chamando) — Wen! Wen! Wen! Wen!
F. DE MAG (voltando-se do fundo) — Éis tam tãta! Éis tam pa-
drinho é um miseravel! (arrastando os olhos)
ADELAIDE (chamando-lhes nos pés) — Oh! essa! Ymasse no
destrama o coração de um

TANCREDO

VI.

RIM DO QUADRO 3º

Tinham decorrido trez mezes.
Já não estamos no estio, reina o outono triste e merencorio como as brumas do crepusculo, despindo as galas com que as estações pasadas adornaram a natureza...

Já o aláude do sabiá traduz a melencolia da solidão e a floresta transforma-se, porque a estação que impera arranca-lhe as roupagens verdejantes e amarellece-lhe a côma, onde se ouve a cicio não interrompido das folhas que cahem.

A viração que corre, não vem mais arroubada dos perfumes dos rosaes, nem da poesia das auras estivas.

Mas deixemos o outono e a natureza em suas transições e reate-mos o fio da nosso narrativa.

Procuremos os protagonistas.
Onde vives, Tancredo?

Teu amor, poeta, é ainda existencia bafejada com o halito da fé ou reminiscencia de um sonho esvaecido no embryão?

Acaso o simum destruidor feneceu em sua passagem as flores deli-cadas que teu coração brotou tão cheio de entusiasmo e de crença?

Joven peregrino, cançaste na romaria, ou nella não encontraste o marco, onde podesses repousar a fronte suarenta, ou o regato que saciasse tua sêde febricitante?

O que tens, romeiro?
Tua fronte aureolada de mocidade, aninha uma ruga que surge como um ponto negro n'um horisonte côr de rosa... Teu olhar lampeja como a chispa fulgente que rasga o manto de velludo negro do céu tempestuoso e tua face pallida parece que velou a noite do sepulchro de uma convicção...

O que é isto, moço?
São zêlos...

E quem amou, que não os teve?
Não machuques assim teu coração juvenil com uma leve descon-fiança, nem aljofres com lagrimas a quadra dos sorrisos...

E tu, anjo da mocidade, abre as azas alvinitentes e abriga, espar-gindo perfumes da flor da esperanza, sua fronte que pende alquebrada pelo desalento.

Sentir o desanimo no verdor dos annos, na idade dos sonhos e il-lusões é cobrir com crepe a alma rescedente de crenças e fazer o co-ração assistir em vida seus proprios funeraes.

Não, Tancredo, teus vinte annos repellem essa velhice prematura, que jamáis poderá apagar o fulgor da estrella de teu porvir, não tens a descrença n'alma, mas sim o scepticismo no coração; o que te abate é a duvida e não o desengano.

Corramos a cortina que intercepta as scenas passadas nestes tres mezes.

Tancredo não frequentava a casa de D. Margarida e fugia sempre das ocasiões opportunas que podiam favorecer-o, ou nascidas do acaso ou proporcionadas de ambos os jovens e com ella sympathisando, queriam com a convivencia, entrelaçar a inclinação que nascera de um para outro; mas o moço evitava, dizendo comsigo:

Marina não é o ideal criado para esvaecer-se á primeira rajada da realidade, nem a flor colhida nas minhas correrias de moço, para perfumar algumas paginas do livro da juventude...

Não, minhas pretensões aspiram mais; quanto tem ellas de nobre e puras!

Quando minha posição social conceder-me recursos com que não escassê o necessario para partilhar com um outra pessoa, eu não terei necessidade de ser apresentado; apresentar-me-hei sem auxilio de ninguém, e dir-lhe-hei!

Amo-te, Marina, foste a esperança de meu passado, sê tambem a fé do meu futuro, vem commigo povoar a solidão do meu lar, onde não existem minas de ouro, mas ha thesouros de amor infinito!

Vem commigo. Eu converterei em flores o caminho que trilhar teu pézinho de fada, embora a terra ahi árida, só brote cardos; quebrarei as cadeias do impossivel, nem jámais crerei em obstaculos, crendo em ti. Dir-lhe-hei tudo isto e mais que o coração discer-me.

Não, não quero ser recebido ainda em casa de Marina, não irei emquanto não tiver a posição que almejo, modesta sim, mas necessaria para a felicidade minha e d'ella.

E de que me serviria frequentar sua casa, sem ter meios de realizar minhas aspirações?

E se em vez d'esta resolução, me relacionasse com D. Margarida e a visitasse e a fortuna adversa que me persegue, persistir em acompanhar-me, forçando a espaçar por mezes, um anno ou mais de um, porque minha união com sua afilhada pende de uma questão de tempo; minha amisade e assiduidade não deporiam fortemente em desabono de Marina, quando a calumnia prompta a envenenar as intenções mais puras, arremeçasse seu nome tão caro para mim, aos commentarios do mundo tão avivo de chronicas escandalosas?

Por certo que sim. Eu não irei aos pés d'ella derramar minha alma apaixonada n'um extasi, mas tambem jámais trançarei uma corôa de espinhos, para enlaçar sua frente de anjo.

Não irei. Se ella ama-me, não será necessario que eu lhe diga que espere-me; esperar-me-ha porque quem ama, crê e tem fé...

Se não amar-me... subirei o Golgotha resignado, abraçarei a cruz, esfolhando as saudades de minhas primaveras perdidas, e na impossibilidade de um futuro risonho que sonhei, viverei do passado tão cheio de affectos, bebendo nas recordações o balsamo do consolo.

Quem não approvará essa linguagem filha de uma alma delicada e nobre?

Quem reprovará o procedimento tão louvavel do virtuoso moço?

Ninguém...

Vejamos agora, que sabemos já as causas porque Tancredo não buscou relacionar-se com D. Margarida, se os seus zêlos tem os mesmos fundamentos e a mesma equidade em que basea-se seu procedimento tão louvavel quanto honesto.

A duvida que grassa no coração do jovem será bem funda?

As roupagens puras de Julieta terão sido trocadas por Marina pelos vestidos cortezãos de Dalila?

O coração da virgem embeberá tão cedo o philtro venenoso da traição, ou a alma apaixonada do moço é coisa de mais, porque muito ama?

Quem sabe... tudo é possível... busquemos porém a realidade, abandonando o terreno das supposições.

VII.

Zêlos!...

Que estrophe de amargura é essa que desata a lyra dos amores, entrecallando endeixas entre os carmes doces e suaves, que o alaúde da alma apaixonada sólta?

O que sois?...

Qual mão estranha tocando a pudica sentiva, que retrahese medrosa e tímida, assim os zêlos fazem curvar a fronte entrestecida de Tancredo.

Zêlos!...

Que sentimento é este que cresta o sorriso nos labios e esvaece no coração a esperança em flor?

O zêlo é a duvida, e a duvida atrophia o coração que ama.

Mas quem amou, que não os teve?...

E quem amou que não sentiu o sangue galopar nas veias, o coração entumecer dorido, e a fronte empallidecer tristonha a essa palavra — zêlo?

A duvida mata mais que o desengano, allimenta illusões para logo desfazel-as, brota a luz para a espancar com as trevas, aviva a fé para arrojá-la com mais vehemencia na pyra incendiaria do sacrificio, immolando mil convicções nobres no athaúde da descrença.

A duvida — é o suicidio moral n'um corpo com vida, é a agonia do espirito.

E' ella que cria um mundo infinito e um horisonte sem raias, oceano sempre revolto, patria do vendaval e ninho da vaga que em cada espanejo cava um tumulto, onde soçobra a vela alvacentá da esperança.

Mas... agora que nossa leitora sabe que a ruga que sombreia a fronte pallida do moço é filha d'um sentimento profunda, é preciso que narremos como nasceu essa desconfiança em seu coração suscetivel.

N'um dos capitulos precedentes dicemos que Tancredo desde que abandonára os velhos habitos de sua solidão, quasi que diariamente dedicava uma hora de passeio para ver Marina, momento de magia e encanto que elle sentia, e unico passo que o tímido moço ousára dar em favor de seu modesto amor.

Assim tinham decorrido trez mezes, nos quaes Tancredo colhera sorrisos em sua romaria, como esperança em seus amores, sem que uma nuvem negra sequer toldasse o céu dourado de seu sonhos...

Assim tinham decorrido, mas o tempo que tudo muda, criava uma nova phase, rasgando a gase de um novo horisonte, ainda encoberto na penumbra do futuro.

Uma flor mimosa e linda tem sempre admiradores.

Marina era bella, valia uma luta...

Tancredo tinha um rival... eis a explicação aos soffrimentos do moço. Pertence-nos agora procurar seu adversario no meio d'este turbilhão de povo que passa, para apresental-o á nossa leitora.

Busquemol-o.

Eis ali um vulto que destaca-se no meio da turba...

Bellos dotes, phisionomia agradável, ademans de cavalheiro e figu-

ra aristocratica, são qualidades que distinguem o jovem Jorge da Silva.

Tem apenas vinte e trez annos, é capitão, senhor de uma fé de officio que segundo dizem, conta desesete combates, treze cicatrizes e não sei quantas commendas e habitos.

E' filho da norte e natural da cidade de Ouro Preto.

Qualidades acesorias ornem em profusão o jovem guerreiro; collega algum excede-o na delicadeza e mimo com que ata um laço em sua banda, nem habilidade de calçar uma luva de pelica branca para um dia de gala; traça com gosto e á parisiense, porque desagradalhe o trabalho nacional; é moço de espirito e gosa da reputação de possuir uma intelligencia não vulgar.

Eis nem mais nem menos o rival deTancredo.

Para cumulo de felicidade Jorge soubera attrahir a sympathia de D. Margarida, que boamente concedia-lhe a palma de superioridade sobre Tancredo, quer pelo lado social, quer moral; muito embora não conhecesse intimamente nenhum dos dois moços, o que tornava impossivel um juizo seguro.

Por isso, quando encontrava a afilhada com a frente inclinada sobre o peito, como recolhida em uma profunda meditação, momentos estes em que talvez Marina buscasse ante sua consciencia uma solução aos acontecimentos que marchavam, ella evitava-lhe uma insinuação esperando uma resposta que fosse favoravel ás pretensões de Jorge, seu protegido.

— Quem pensa, não casa, Marina, dizia D. Margarida, servindo-se do velho annexim popular, para conseguir desvendar os intimos pensamentos da jovem.

A moça sorriu se, ainda que contrariada...

Dir-se-ia que a aza da phalena em seu adejo, roçara a sensitiva que retrahia-se ferida em seu pudor angelico...

— Penso em cousas mais futeis do que sérias, meus pensamentos voam bem longe do ponto onde os julgo...

— Bravo!... proseguiu D. Margarida com malicia, não posso deixar de admirar tanta discripção em tão verdes annos...

— Madrinha, replicou a moça amuada, tentando por este modo evitar uma conversação que podia arrastar o desenlace sobre o assumpto; já vejo que quer advinhar á força.

— Eis o que chama-se vaidade de moça bonita...

— Como assim!?

— Simplesmente. Não é necessario muita perspicacia para saber o que vai dor uma cabeça de deseseis annos como a tua, ornada com os primores da belleza e aureolada com os tributos da admiração...

— Disse muita cousa bonita, continuou a moça sorrindo-se, mas sem ter advinhado nada.

— Com razão justificada, porque não concedeste-me liberdade para expandir-me.

— Fica concedida toda, minha madrinha, diga-me qual era a causa da minha meditação, já que se mostra tão cheia de sua penetração.

— Presta-me atenção e escuta-me. Imagina que esta sala modesta em que achamo-nos, converte-se pelo poder de minha palavra em um jardim, e que cada objecto que encerra, não excluindo-te mesmo da minha colleção de objectos...

— Muito agradecida...

— Torna-se pelo mesmo modo uma flor. ...

— Ah! e eu passo a flor?

— Sim, e como de todos és o de mais valor, faço-te rosa, que entre suas irmãs sempre symbolisa a realza...

Muito bem, serei a rosa; mas Vmc. o que será minha madrinha? interrogou a moça inteiramente interessada pelo castello no ar, debuxado por D. Margarida.

— Curiosa, sou a jardineira, sendo tão cumpridora de meus deveres, que estou dando tratos á imaginação para saber que pesares tem minha flor predilecta que encontrei-a pendida no hostile, envolta n'um mar de scismas...

— E sabe já a causa dos tristes da filha dilecta de seu jardim?

— Sei, embora custasse-me muito trabalho e não pouco estudo, é uma historia bonita, que vou contar-te...

— E eu estimo, estou gostando tanto de ouvil-a...

— Lisongeira!... Ouve-me, sem licença de me interromperes.

— Ha duas creações na natureza, que sempre tem um prestigio justo, preitos entusiasticos; são as mulheres e as flores, entes inseparaveis e tão ligados entre si que não podem amar um sem admirar o outro, ambos inspirando amores a quem sabe venerar o bello.

Foram estas as causas que tornaram entristecida a minha flor predilecta, um colibri e uma borboleta rendem-lhe vassalagem, e ella inclinada no hastil pedia a seus pensamentos intimos uma solução que não é mais nem menos do que uma escolha. Está finalizada a historia promettida.

— Concluida!?!... Sua historia é um enigma indecifrável, minha madrinha, se não quer que eu ignore, ponha-a mais visível á minha pobre intelligencia.

— Pois bem, recorramos ainda á imaginação que é sempre fertil em recursos. Imagina que a flor, heroina da minha historia, és tu; que os dous vassallos são os dous pretendentes que aspiram teu amor e terás facilmente o enigma decifrado.

— Marida enrubecera com um desenlace tão inesperado; tarde conhecia os rodeios feitos por sua madrinha para desvendar os arcanos de seu coração de moça. Sentindo-se então ferida em sua vaidade por ter quasi cahido no laço armado por sua mãe adoptiva, jurou comsigo não abrir o livro de sua alma senão para si, e deixando de lado o agastamento que lhe inspirava semelhante procedimento, disse com um sorriso forçado:

— Muito grata lhe sou, madrinha, pelo papel de protagonista que concedeu-me em sua historia.

— Com sinceridade, Marina, não era uma escolha, entre dous pretendentes que fez-me encontrar-te meditativa ainda ha pouco? E na balança de tua consciencia não concedeste o melhor quinhão á Jorge, que com justiça não se póde negar-lhe?

— Que! pois é possível, disse a moça erguendo-se, que quem sabe advinhar, esteja ainda em duvida!? Ah! já vejo que a madrinha lê a buenadicha por vaidade...

— Dizes bem, replicou D. Margarida, assim como tu és discreta por capricho.

— Ora!... finalizou a moça soltando uma risada, e retirando-se da sala enquanto D. Margarida despeitada ficava murmurando entre dentes:

— Meninas!... meninas!...

(Continúa).

A MORTE DE UMA FLOR

N'uma aldéa visinha d'esta cidade, habitava ha poucos annos uma familia, que se recommendava sobretudo pela austeridade de costumes, e pela lhaneza com que obsequiava os viajores que a mandavam em busca de repouso para as fadigas da jornada.

Dois velhos e uma linda menina — compunham essa feliz familia.

Aquelles, chegados ao ultimo quartel da vida, consagravam o tempo em resar as suas contas e dar conselhos á interessante mocinha sua neta.

Delmira era extremamente amada por seus avós, que nella admiravam a peregrina belleza da filha que Deos levára para si na primavera dos annos.

Educar a neta nas virtudes que faziam o ornamento da filha; ensinar-lhe os preceitos da religião christã; repetir-lhe lições de sã moral, — tudo isso era tarefa que os bons velhinhos desempenhavam gostosamente.

Um dia Delmira sahiu a passear pela campina com permissão de seus avós.

Era n'uma d'essas magnificas tardes de Setembro.

Que delicia ver as longas latadas de rosas a inundarem a campina com o seu dulcissimo arôma.

Que magico encantamento para as almas poeticas contemplar as arvores cobertas de folhas, as flores a ornarem os campos, e a brisa em brando ciclo entoando um hynno ao creador de todas essas magnificencias!

Horas de poesia! horas propicias, em que o deus do amor percorre deliciado a extensão do valle, tocando com a ponta da setta aquelles que encontra no seu caminho!

Tu lá estavas, Delmira; tu permanecias estatica diante de tão soberbo espectáculo, ainda mais realçado pela purpura do firmamento e pelo prateado das aguas ao reflexo do sol.

De repente notou Delmira que ao longe se erguia um monte de poeira.

Julgou que fosse isso prenuncio de tempestade, e por mais esforços que fizesse para recolher-se á casa, estava immovel; parecia que uma força occulta a prendia no lugar onde parára.

A poeira mais e mais se foi approximando, até que Delmira pôde distinguir o vulto de um homem, que montava um fogoso cavallo.

O seu coração estremeceu nesse momento, mas a sua agitação era inteiramente desconhecida para a donzella; um novo sentimento a inspirava.

O vulto approximou-se.

O cavallo vinha furioso; e as instigações do cavalleiro ainda mais accendiam-lhe as iras. Assim foi que n'uma carreira vertiginosa o ca-

valleiro foi ao chão, e o cavallo á disparada sumio-se entre arvores que ficavam junto ao mar.

Delmira correu para junto do cavalleiro, que era um esbelto rapaz de 28 annos mais ou menos.

O moço tinha um leve ferimento, mas estava semi-morto de cansaço, visto que não pudera conter a marcha phrenetica do animal.

Delmira conduzio-o á casa e apresentou-o a seus avós, contando-lhes fielmente o successo que se acabava de dar.

Ajudada dos bons velhinhos, Delmira dispensou toda a sorte de cuidados ao hospede, velando noites inteiras á sua cabeceira, depois que uma imprudencia do moço tornou de gravidade a ferida.

Antonio Maria era um mancebo impaciente, que ardia em raiva por causa do fatal incidente, que viera difficultar ou demorar a marcha regular de seus negocios.

Delmira pouco vivia já para seus avós; a maior somma de carinhos era para o seu doente, a quem acompanhava algumas horas no dia e durante toda a noute.

E' que a pobre menina não via mais em Antonio Maria um indifferente, que um acaso trouxera á sua casa, e que seria esquecido ao dia seguinte do seu restabelecimento e partida; Delmira sonhava um mundo de felicidades e indefiniveis delicias nos braços do homem para quem o impulso do coração a attrahia.

Amar em silencio! Que martyrio não deve ser suffocar no peito as pulsações vehemente, abafar nos labios unguídos de amor a expressão que traduza o sentimento que nos enche a alma!?

Que cousa terrivel para a jovem Delmira amar com o fogo dos 15 annos, com a força de uma primeira paixão, e ter de occultar a todas as vistas a luta atroz em que se achava empenhada!

O resultado é que Delmira ficou extenuada de forças; as roseas faces tornaram-se pallidas; os labios de anjo não mais se entreabriram n'um riso, que resumia um poema de ineffaveis venturas.

Delmira cahiu doente quando Antonio Maria obtinha licença para erguer-se do leito, e fazer curtos passeios pela manhã e ao cahir da tarde.

O moço não voltava da sua digressão sem trazer á sua enfermeira uma flôr colhida no campo, cujo perfume ella sorvia a longos haustos, depositando-a depois junto á cama.

Completamente curado e já reanimado das perdidas forças, Antonio Maria despediu-se dos seus bemfeitores, protestando aos velhos perenne gratidão, e desejando a Delmira um marido, que pudesse dar o devido apreço a um thesouro de tão alta valia.

Que espinhos tão crueis a lancearem o coração da pobre menina!

Para não ouvir taes palavras, Delmira fôra capaz de fazer o sacrificio da sua existencia.

Ver morrer n'um instante os sonhos doirados que a sua phantasia creou; ver fugir o esposo que o coração escolhera, sem que nunca lhe houvesse dito uma só palavra de amor; sentir viuva a alma dos novos affectos que silenciosamente se foram nella creando, eram lances horriveis a que não podia resistir Delmira, já enfraquecida por alguns dias de molestia.

Os velhinhos tudo envidaram para salvar a desditosa criança, sobre quem concentravam todas as suas esperanças e affeições; mas estava escripto que mais uma pagina devia encher-se no livro dos mortos.

Uma manhã Delmira quiz despedir-se dos lugares onde se creára e que haviam sido testemunhas da ventura dos seus primeiros annos; não a dissuadiram do seu proposito as objecções feitas em contrario.

Sahiu; percorreu o seu jardim; osculou as flores iriadas de orvalho, que o vento da noite fechára e os beijos da manhã iam abrindo; pelos seus bellos olhos negros rolaram duas lagrimas, bastantes para expressar o sentir de sua alma.

Olhou para tudo com tristeza e voltou pausadamente para casa.

Os velhinhos seguiam-n'a, occultando as lagrimas que lhes humedeciam as palpebras.

Chegada á casa, Delmira tomou um espelho e olhou-se.

Que melancolico riso lhe pairou nos labios! A victima resignada via prestes a consummar-se o seu sacrificio, e sorria talvez das transformações que a molestia lhe fizera nas candidas feições.

Depois dirigiu-se ao oratorio e permaneceu largo tempo de joelhos toda entregue á oração. Delmira confessava-se á Deus, e pedia-lhe perdão de tudo haver esquecido para amar com todas as veras d'alma.

Os avós lançaram lhe a benção, e Delmira exhalou o derradeiro suspiro com as mãos erguidas ao céu e um riso angelico nos labios.

Pobre menina!

Morreu por ter amado tanto, sem ser comprehendida!

O seu espirito alou-se ao seio de Deos, e o seu corpo ao dia seguinte era levado ao cemiterio.

Infeliz Delmira! o teu primeiro, o teu unico amôr foi tambem a corôa do teu martyrio.

Flôr mimosa, nascida aos osculos da madrugada, acalentada aos raios beneficos do sol, pendeu na haste ao sopro da ventania da noute.

Anjo de brancas azas, passou sobre a terra immaculada, para ir ajoelhar-se aos pés de Deos.

—oOo—

Os velhinhos não sobreviveram ao golpe.

Tendo vivido da vida d'aquella menina, seguiram-n'a na morte!

Aurelio de Bittencourt.

POESIAS

AFFONSO MARQUES.

Amanhã gelida a fronte
Das lutas na desventura
Quem sabe na sepultura
Não sonharei mais em vão!

Affonso Marques.

Ali descansa um vulto no silencio!
Os olhos já sem luz estão cerrados,
Os labios sem calor:
A vida que inspirára aquella fronte
O simun passageiro arrebatára
Nos martyrios da dor!

Porque se perde o pensamento humano
Quando se arroja nesse cháos immenso,
E o não pôde vencer?
E' qual madeiro que no mar lançado
A' tona vive no valvem das ondas
Sem nunca perecer!

O filho do Himalaya ardendo em crenças
Vai ao fundo do Ganges ver a morte
Quando pensa nos céos:
A chamma que refulge-lhe na mente
E' que além d'este mundo existe um outro:
E' o instincto de um Deos!

Millèvoye, recorda-me o caminho
Que leva-nos da terra ao lar celeste
Além da cruz, do pó!
Ensina-me a vereda d'esse mundo,
Essa escada fatal com que sonhaste,
Como outr'ora Jacob!

Ah! se eu pudesse prescrutar o arcano
Que guarda a lousa solitaria e muda
Na tréva sepulchral!...
Problema santo que só Deos decifra;
Mas esperemos que se acorde o canto
De Josaphat no val!

Quando lá da montanha o Nazareno
O suspiro final soltou pungente,
Toda a terra tremeu!
E perante as nações em lettras igneas,
Como as que Constantino viu nos ares
Mais um factu escreveu.

E o mortal ao nascer vê no horizonte
O sublimado signo do Calvario
Abrasado de luz!
E dentre os céos e o mundo levantar-se
Uma estrada risonha e florescente:
De Jesus Christo a cruz!

Eu pobre caminheiro desta vida
Trago as flores mais puras e singelas
— Da saudade e do amor.
E nessa cruz funerea que se eleva
Entre a minha existencia e a eternidade
Hoje as venho depôr!

Oh! possam elas lembrar que os sentimentos
Que o pranto me derrama dentro d'alma,
Te pertencem, são teus!...
E vive lá no céu feliz e grande
Por sobre o pedestal de tantos louros!
Adeus, Affonso, adeus.

Agosto—1872.

J. C. L. Barreto.

RECITADA N'UM DIA DE ANNOS.

Se quiz a sorte que privada fosses
Dos mimos doces do paterno amor...
Que no teu dia natalicio, ao menos,
Não venhão threnhos de afflictiva dôr!

Desça a alegria a illuminar-te os seios,
Dê-te os enleios de um supremo gôso...
Que apoz as luctas da procella escura
Vem da ventura perennal repouso.

Reviva a esperança no teu seio virgem,
Demanda a origem do supremo bem,
Semela affectos no correr da vida,
Busca querida, o que dos céos só vem!

E se algum dia te mostrar a sorte
Que és pouco forte p'ra mundana cruz...
Tens no meu seio maternal conforto,
Tens p'ra o teu horto d'aminh'alma a luz!

Filha querida, neste dia ao menos
Não venhão threnos de afflictiva dôr...
Se deu-te a sorte da orphandade os louros
Tens os thesouros do materno amor.

Outubro—1872,

Athos.

Um beijo.

Meu anjo, escuta: s'eu ousasse agora,
Submisso ás plantas de teu talhe altivo,
Pedir em paga d'este amor — um beijo
De affectos cheio... d'um penhor captivo;

Responde: acaso negarias, bella,
Ao pobre vate que te adora, ai tanto...
— Um beijo, um riso d'esperança infinda,
Um leve abraço de sublime encanto?

Não creio. — E's boa, carinhosa e terna;
Meiga pombinha que seduz, que prende!
Não póde em meio a candidez d'essa alma
Brotar a chamma d'um amor que offende

E's boa e bella... Tanto amor inspiras,
Desejos tantos — qu'inda mais não ha!
Por mais que o queiras recusar meu anjo
Não creio, archanjo, que tu sejas má!

Dâ-me portanto de teus labios, anjo,
Um beijo em paga d'este amor que é teu:
— Unico anhelo — qu'inspiraste ao vate
Quando a teu lado tão feliz viveu!

Setembro—1872.

Theodoro de Miranda

AGAR.

De quem fóra tão querida
Lá vai ella repellida,
Lá caminha a pobre Agar!
Nos braços leva seus filhos,
Do deserto segue o trilhó,
Lá vai a triste a chorar.

Por muitos dias, errante,
Desnortêa a escrava amante
Nos plainos de Bersabé;
Incerta, vagueia á tóa,
Bem como a ave que vóa,
Sem achar abrigo ao pé.

Ao ardôr da intensa calma
Sente a dôr no fundo d'alma,
Quando ella o filhinho seu
Vê chorar de fome e sêde!
Ergue a vista, o espaço mede —
O deserto abrange... o céo!

Sem um raio de esperança,
Ao ver de sêde a criança
Offegar, perder a côr,
Sob uma arvore que via
A pobre escrava judia
Foi o menino depôr.

A mãe não tinha coragem
Para ver do filho a imagem
Fria, immovel se tornar...
"Vê-lo assim morrer não quero!"
Disse a escrava em desespero,
Disse a mãe a soluçar!

Mas pae é Deos por essencia
De desvalida innocencia:
A voz do menino ouviu,
E, juncto á mãe succumbida,
Do Senhor logo em seguida
Anjo formoso surgiu.

Chamou por ella o enviado:
"Aqui neste descampado,
O que fazes tu, Agar?
Não temas, toma o menino,
Que a estrella do seu destino
Inda muito tem que andar.

"Teu filho, debil renôvo,
Será pai de um grande povo —
Povo de eterna missão!"
E ergueu-se, e viu a escrava
Fonte do céu que espelhava
O porvir de uma nação!

Deu de beber ao innocente,
Que alli no deserto ardente
Altivo e forte cresceu...
Tornou-se um habil frecheiro,
Chefe de um povo altaneiro,
Que muitos povos venceu!

Stará sempre na memoria,
Eterna será na historia
Essa escrava d'Israel;
E com fâma a ella unido
Esse filho conhecido
Felo nome d'Ismael.

Bernardo Taveira Junior

FOLHA SOLTA

DEVANEIO.

Si tu rêves, je t'aime...
Statue, mais si belle, peut être
Je t'aimerai.

E. Sauvestre.

Ao correr da noute quando a alma scisma
E vai tristonha remontar-se a Deos,
Não sentes pura, divinal imagem
Passar serena pelos sonhos teus?

Um novo mundo não assoma ingente
Bello, sublime — primavera em flores,
E a casta imagem não te estende os braços.
Não diz-te: amemos em febris languores?

Bem como o echo de suave accorde,
De harpa ecoa a melodia infinda,
Amuleto santo — do passado os sonhos, —
Não vem a frente te beijar ainda?

Depois imersa n'um scismar profundo
Agra saudade não te agita o Ser?
E a crença — incerta como o cirio aos ventos.
Não sentes n'alma vacillar, morrer?!...

Ai vinte annos! mocidade ardente,
Virgineo leito trescallando olores,
Poema santo de divinos cantos,
Prisma fulgente de brilhantes cores!...

.....
.....
Ou és, quem sabe, d'essas almas gelidas,
Estatuas gesseas — que só tem alvor,
Marmoreas frontes a quem falta a vida
Peitos de neve p'ra vibrar amor?!

Mirraste acaso as illusões floridas,
Crença sublime de sagrado arcano.
Perola solta na — poeirenta estrada
Perdeste o brilho no lutar insano?!

Que importa! escuta: que a insomnia ardente
Por noutes longas me quedou a frente,
E nessas scismas de tristura infinda
Amei na febre o teu semblante insonte...

Brisas que passão, trescallando puras,
Doces, suaves, celestiaes perfumes,
E a mente enlevão em languidez serena,
E o peito incendem com fulgentes lumes;

Assim em minh'alma tua imagem pura
Passou divina, em radiante luz,
E ergui-te um canto como a prece pura,
Que o crente reza nos degráos da cruz!...

Só no mysterio; no silencio, a medo,
Tenho um romance de fatal amor;
Abri o peito da tristura aos cantos,
N'essa endeixas que alimenta a dor.

E amei na sombra... no deserto a planta
Occulta ao mundo por espesso véo,
Cresce e viceja ou se desponta e morre
Não vio-a a turba, mas o soube o céo!

E tive medo de dizer-te: amo-te,
N'esse delirio de febril paixão;
Quem sabe — estatua em pedestal de ouro
Sorrindo gelida me dicesse — não!...

E amei-te muito, do porvir a gloria,
Crença sublime que acalenta a alma,
Tudo esquecera, — se pudera um dia
Do amor nas lutas alcançar a palma.

Mas não... A fronte me assellou tremendo
Negro fadario que é mister cumprir,
Vive em teu leito de virgineas flores
Deixa meu canto n'amplidão carpir!...

Affonso Marques.

CHRONICA

O mez que hoje finda não abundou em novidades, que mereçam a honra de occupar as paginas da **Revista**.

O theatro que poderia dar assumpto para largos commentarios já quanto ao merecimento da composição dramatica, já em relação ao desempenho, fechou as suas portas, ficando senhores do edificio os morcegos e as aranhas.

E' verdade que tivemos um concerto e dous bailes; mas posso eu descer a detalhes sobre essas festas quando a imprensa diaria d'ellas se occupou desenvolvadamente, com especialidade **Degenais**, o distincto folhetinista da **Reforma**?

—oOo—

Cessou o combate nos arraiaes politicos.

Os vereadores já fizeram soar a ultima nota do hymno de seu triumpho; os vencidos attribuem a causa da perda a este ou aquelle motivo, e no campo da opposição retemperam as forças para a pugna que se seguir.

Ao movimento politico, que occupou quasi geraes attenções, succede outro, que infelizmente passa desaperecebido a muita gente.

Entretanto, se confrontarmos os resultados de um e outro sob todos os pontos de vista, chegaremos á conclusão de que a provincia tem tudo a lucrar da agitação que agora se manifesta, e é consequencia da tenacidade de esforços do **Parthenon**.

De facto, em 1868, quando alguns moços, poucos é certo, se congregavam no proposito de arrancar a litteratura á prostração em que se achava na capital, e fundavam o **Parthenon**, a sua nobre tentativa era recebida com o riso do ridiculo por uns, qualificada de arrojada pela maior parte.

Tendo n'alma a fé e esperanza, não descansaram os modestos lutadores, e dentro em pouco os seus esforços em prol das letras mereciam unanimes applausos, porque todos afinal tinham comprehendido que o acto de 18 de Junho de 1868 não fôra mera diversão de crianças.

Por um trabalho de todos os dias tem a associação conseguido muito no seu louvavel empenho; e hoje o **Parthenon** tem razão de ufanar-se quando a provincia, pela voz dos seus orgãos na imprensa, o aponta como autor da grande ebullição que se opera em relação á litteratura rio-grandense.

D. Amalia Figueirôa, inspirada poetisa rio-grandense, cujas estrophes ungadas de sentimento não ha quem deixe de ler com interesse, vai publicar um volume de versos sob o titulo de — **Crepusculos**.

Em luta constante com a adversidade, D. Amalia se apresenta aos seus patricios pedindo protecção para o seu mimoso livro, escripto em horas de desalento e angustia; e o publico porto-alegrense, que tantas

vezes dá immerecida applicação ao dinheiro, deve animar a distincta poetisa, incitando-a a mais arrojados vãos, para o que sobram-lhe disposições.

Mucio Teixeira, menino de 15 annos, e que já figura com vantagem entre os poetas de nossa terra, vai tambem publicar um volume de suas poesias, a que deu a denominação de — **Vozes tremulas**.

Formo a mais lisongeira idéa d'essa criança, e faço votos para que não arrefaça o ardor no caminho que vai trilhando, certo de que conseguirá firmar brilhante reputação, se fôr constante ao estudo e docil ás lições que consocios mais autorisados lhe ministram.

—oOo—

Mais dous livros de versos devem ver a luz da publicidade no Rio de Janeiro.

Os seus autores não são desconhecidos para muitas pessoas em Porto Alegre.

O Dr. Luiz Guimarães Junior, nos folhetins do **Diario do Rio** e em differentes livros já publicados como os **Nocturnos**, tem demonstrado as louçanias de seu talento.

Joaquim Serra, espirituoso folhetinista da **Reforma**, tambem em delicados versos nos tem provado que não desmerece de tanta intelligencia brilhante que tem produzido a provincia do Maranhão.

A litteratura nacional precisa bem de ser enriquecida, e por isso bem hajam todos aquelles que lhe consagram as horas de ocio.

Trabalhem para eleva-la á maior altura todos os que podem fazer-o; não lhes sirva de obstaculo o indifferentismo de uns, o máo julgamento de outros; a justiça do futuro abençoará os serviços que houverem postado á causa das letras.

Aurelio de Bittencourt.

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTENON LITERÁRIO

—oOo—

2.^a Série — Novembro de 1872 — N.º 5

—oOo—

PÔRTO ALEGRE

TYPOGRAPHIA DO CONSTITUCIONAL

1872

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appolinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio Virissimo de Bittencourt.
Francisco J. de Sá Brito.
Manoel Gonçalves Junior.

REDACTOR DE MEZ

Manoel Gonçalves Junior.

DIRECTORES

Achilles Porto Alegre.
Hilario Ribeiro.



D. DELFINA BENIGNA DA CUNHA

ESBOÇO BIOGRAPHICO

A provincia do Rio Grande deve sempre ufanar-se de ter sido a patria de D. Delfina da Cunha, uma das mais distinctas poetizas brasileiras já por seu brilhante éstro, já por sua elevação de espirito, sobrepujando á desventura, que, tomando-a no berço, foi-lhe guia até á sepultura.

Coração cheio de doces sentimentos, alma repassada de uma tristura infinda, D. Delfina da Cunha modulava carmes que bem exprimião pezares.

Era uma infeliz talvez, que, não podendo vêr o recamo do céu e das campinas, exhalava suspiros, que gemião com as brisas embalsamadas, e ião transformar-se em hymnos de adoração aos pés de Deos.

—oOo—

Nasceu D. Delfina da Cunha em a estancia do Pontal, de S. José do Norte, em 17 de Junho de 1791, sendo seus pais o capitão-mór Joaquim Francisco da Cunha Sá e Menezes e sua mulher D. Maria de Paula e Cunha.

Aos 20 mezes de idade, quando a provincia assaltada pela epidemia das bexigas, D. Delfina, ferida pelo terrivel flagello, tinha as faces humedecidas pelo angustioso pranto de seus pais, que em fervorosos votos, e curvados sobre o seu berço, pedião á Deus a salvação d'aquella que lhes era doce consolo na vida, e objecto de seus mais puros affectos.

Deus ouviu as preces cordiaes que a seus pés subião, e a infeliz creança ergueu-se, tendo na frente a luz divina da inspiração.

Mas a doença terrivel quiz deixar vestigios de sua passagem, privando da vista a infeliz apenas no despontar da vida.

Era uma magoa profunda a dilacerar-lhe o coração revestido de sublimes virtudes, e por certo a causa da doce melancolia que repassava os seus versos.

D. Delfina da Cunha, tacteando nas sombras de uma noite eterna, consolava-se nos cantos que produzia como um reflexo de sua alma.

Foi uma de suas primeiras composições o seguinte soneto, em que traduzem-se os pezares que lhe ião no coração:

Vinte vezes a lua prateada
Inteiro rosto seu mostrado havia,
Quando terrivel mal que já soffria,
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céo e o sol sendo privada,
Cresceu a par de mim a magoa impia;
Desde então a mortal melancolia
Se vio em meu semblante debuxada.

Sensível coração deu-me a natura,
E a fortuna cruel sempre comigo,
Me negou toda a sorte de ventura.

Nem sequer um prazer breve comsigo;
Só para terminar minha amargura
Me aguarda o triste sepulchral jazigo.

Que harmonia, e ao mesmo tempo que tristeza!

Mas era natural; não lhe bastava a luz do genio, era mister a luz da vista que a desgraça lhe arrebatára.

Ella ouvia o sussurro dos regatos, o segredar das brisas por entre as flores, e o modular das aves; mas não via o esmeraldino das campinas, o brilho do sol e das estrellas, a placidez dos lagos espeelhando o azul dos céos, o magestoso emfim da natureza.

Se a sua imaginação ardente esvoaçava ás vezes em rebrilhos, tambem subito tombava, assaltado o espirito pela idéa da desgraça que a ferira.

D. Delfina era uma poetisa-genio, não via o que cantava, e no entanto dedilhava doces accordes em sua lyra de oiro.

Sonhos mimosos poavão-lhe, talvez, o espirito de imagens seraphicas, que lhe inspiravão, e então canções singellos desprendião-se de seus labios.

A's vezes, como que esquecendo pezares, ella começava a cantar com o riso no coração, e remontava-se fagueira rompendo o espaço; mas logo esvaecia-se aquelle riso ao grito doloroso da alma, debattendo-se aos vendavaes do infortunio.

Além da tristura que a acompanhava, D. Delfina da Cunha, passou em 1826 pelo dissabor de perder seu pai, golpe que renovou-se em 1833, pelo fallecimento de sua boa mãe.

Mais deserto assim seu coração, e pungido pela saudade filial, exhalou doridos suspiros, ungidos da mais doce melancolia.

Disse ella em sua justa lamentação:

Foi perdendo-os, que eu vi, que nada via,
E assim, duas vezes de meus olhos
Vi sumir-se essa luz maravilhosa,
Essa luz, que procuro, e que não acho...

D. Delfina tendo implorado a clemencia do Sr. D. Pedro I, assim se dirigio áquelle monarcha:

Quem te falla, senhor, quem te saúda,
Não vê raiar de Phebo a luz brilhante;
Dá-lhe pio agasalho um breve instante,
Seu fado imigo, em brando fado muda:

A sustentar o peso assás lhe ajuda
De uma vida que á morte é semelhante,
Não chegue ser afflictta mendigante
Quem um tal protector roga lhe acuda

E' por ti que eu espero ser contente
E supponho, senhor, que não me iludo,
De tua alma a piedade está patente:

Que tenho em Pedro, o grande, um fort'escudo,
Creio, folgo, e affirmo affoutamente,
Que és pai, és bemfeitor, és nume, és tudo.

Alcançou uma pensão em attenção aos relevantes serviços prestados por seu pai na carreira das armas; e pouco tempo depois deste facto, ella publicou as poesias offerecidas á suas patricias, e cujo prologo é este:

Em versos não cadentes, ó leitores,
Vereis os males meus, vereis meus damnos;
Da primavera as galas e os verdores
Não forão para os meus primeiros annos.

Mesmo na infancia a exp'rimentei rigores
De meus fados crueis sempre inhumanos,
Que só me destinarão dissabores,
Meus males revolvendo em seus arcano.

Sem auxilio da luz que o sol envia,
Versos dignos de vós tecer não posso;
Desculpai minha ousada phantasia.

Com estes cantos meus, môrtaes, adoço
A magoa, que o meu estro só respira;
Se merito lhe dais, é todo vosso.

Tendo rebentado a guerra civil na provincia, e que durou 9 annos, derramando inutilmente o sangue brasileiro, foi D. Delfina obrigada a procurar um asylo no Rio de Janeiro, onde já havia estado por occasião de dirigir-se ao Sr. D. Pedro I.

Ali conservou-se por algum tempo, sendo-lhe dispensado sempre bom acolhimento.

Voltou de novo á provincia, onde pouco demorou-se, emprehendendo outras viagens ao Rio e á Bahia.

Aqui fez ella duas reimpressões de suas producções poeticas, entre as quaes sobresaem — a em que celebra o triumpho da independencia nacional, a em que canta os favores que recebera de D. Pedro, a em que retribue os encomios que lhe tecerão os poetas seus contemporaneos, e outras.

A breve noticia que escrevemos sobre D. Delfina, cognominada vulgarmente a — Cêga — não nos permite dizer mais; e mesmo quando o tentarmos fazer, faltar-nos-hião dados, aliás difficeis de obter. Valeu-nos agora o livro — Brasileiras celebres, do Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, que a respeito desta brasileira pouco diz.

Concluimos, pois, citando a data do fallecimento da insigne poetisa o qual teve lugar no anno de 1857.

Araujo e Silva.

O VAQUEANO.

(NARRATIVA)

XVII.

A GAVOTTA FATAL

Seguiu-se um baile.

A familia de Capinchos compareceu com outras dos arredores. Rosita tinha então quinze annos.

Jámais pubescencia radiára com tanto viço e frescor ao sol da vida. Não era dessas figuras aéreas de nossas cidades, que tão apropriadamente os poetas de hoje, sem saber-o, chamão visões vaporosas. Não, n'ella havia a belleza physica em toda a plenitude; contórnos cheios, guardando a mais exacta eurithmia em suas partes e a flexibilidade da creciuma n'um porte de palmeira. A fina cutis transparecia reflexos roseos e não o morbido pallor, que hoje faz o encanto de tantos olhos degenerados e myopes. Era uma creação que destacaria esplendida do cinzel d'um Scopas ou da téla d'um Praxiteles; o typo da serrana riograndense que traz em si a pureza de linhas no perfil como o ar que respira-se nas cordilheiras.

Porém, nos olhos é que ella vivia e reconcentrava toda a alma, intelligencia, graças, pudor, donaire e vida; nos olhos tão meigos e melancolicos, velados pela sombra d'uma scisma, quando vagueiavão após o indefinido e dubio de um sentimento, que ella ainda não conhecia; tão mimosos, castos, risonhos e travessos entre as galas florescentes dos quinze annos; tão esmagadores, soberano, terriveis e deslumbrantes, se tradução as tempestades de seu coração!

Valia a pena possuil-os!... Quem não amaria o poema cujas estrophes fossem dias de ventura? A cadêa, cujos élos fossem grinaldas de balsamicas flores?

Eis a linda moça com que já ao principio travamos conhecimento! Quão differentes não são os periodos!? Que distancia entre ambos!? Como a vemos e como vimol-a!? Aqui ala nas azas doiradas de um sonho para as devesas do infinito, o provir é a nuvem rozicler que baloiça á viração matutina, a existencia é um sorriso de anjo; lá, o coração geme ao peso de uma realidade tremenda, desabrido tufão encapella o temporal n'um céu de bronze, a esperanza aponta-lhe um tumulo, como o marco de repouso.

A historia de sua felicidade foi curta, como vão vêr.

O baile esteve animado. O véo da tristeza, se velara ali algum semblante, breve cahio.

A dansa porventura espedaçou-o em seus vortices rapidos e doidejantes.

As violas, machêtes e duas flautas esparecião os animos em cada retornello, em cada nota desferida. Os tocadores gradativamente forão

tomados de entusiasmo, e arrancavão á porfia dos rudes instrumentos melodias em delirio.

Campava o fandango em suas multiplas especies, e como novidade da epocha a gavotta, que nascera na opera franceza no seculo anterior e fôra depois preparada para os salões por Gardel. Quando a Europa cançára de ouvir e vêr a interessante combinação choreographica, ella fez sua entrada na America.

O baile, em que todos tomavão parte, interrompia-se, só o cavalheiro e a dama, que ião executal-a, ficavão no meio da sala.

Avençal dansando-a com Rosita tivera uma noite de triumphos. Que lindo par, disserão a uma voz, quando os virão a primeira vez. Como todos os olhares convergirão sobre elles, os devorarão!

E como ião bem, encetando-a com o passo de minuête grave e tristonho, seguido de um movimento ao principal lento, augmentando pouco a pouco até o meneio delirante, a florêta febril, a alegria no auge?!

O moço n'aquelle momento esquecera as idéas sinistras, que o preocupavão de ordinario para voar no turbilhão da insania!

Os odios do mundo esvaecerão para fazel-o gosar fruições celestes, raras na existencia, por isso mesmo mais preciosas.

Ambos no arroubo dos sentidos agitavão-se em louco prazer. A face ardia-lhes purpureada pelo exercicio, os seios arquejavão de fadiga voluptuosa.

Durou um quarto de hora.

Quando terminarão, cubrirão-n'os de applausos.

Só Moysés não bulio.

A um canto vira com mãos olhos, o que o proprio Amaral approvava.

O mulato não abandonára de todo as suspeitas sobre o ex-poseiro. Se nunca ás communicára a outrem retido pela duvida, não era porque a mesma antecedencia não lhe sombreasse a frente. Uma voz intima lhe dizia: se algum dia descubrisse o bandido que trucidára a familia de Avençal, não seria outro senão Capinchos. Talvez prevenido porquanto este o fizera alvo de analoga accusação.

— O rapaz é capaz de arrastar cambão pela Rosita, reflectia Moysés, e se o pai é o tratante do assassino, elle a refugará ante a idéa de matal-o, como diante de um casamento. Careço de affastal-o de tal gentinha de minha quisilia; trago-a sempre pelo gasnete...

Terminado o saráo, quando preparava o arrasoado para indispôr o moço contra Rosita, uma india veio referir ao guayacanans que a taba tinha sido assaltada na vespera por uma tribu do norte, que lhes levará os utensilios, mulheres e filhos.

O grito de guerra dos selvagens sôou, e o mulato teve que partir com os irmãos da floresta.

Quasi um mez decorreu até á volta.

O que desconfiava, aconteceu.

José de Avençal e Rosita amavão-se até o delirio. Rútila inflorescencia que viçava com toda a ceiva do affecto, toda a vitalidade da paixão n'aquellas almas virgens e innocentes!

Attracção que os unia uma vez para não separal-as jámais, amor primeiro e unico que devia ser infeliz pelos erros dos antepassados!

Amavão-se, consubstanciavão-se n'uma só entidade, vivião por um mesmo pensamento, as mesmas aspirações e sonhos!

Pobre crianças!

A primavera é bella, mas o futuro é negro!

Emquanto as nuvens presagas, d'onde pende o tufão, não o des-

prenderem, aproveitem as migalhas da ventura, corrao o prado da vida, colhao suas flores, entranchem-n'as aos cabellos... amanhã seré tarde, o vento virá, e heis de vél-as esfolhadas em volutabros, tristes e flaccidas!...

Pobres crinaças! Nem vêm o que já se passa em torno!

Capinchos, cujo rosto á chegada de Avençol ficava a nuviado e taciturno, agora andava satisfeito. Já fallava no proximo casamento de ambos, affirmando que semelhante alliança constituia para elle a suprema felicidade na terra.

Moysés não menos sobrio.

Felizmente vendo os negocios mal parados, não quiz turbal-os nos castos devanêos.

Poupou-lhes por algum tempo o travo da taça amarga que tinham de prelibar.

Em retorno exigiu um juramento sobre uma sepultura.

Farão testemunhas no acto terrivel e solemne: Deus, a consciencia, o mulato e os espiritos evocados da outra margem da existencia: a eternidade.

— Juro, pronunciou calmo e firme, que esta mão, meus queridos pais, meus innocentes irmãosinhos, não desposará a Rosita, o que mais amo na terra, sem tél-a lavado d'uma nodoa.

— Basta.

E ambos abraçarão-se.

Em seguida vergarão o joelho sobre á terra da campa, e os labios pronunciarão fervorosa oração emquanto as palpebras installavão fio a fio serenas lagrimas de saudade.

Pelo dorso da mata perpassou um arrepio.

Um caboré, cortando o ar, soltou um guincho dolente.

O mais continuou como sempre.

No mesmo dia chegou um mensageiro da parte de Amaral.

O cavalheiro enviava muito saudar e a recommendação especial de não aviar com os negocios da familia, sem que elle tomasse parte ao menos, como testemunha.

Os negocios de familia não erão a vigança ha tanto preparada.

XVIII

A MARCA DE CAPINCHOS

Estava-se em 1827.

Era por uma noite de procella. O ribombo dos trovões augmentava de intensidade nas cavernas e profundezas serris, a chuva cahia em grossas bátegas, que irão açoitar phreneticamente a casa da estancia, e a rajada do vendalval tinha escassas intermittencias. A terra convulsava ao clarear incessante dos ralampagos. Era a epilepsia da natureza! O pandemio transmudado para a Vaccaria.

Torrentes espumeas, levando de envolta troncos e rochas, despehnavão pela rampa dos morros, colleavão em catadupas pelos convalles e desfiladeiros, e frementes e rapidas arrojavão as vagas da innundação sobre as uberrimas pastagens.

A abobada do céo era de uma phosphorencia deslumbrante e assustadora, cuspindo, a raros intervallos, um chuveiro de faiscas electricas.

No entretanto um homem desvivia fóra daquelle tumulto. Na sala recostado á mesa, alheio a quaesquer sensações transmittidas do exterior, em intimo recólho d'alma, elle transbordava de prazer na

contemplação de uma imagem que havia-se encarnado em sua pessoa. Elle, com os cilijs semi-cerrados em doce languidez a via destacar dentro da retina; a sentia unida a seu coração, tão unida como dois cactos gemeos, como dois raios de uma mesma estrella, duas petalas de uma mesma flôr.

A imaginação o arrebatava do mundo em suas azas coloridas e o deixava entrevêr — uma mansão de felicidade celeste ao lado do anjo que lhe absorvia todos os sentidos.

Baterão de riço á porta, e antes que o despertassem, foi necessario repetir as pancadas por varias vezes.

Ergueu-se ao ruido, sacudio os anneis de cabello derramados sobre a testa e foi abrir.

— Que noite horrivel! Quem será capaz de andar a taes deshoras e com um temporal d'estes?

Correu os ferrolhos.

A lufada escancarou os batentes.

O mulato, que ha muito não lhe apparecia, surgiu entre os umbraes, entrou e arremessando de si o ponche talar impregnado d'agua, cingio com ternura o mancebo.

— Com tal tempo, Moysés?

— Cumpro um voto, Avençal, respondeu com solemnidade.

— Qual?

Não obteve resposta.

— Eu te quero como um filho.

— Tenho bem vivas provas...

Elle atalhou-o:

— Isso não! que não pude dar ainda como sinto aqui, e poz a mão sobre o peito. Sabes o que recorda esta sala?

— Um crime que clama vigança

E uma ligeira sombra turbou-lhe o rosto

— Pois bem, o pé no estribo e avante!

— Descobriste! Interrogou com impetuosidade.

— Sabes que teu pai, se morreu, foi fóra d'aqui.

— Sei.

— Uma viagem?

— Perto, umas cincoenta quadras.

Com escuro partirão. O tempo estiava e promettia um bonito dia.

Breve deixarão o campo e sumirão-se sob o docel da folhagem pendente em laçarias que gottejavão brilhantes á luz matutina.

Irão silenciosos, embebedos em negros cogitares.

Em torno tudo respirava alegria.

Após uma noite tempestuosa, nada ha de comparavel ao albor da bonança. A vegetação, que aberta, retoma mais viço e esmeraldino esmalte, mais espalma e estende as ramas; o chilro dos passaros tem mais frescura e melodia; é o idyllio grandiosos da natureza, que se expande depois de uma espasmo de terror.

O sol já marcava seis horas, quando chegarão junto a uma cangirana secular.

— Aqui, disse o caçador.

Pararão.

No chão havia grande parte de um esqueleto. Faltava-lhe o lado direito desde o femur.

— Eis os restos de teu pai.

O moço curvou-se reverente, orou.

Moysés fez outro tanto.

Igual motivo os unia.

A prece no sertão é sublime. Parece que Deus deve ser mais visível no espectáculo maravilhoso da criação. Crêr-se hia ali que cada folha, cada brisa, cada volátil, murmurarão seu nome em mystico segregar, cada gotta espelha sua immensidade. Quantas vezes o homem a sós, no regaço da floresta, não ouve ruidos indefiníveis, que elle não pôde adunar no espirito a coisa alguma conhecida? Ora, suave cicio, como a nota de uma harpa eolia a prurir-lhe a alma; ora, um som profundo e mysterioso a premar-lhe o anhelito no labio? Sempre como uma voz que faz vibrar-lhe as fibras do sensorio, uma por uma, chamando-o a cogitações transcendentes sobre o immaterial?

Quem falla nas solidões?

D'onde vem o mysterio que recolhe a alma nas mais reconditas dobras de sua essencia?

Porque essa especie de respeito, melancolia e terror, que nos possui sob o pavilhão viridante das selvas?

Não será a intuição do infinito?

O mesmo phenomeno moral que observamos nos vastos plainos do mar, quando aos pés temos os abysmos imprescrutaveis das aguas, e sobre a fronte os abysmos sem fim do firmamento?

Por isso cremos não ha templo, onde a oração seja mais sincera e mais ouvida.

Em nossas cidades, estabulos em que se embotão as santas crenças e os ternos sentimentos, o labio balbucia geralmente o que não sente o coração. Dos fieis que enchem o recinto de uma igreja, poucos resão com unção, os mais satisfazem as conveniencias sociaes cumprindo authomaticamente as fórmulas de uma etiqueta. O culto das cidades, nos tempos que vão, é uma mentira, uma profanação consequentemente. Tambem o Senhor não se mostra nos focos de egoismo e hypocrisia; não tendo levitas, nem adoradores. — deixa os rebanhos contaminados pela febre do oiro, pelo virus de interesses reprovados, e deixa-os para não vê-los escravos de si, dos vicios e do crime...

Vae receber o voto das almas como Avençal e Moysés.

Erguerão-se os dois homens bastante commovidos.

Moysés mostrou uma veronica de metal no torso do esqueleto.

— Eis o como o conheci. Sabes onde foi ferido? No coração traiçoeiramente. E tirou d'entre as duas costellas uma faca cravada até o cabo. Apenas shio este, o ferro estava carcomido pela ferrugem.

— Enterremos os ossos e mostrou á Avençal uma cova feita.

O moço preencheu para com os despojos paternos as ultimas honras funebres, resolutivo, porém, sem dizer palavra. O mulato afastou-se por espaço, voltando logo. Trazia a femur e a ossada da perna e do pé.

— Alguma féra levou-os de certo, para longe.

Cheia de terra a cova, puzerão sobre um cruzeiro tosco de madeira, de antemão preparado.

Avençal estendeu o braço para o symbolo das rendenções e deixou cahir com ligeira emoção estas palavras:

— Meu pai, mais tres dias, o teu assassino não verá o sol nascer.

Voltou-se para Moysés:

— Agora partamos... Antes diz quem foi elle... Quem foi?

— Vês isto? E indigitou-lhe um esqueiro meio soterrado no solo e oxidado pela acção do tempo. Tomou-o no chão e entregou-o juntamente com o cabo da faca, que era de chifre com rudes lavores.

— Então?

— Continuemos.

— Moysés?

— Ainda mais provas heis de ver.

Continuemos.

Devarão mais algumas dez braços.

Moysés parou. Fez-lhe vêr um novo objeto, que pelos vestígios mostrava ter estado também engravado na terra. Era uma enorme chilena de prata.

Entregou-a ao moço, que o contemplava como quem não o comprehendia.

Retrocedeu, sem responder-lhe á muda como quem do gesto, e em igual distancia da cangirana, na parte opposta, colheu um fragmento de páo, um tanto eivado e se mcôr distincta.

— Era de cotia, disse, foi cabo de rêlha, a açoiteira apodreceu, eis o buraco em que entrava o tento e ali está a argola. Gil de Avençal foi batido primeiro com isto... aqui... A bordoadá atordoou-o e depois chegou vez da faca... Sim, foi aqui... pela banda de lá, fugio... E emmudeceu vergando a frente.

— Ainda não?

O caçador fallou grave e pousadamente:

— Ha cinco dias fiz a descoberta que vês, meu amigo, meu filho... Passei muito por perto desta arvore e nada via... As provas do crime estavam escondidas debaixo de galheira secca e troncos atravessados. Descobri por um bamburro. Eu corria uma anta. O animal na carreira desembestada levou a madeira por diante e deixou-me vêr a ossamenta. Mas eu tremo em dizer o nome de quem...

Foi interrompido por uma explosão:

— Não sou nenhuma criança, Moysés! Se vivo, sabes bem para que é.

— Então...

E vacillava.

O' falla, por Deos!

— Tens na mão o nome... No cabo da faca e do rêlho, no esqueiro e na chilena... Olha a marca... Coragem, meu irmão!...

O moço reparou, desprendeu um grito desesperado e terivel, abraçou-se ao estipite de um coqueiro, porque os olhos se empanavão na vertigem ao estalar do coração, e cahio nos braços de Moysés.

A marca era a mesma que tinha o gado de José Capinchos.

XIX

A CANGIRANA FUNERARIA

Tres dias depois vamos encontrar Avençal, pallido como um morto, em sua estancia.

Era uma mumia do que fôra.

A commoção moral o transformára em curto lapso. Ha um quê de avelhentado n'aquelle corpo no esflorir da juventude, uma ou outra plica já se esbóça nos braços hontem cheios de frescor e vida, hoje sombreados por um desalento precursor da morte.

As velhices prematuras são como os fructos lampos, trazem no seio acético amargume, que transparece na pallor da epiderme.

O moço está a espera de alguém.

Pelas quatro horas da tarde ouviu-se o chouto de um cavallo. Elle chegou á janella. Um ancião de barbas brancas e longas, cutis tostada com vincos profundos e verticaes no esvão da sobranceilha, olhar vi-

perino, nariz adunco como o do caracará, apeou-se do animal, onde os arreios desde a badana até a carona iriavão mil fulgores de finas pratas. O rabicho, o freio, a testeira e as cannas das redeas de delicada lonca, não carregavão menos thesouros.

Era José Capinchos.

Fizerão mutuos cumprimentos.

— Entonces, que retirada de nossa casa, Avençal? A Rosita não está muito ás boas contigo... Não queres deixar mais a querencia?

— Não é; vou partir. O cavalheiro de Amaral está em perigo de vida. Inimigos poderosos o rodeião. Vou partir e quem sabe se voltarei!? Moysés acompanha-me, por isso retiro-me entregando-lhe a administração da estancia.

— Mas que tu tens lá com os negocios dos outros?

— Amaral foi um pai que deparei. Minha vida e haveres pertencem-lhe, desde que os queira.

— Faz o que te bacoreja o coração; porém e o casamento?

O moço empallideceu, mas com esforço heroico respondeu sem titubar:

— Nada arreceie. Se parto, deixo a alma aqui. Tenho um thesouro occulto ali na serra, e como posso morrer vou confial-o...

— Um thesouro?! E os olhos lampejarão.

— Ouro em pó, e fitou-o com penetração.

— Em negocios de viver e morrer...

— O Sr. ficará meu herdeiro universal... Espere-me enquanto vou desenterrar-o.

— E' longe? perguntou.

— Não muito, uma legua.

— Vou contigo.

— Para que incommodar-se!

— Vou, é perto. Era boato antigo que teu pai tinha panellas enterradas com immensas riquezas.

— Sabia?

— Por ouvir dizer.

O espirito do ex-posteiro soffria uma revolução, que se revelava nos traços e lhe fazia ir machinalmente affagar o cabo de prata de uma faca terçada na cinta.

Miseravel creatura! Talvez estivesse pensando em matar o filho de sua victima; algoz desapiedado!

Ambos montarão a cavallo. Avençal carregava uma enxada.

Chegando na orela da mata apoiarão-se, pozerão a mania nos animaes e desaparecerão.

O moço percebia nos gestos de Capinchos máos designios, precedeu-o, mas guardando distancia.

Pararão. A noite havia descido. O velho sentia calafrios, os cabellos se lhe erriçavão na cabeça.

Avençal fez ponto de respaldo no tronco da cangirana, arrimou-se a ella com o coração aos impetos.

Capinchos, tacteando a treva, tocou a cruz. Estremeceu e perguntou em tom de terror:

— Onde estamos, José?

— Sobre a sepultura de meu pai, salteador!

A floresta illuminou-se de subito aos clarões de muitos fachos. Ninguém appareceu; no entretanto, se fossem procurar, encontrarião no cimo das arvores, nos esgalhos, atraz dos troncos, acorçados em toiceiras de arbustos, suspensos em cipós, deitados no chão, indios cujos arcos alvejavão no peito de Capinchos.

Na penumbra da cangirana havia um vulto em pé. Seu braço apontava um mosquete na mesma direcção, sua palpebra não interceptava o raio visual, parecia a de uma estatua de marmore.

Era Moysés.

— Lembras-te d'este lugar?

— Queres enxugar-me, dizia suffocando o medo para travar do acicalado ferro.

— Quatorze annos ha, meu pai cahio á traição! Tu, seu amigo, foste o autor de tão negro crime!

Não quero assassinar-te, velho, quero matar-te junto desta cruz... Vês? no chão ha armas de toda a sorte.

Escolhe... Devia tratar-te como um péro.

O outro retrucou com audacia:

— Como me trouxeste, té aqui, caboteiro, senão por embustes?!

— E crês que uma vingança não é um thesouro? Pesado, velho, bem pesado! Fez estalar-me o coração!

Capinchos ia dar um bote como uma caninana enfurecida.

Um grito terrivel abalou a floresta.

— Tênto, Avençal! Não brinques com a cobra. Basta de negaceiar.

Era tão ouco e subterraneo, que dir-se-hia sahir da terra. Era o caçador.

Capinchos saltou sobre uma espada e enveredou para o mancebo; este aparou o golpe que resvalou pela enxada e com um movimento rapido abaixou-se e tomou outra.

As laminas cruzarão.

— Por minha mãe, e fustigou-lhe a face.

— Elle cahio de joelhos.

— Em nome de Rosita, não me mates... Sou um infame, mas perdôa-me. Perdão! Moço, não queiras gloria sobre um homem morto, quebrado pelos annos... Sim, José... Pelo amor que tens a Rosita!...

Avençal arremessou a espada para longe de si.

— Não posso... não posso!

Moysés appareceu terrivel como uma borrasca.

— José, que fazes? bramou.

— Moysés, não posso...

— Então... Tambem eu tive um pai; vou vingal-o, porque tremeste, irmão branco!... O filho mulato fará o que não fizeste...

O ex-posteiro aproveitando o colloquio que apartava a attenção d'elle, ia atirar-se sobre elles, quando ouviu-se o ciciante estridor como de um bando de passaros ao levantar o vôo. Era uma chuva de frechas que forão embeber-se-lhe no peito.

Estava morto sem exhalar um gemido.

Os guaycanans mostrarão a face de cobre por toda a parte.

O caçador contemplou o cadaver nas ultimas contorsões com despreso.

Tinha tantas frechas que um indio comparou-o a um coandú.

— Enforque-o no galho por cima da cruz. Amanhã os urubús terão pasto, se quizerem comer carne tão ruim.

Os selvagens obedecerão em silencio.

Voltou-se para o irmão, que assistia o spectaculo sem consciencia.

— Te offendí, José, perdôa-me.

O outro cahio-lhe nos braços desfeito em soluços.

— Moysés, eu parto; vou morrer por ahi, caminhando... Fica com os meus cabedades.

— Estás louco!? Sou rico demais, sou senhor dos matos.

— Então reparte com os meus escravos... A vida é insupportavel.

tavel... quero morrer.

— Não partirás...

— O' Rosita!... Rosita!...

E chorava como uma criança no estiolar das doces illusões e sonhos queridos...

O mulato sacudiu a cabeça com tristeza e monologou mentalmente:

— Aquella gavotta botou tudo a perder! Eu bem pensava, mal que batesse palmas o bem fallante do cavalheiro.

XX

VAQUEANIA

No dia seguinte André recebia um bilhete d'este theor, pouco mais ou menos:

“Em combate frente a frente comigo teu pai morreu.

“Descobri n'elle o assassino de minha familia; as provas ahi vão...

Fui eu, eu só, não culpem outro; tambem morri para o mundo”.

Rosita teve uma supplica verbal: que rezasse por elle, pois o que elle soffria só Deus era sabedor.

E sumio-se da Vaccaria.

Desde então viveu a caminhar. E caminhava de sol a sol!

Vinda a estrella do occaso, desencilhava a cavalgadura, estendia por terra as caronas e a manta, debruçava a fronte exausta sobre o lombilho, rude travesseiro do rio-grandense em viagem, e dormia!

O' ninguem lhe invejasse o repouso!

Que de ephialtas medonhos o recôrdo do passado lhe suggeria á imaginação livre, sem péas na syncope do somno?!

Sopitava o corpo quebrado da ardua provança do dia; a alma agonisava no martyrio devorador de annos.

Mal o frouxo clarão da alvorada começava de jaspear o horizon-te, verão ou inverno, e eil-o de pé, e de novo a volver ás vertiginosas marchas, a buscar perigos, a exaurir gotta a gotta o alento exuberante de sua compleição athletica. Não o perdia, no entretanto; algumas horas de descanso durante a noite renovavão a força perdida; Antêo de um supplicio sem nome apenas tocava a terra, remocava; a propria febre do desespero o nutria. A revêzes escoou-lhe pelo cerebro o suicidio, como a unica taboa de salvação; recuava, não por medo, mas porque o assemelhava a um desertor, pécha para elle mais aviltante que a morte.

— Cumpra-se o máo fado, dizia.

E caminhava adiante.

Corria do Prata até a feira de Sorocaba, das courellas do littoral ás fraldas dos Andes. Não havia trilho em tão larga área, que elle não tivesse pisado, torrão de que na memoria não guardasse os delinamentos do perfil.

Não tinha pouso certo e nunca acontecera ficar duas noites a oito n'um mesmo sitio, sendo raramente nos povoados, cujo reboliço o inquietava. A campanha immensa ondeiando em cochilhas, salpicada de capões, como oasis do deserto, o sêrro empinado entestando as franças com os céos, davão alguma tregoa á magoa que o flageliava. A solidão da natureza consorciava-se á solidão de sua alma; comprehendião-se talvez.

Uma trazia a expressão indefinida da creação depois de muitos cataclismos, a outra o sello de uma agonia sem termo. Sob o manto verde do campo e sob o peito do homem, sentião-se dois infinitos

intraduzíveis, duas almas cheias de vida, porém n'uma luta titanica com os involucros, que as revestião. O globo e o homem são uma série de revoluções. Os seculos as assignalão por camadas e gerações.

José de Avençal apesar do genio que lhe era peculiar e o isolava do mundo, não havia quem o não conhecesse.

Como Bento Gonçalves, a gloria tradicional do Rio Grande, como Claudio o Contador, a maravilha de olhar de lynce, como Quadrado — nosso Democrito, e tantas outras popularidades da época, onde passava, apontavão-n'o com o dedo.

A profissão que escolhera ainda mais augmentava a celebridade.

O que é a vaqueania senão a variedade de conhecimentos e relações a cada instante, nas viagens e trajectos? O que é um guia, o cicerone de estradas, páramos e desertos, senão o homem de todo o mundo, a quem procurão para as peregrinações e mudanças, a quem confião vida e thesouros por ermos campos e bravios sertões.

E a elle podião entregar-se em corpo e alma. De mais fiel e seguro conductor não se sabia.

Ahasvero do infortunio, não era por cobiça de salario, nem pela mera ambição de accumular fortuna, ceitil a ceitil, que errava sobre a terra. Outro movel o impellia ás immensas jornadas, outra lei levava o pallido caminheiro a longos estirões. Buscava affogar no cansaço do dia as atribulações do espirito.

Dinheiro!? Taes naturezas não roção na moeda que azinhavra, podião corromper-se ao attricto. Não são feitas para a craveira das mediocridades, rebanho de miserias brotadas em cada angulo, como a má herva. Apurarão-se no cadinho do soffrimento, despirão o manto enlodado para revestir a tunica de Christo, aureola da apothéose.

Dinheiro!? Não o recusava, no entanto, o vaqueano... Era uma propriedade adquirida pelo trabalho; aceitava-o do rico e ia de passagem com elle enxugar a lagrima do pobre.

Para si não carecia. Viajor da fatalidade tinha bastante no cavallo, fido companheiro das lidas, e nos arreios, camilha da noite. O mais encontrava em qualquer choupana hospedeira.

Contavão o seguinte a respeito do desprezo que votava ao metal, unico rei da sociedade humana.

Guiava, por exigua e sombria picada do rincão da "Cabeça funda" ás margens do arroio Colorado, um negociante em viagem de Bagé a Caçapava. A picada esmorecia n'um fachinal.

Ao chegarem ahi, dois vultos erigirão o porte d'entre os raleiros de folhas; um desfechou a pistola, cujo balazio esfloreceu face ao viajante; o outro não teve tempo para fazel-o, a faca do vaqueano, como alada gitirinaboia, cortando os ares embebeu-se-lhe na garganta, e um corpo medio a terra redondamente. O primeiro vendo frustrada a tentativa fugio em direcção a agua, porém a armadilha do laço de Avençal tomando-o pela cintura, reteve-o na carreira. Isto foi obra de minutos. Fôra uma espera armada em consequencia de um litigio de terras.

Chegados em Caçapava o homem de trato derramou a guayaca de onças nas mãos de Avençal, que recusou offendido da recompensa.

— Não foi do conchavo, amigo.

— Veja que salvou-me a vida!

— A vida vale mais do que uma ponchada de onças. Aceito o reconhecimento, e repellio com a mão o ouro para sobre uma mesa. Partio para S. Gabriel.

A' algumas leguas um proprio veio encontral-o, entregou uma

bolsa de couro e sem mais explicações dera de redea. Abrindo-a, vio o dinheiro. O negociante resistira em galardoal-o. Apresilhou a tento a bolsa e proseguio na tirada.

Quando atravessava a cochilha do Fidelis, teve de parar n'um rancho na orla da estrada. Ahi vivia um habil lombilheiro e trançador, com trinta e seis annos e numerosa prole.

O artifice trabalhava junto á banca, á sombra de uma arvore nos botões de um boçalete.

Elle esteve contemplando a delicadeza da filigrana, e observou depois de alguns momentos de silencio:

— Porque não vai para a cidade?

Faria mais.

O outro levou-o para casa.

Havia dezeseite pessoas n'um largo alpendre, a mãe, doze filhas e só quatro crianças de menor idade. Uns preparavão o tenro couro de potrilho ou o desfiavão em tentos, outros trançavão os filetes da alva lonca ou o manufacturavão em obras.

— Vé? Na cidade como poderia viver com este mundo de povo?

O argumento calou no animo do vaqueano, sobreesteve pensativo, tirou uma palha do bolso, cortou-a, picou um pedaço da torcida de fumo, fez o cigarro, ferio a pederneira sobre a isca de pita, e fumou; e durante que passeava, soltando immensas baforadas ao lado do guasqueiro, já de volta ao serviço, seu espirito passava pelas crises de uma immensa elaboração. Pensava em proteger o operario intelligente, sem offendel-o. Preparou o cavallo e foi ajustar umas redeas com elle, recebendo-as por modico preço.

Uma menina apresentou-lhe uma cuia de mate.

— Agradecido, minha filha, tenho pressa de chegar á S. Gabriel, leve a seu pai esta bolsa, é o dinheiro da compra.

E cavalgou como uma setta pela estrada.

O acto traduz o homem.

Talvez fossem os unicos instantes de alegria, no correr de dias amargurados, que passava!

Teve que supportar, no entanto, um polpe terrivel, mezes depois deste facto.

O Brazil abrira a campanha contra seus vizinhos do sul.

Avencal estava longe, mas corre para deixar honrosamente nos campos de batalha uma vida que lhe pesava. Já se havia empenhado a accção de Ituzaingo, e quando chegou foi para chorar a morte de Amaral, que ahi acabára, trocando uma existencia inutil pelo sangue de oito perros, como elle mesmo dissera, antes de expirar.

Iriêma.

(Continúa).

RISOS E LAGRIMAS

ACTO 3.º

QUADRO 4.º

A mesma decoração

SCENA I

Adelaide e depois um criado

ADELAIDE (erguendo-se) — Ouvi bater palmas ... Quem será!...

O CRIADO (entrando) — Lá em baixo está uma senhora que deseja fallar-lhe.

ADELAIDE — A mim?

CRIADO — Sim, senhora.

ADELAIDE — Vem só?

CRIADO — Acompanha-a um homem de idade.

ADELAIDE — Bem, diz-lhe que suba.

SCENA II

Adelaide e Octavia

OCTAVIA (tremula) — D. Adelaide...

ADELAIDE — Sou eu mesma... (indicando assento) Queira sentar-se.

OCTAVIA — Parecer-lhe-ha estranha a minha visita, no entanto...

ADELAIDE — Póde fallar, minha senhora, eu a escuto... E' verdade, o cavalheiro que a acompanhou não quiz subir?

OCTAVIA — Era meu pai, e virá buscar-me depois... Um poderoso motivo forçou-me a procurar V. Ex.

ADELAIDE — Peço-lhe que me conceda um tratamento mais compativel com a minha posição e aspirações. Excellencia é demasiado para uma pobre engeitada.

OCTAVIA (á parte) — Engeitada!

ADELAIDE — O que deseja de mim?

OCTAVIA — (tremula) O que desejo?!...

ADELAIDE — Receia por ventura? Acaso inspiro-lhe vãos temores? Pois acredite, está me consolando essa tristeza que diviso no seu olhar humedecido.

OCTAVIA (á parte) — Que mysterio! (alto) Pois a senhora soffre?

ADELAIDE — Admira-se?! O mundo julga sempre pela appa-

rencia!... Disserrão-lhe que eu era muito rica e feliz, não é verdade? Que, enquanto outras velão as noites acurvadas sobre o costureiro, eu bocejava immersa nos coxins da indolencia ou sorria enlevada pelas harmonias ruidosas dos sarãos!... Foi isto o que lhe disserão, e a senhora veio ao alcaçar da fortuna pedir talvez lenitivos á quem precisa d'elles! Mentirão-lhe!... Sob estes tectos opulentos ha muita lagrima vertida no silencio da noite; sobre estes tapetes luxuosos muito pó a desbotar-nos as illusões e affectos! No meio d'estas alfaias o coração vive asphyxiado, triturão-se as flôres virginaes dos primeiros annos, tudo se extingue e morre n'esta athmosphera mephitica!... Sabe o que é a miseria doirada? E' isto que nos cêrca e deslumbra a vista!... Quer saber onde existe suprema ventura?... Ide adiante, lá mais longe, n'aquella choça isolada á borda do caminho... Ali sim, é ali que mora a felicidade, a crença, o amor. E' a habitação do proletario, que passa desconhecido entre a turbamulta, mas que á noite repousa tranquillo no regaço da familia!... Ainda duvida que eu sofra? Pois bem, confie-me os seus infortunios, e enxugue se pôde estas minhas lagrimas!

OCTAVIA — Enganarão-me, ou eu me enganei... Ninguem pensará que a senhora é realmente infeliz... Ainda ainda ante-hontem divertio-se muito.

ADELAIDE — Refere-se ao baile?... Como se engana, minha senhora. Se não fosse obrigada, nem á uma só teria assistido. Violentão-me, é um verdadeiro supplicio. Transportem a flôr que devera crescer e vicejar na penumbra do valle, para onde o sol brilha mais intenso e luminosos, e vel-a-hão fanar-se dia á dia!... (pausa) Porém, vamos, o que deseja?

OCTAVIA — Releve uma pergunta. Nunca amou, nunca foi mamda?

ADELAIDE (sorpresa) — Dir-se-hia que a senhora sabe a minha vida!

OCTAVIA — Talvez. Entre os seus adoradores, não encontrou por ventura um moço de fronte contemplativa e serena, olhar melancolico, desconfiado e tímido como uma creança?... (tirando um retrato da bolsa) Veja se conhece, era assim talvez, olhe... Chamava-se...

ADELAIDE — Esqueci o seu nome (reparando no retrato). Ah!... (tapa os olhos).

OCTAVIA — Porque esconde os olhos?

ADELAIDE (com desespero) — O que quer de mim, o que quer de mim a senhora?!...

OCTAVIA — Tranquillise-se... Este moço é meu parente, vivemos juntos, crescemos um ao lado do outro... A sua vida está em perigo...

ADELAIDE (fóra de si) — Ah! é demais, é demais, meu Deus!... Combinarão-se para enlouquecer-me!!...

OCTAVIA — Escute-me. Da senhora depende a felicidade de meu primo... Nem elle sabe que vim á sua casa... Atenda...

ADELAIDE — Seu primo! Detesto-o, não creia n'elle, porque roubou-me a paz e a alegria!... Movido pela mola do calculo e do interesse sórdido, entrou n'esta casa, e, semelhante á fera que acaricia a victima para feril-a no âmago, fez-me acheditar no seu amor, quando mentia cobardemente (pausa). Corações de bronze, almas vis e gastas!... (soluçando) Ah! pôde dizer á esse homem que me viu chorar... Não importa que saiba, são lagrimas que não envergonhão, nem

humilhão! Quer saber, era o primeiro amor que florescia em minh'alma, o primeiro amor, comprehende?!

OCTAVIA — Vejo que a senhora e meu primo forão victimas de uma ignobil traição. Meu primo é innocente, juro-lhe. E' mistér que a verdade resurja. Acredite sinceramente nas minhas palavras. Julio ama-a muito. Apello para Deus que nos escuta, elle que seja o juiz, se estou mentindo.

ADELAIDE (com subita expansão) — Então?! Ah! baroneza, baroneza!

OCTAVIA — É de quem se queixa amargamente.

ADELAIDE — D'ella?!

OCTAVIA — Sim, minha senhora, d'ella, e do Dr. Paulo de Benjamin.

ADELAIDE — Dir-se-hia um sonho tudo isto!

OCTAVIA — Dou-me por feliz em ter vindo á sua casa; foi Deus quem guiou-me e ouviu as minhas preces.

ADELAIDE — Consinta agora que lhe beijei as mãos...

OCTAVIA — Eu é que devo beijar as suas... (Abração-se e beijão-se).

SCENA II

As mesmas, o criado, depois a baroneza

CRIADO — O Sr. seu pai...

ADELAIDE (interrompendo) — Porque não o fizeste subir?

OCTAVIA — Obrigada, são horas de ir (pausa). Posso então levar-lhe uma palavra de esperança? (A baroneza apparece ao fundo).

ADELAIDE — Consinta agora que lhe beijei as mãos...

BARONEZA (baixo) — O que significará isto!

OCTAVIA — Adeus, quaira-me bem.

ADELAIDE — Adeus, minha boa amiga (voltão-se e dão com a baroneza; ambas ficção sorprendidas).

OCTAVIA (passando pela baroneza) — Minha senhora... (Sahem; pouco depois entra Adelaide).

SCENA III

Adelaide e a baroneza

BARONEZA — Quem é essa mulher?

ADELAIDE (á parte) — Causa-me medo!

BARONEZA — Então não responde?

ADELAIDE (tremula) — E' uma parenta do Sr. Julio de Aguiar

BARONEZA (aterrada; á parte) — D'elle!...

ADELAIDE (á parte) — Meu Deus, coragem!

BARONEZA (fóra de si) — Tenho a dizer-lhe que não a quero mais nem um dia nesta casa. Ouviu! Embusteira!

ADELAIDE (timida) — Porque me offende? Nunca lhe fiz mal, senhora!...

BARONEZA — Julga que se ha de casar contra a minha vontade e a de seu padrinho?... Engana-se.

ADELAIDE (revoltando-se) — E julga que se impõe assim ao coração?!... Não, nunca! Aceito o martyrio da alma e repillo o contracto do corpo!

BARONEZA (ameaçando) — Insolente! Atrevida!

ADELAIDE (lucrimosa) — Vitupére, insulte...

BARONEZA — As suas lamentações já cansão.

UM CRIADO (anunciando) — O Dr. Paulo Benjamin.
BARONEZA (perturbada) — Que suba. (á Adelaide) Retire-se.

SCENA IV

As mesmas e o Dr. Paulo de Benjamin

DR. P. DE BENJAMIN (á Adelaide) — Seu padrinho não está?
ADELAIDE — Sahio. Talvez o encontre no escriptorio.
BARONEZA (baixo) — Que irá elle fazer!
DR. P. DE BENJAMIN — No escriptorio não está, vim de lá agora... Provavelmente foi ao correio, chegou o paquete. (Adelaide vai a sahir) Póde conceder-me alguns instantes, D. Adelaide?
ADELAIDE (voltando; á parte) — Nem ousou encaral-o.
BARONEZA (á parte) — E' o genio do mal este homem!
DR. P. DE BENJAMIN — Sabe o que venho solicitar de seu padrinho?
ADELAIDE — Ignoro, e pouco me importa saber.
DR. P. DE BENJAMIN — Jezus, V. Ex. odeia-me sem um motivo justificavel; não lhe parece, baroneza?
BARONEZA — Estava distrahida, não ouvi...
DR. P. DE BENJAMIN — Trata-se de seu futuro, D. Adelaide.
ADELAIDE — Do meu futuro?!...
DR. P. DE BENJAMIN — Sim, venho solicitar a sua mão.
ADELAIDE — Sem consultar-me?... E' original!... Então o que sou?!... Uma mulher que pensa e escolhe, ou uma cousa?!... (o Dr Paulo ri-se) Ria-se, póde rir-se!... A Providencia que véla do céu será o juiz, como o senhor tem sido o meu algoz!
DR. P. DE BENJAMIN — Sempre recriminações...
BARONEZA (baixo) — Qual será o desfecho d'esta comedia!
ADELAIDE — Se tivesse uma irmã, ah! se o senhor possuísse uma irmã, saberia avaliar o coração da mulher, respeitaria essa creatura fragil, que sabe ser mãe e esposa, em cuja frente Deus asselou uma missão divina. Porém, como eu, o senhor não conheceu familia; quando abriu os olhos era orphão; quando eu abri os meus era — engeitada!
DR. P. DE BENJAMIN — V. Ex. chora?
ADELAIDE (como delirante) — Pobre filha do erro !o teu patri-mónio forão lagrimas; darrama-se sobre o caminho ladeado de espinhos excruciantes até chegares ao ultimo marco! (Depois de longo silencio) Ah! senhor, por sua causa tenho sido por demais mortificada, por sua causa lança-me em rosto os beneficios que tenho recebido, accusação-me de engeitada, chegam até a insultar a memoria de minha mãe!...
BARONEZA — Mentirosa, calumniadora!!...
ADELAIDE — Calumniadora!
DR. P. DE BENJAMIN — Contenha-se, baroneza.
BARONEZA — Estou em minha casa. (avançando para Adelaide) Intrigante!!...
ADELAIDE (fóra de si) — Meu padrinho, onde estás, meu pa-drinho!...

SCENA V

Os mesmos e Fernando de Magalhães

F. DE MAGALHÃES (inquieta) — O que tens, o que foi?!... O' falla-me... Falla-se, filha!... (á baroneza) A senhora é... (abraça Adelaide).

BARONEZA — Basta de jogar-me insultos! . . .

DR. P. DE BENJAMIN — (apresentando a letra á F. de Magalhães) Venho receber a importancia d'esta letra. O seu credor já não é mais o commendador Torres.

F. DE MAGALHÃES — Não tenho dinheiro, e faça o que entender.

ADELAIDE — Ah! comprehendo agora tudo! O'meu padrinho, eu não sabia, nem poderia suspeitar! . . . Perdão, perdôe-me! . . . Se foi o unico que salvou-me do infortunio, não maldiga quem, para salvá-o, é capaz de sacrificar a existencia! (voltando-se para o Dr. Benjamin) Estou prompta, senhor, aqui tem a minha mão. (baixo para elle) Senão posso ser esposa, sel-o-hei escrava!

BARONEZA (aterrada) O' Providencia, Providencia!

F. DE MAGALHÃES — Não, não consentirei! A pobreza honrada não envergonha, filha. A minha resposta é a mesma. faça o que lhe aprouver, senhor.

DR. P. DE BENJAMIN (baixo) — E' orgulhoso! Serei inflexivel.

F. DE MAGALHÃES (tirando do bolso uma carta) — Desculpe-se tomei a liberdade de tirar esta carta do coreio. (entrega-a ao Dr. Benjamin).

(Emquanto o Dr. Benjamin lê a carta, sentindo grandes commoções, F. de Magalhães conversa com Adelaide; a baroneza, porém, segue os movimentos do doutor).

DR. P. DE BENJAMIN (como fulminado) — Ah!

F. DE MAGALHÃES E A BARONEZA (a q' mesmo tempo) — O que é, doutor?!

DR. P. DE BENJAMIN — Nada . . . deixem-me, preciso respirar . . . (levando as mãos á cabeça). Meu Deus, meu Deus! Misericordia!

F. DE MAGALHÃES — Que tem?

DR. P. DE BENJAMIN (baixo, á F. de Magalhães) — Leia esta carta . . . e cale-se. (ajoelhando-se diante de Adelaide) Perdôe, esqueça tudo . . . Se alguém perguntar-lhe pelo Dr. Benjamin . . . responda que morreu.

F. DE MAGALHÃES (com alegria) — Será possivel!

DR. P. DE BENJAMIN — Consinta que lhe beije as mãos . . . e não esqueça jamás estas lagrimas inconsolaveis que o coração não pôde suffocar no derradeiro adeus . . . (sahindo).

ADELAIDE (á parte) — Que mysterio incomprehensivel.

F. DE MAGALHÃES (com explosão de alegria) — Abraça-o, Adelaide, é teu irmão!

BARONEZA (acabrunhada, baixo) — Seu irmão?!

ADELAIDE (sorpresa) — Meu irmão?!

F. DE MAGALHÃES — Sim, sim!

ADELAIDE (abrindo os braços para Benjamin) — Meu irmão?!

DR. P. DE BENJAMIN (idem) — Minha irmã! minha irmã! (abração-se).

BARONEZA (fulminada) — Ah!

F. DE MAGALHÃES (apontando para o quadro) — Deus dispõe!

FIM DO 4.º QUADRO

TANCREDO

VIII

E' noite...

Alta vai ella... Inda sôa no espaço a ultima vibração do campario da cathedral, que tangera meia noite, quebrando por momentos a immensa solidão, para dizer um ultimo adeus ao dia que expirára, arrebatado nas azas do tempo.

Porto Alegre, festiva e buliçosa, repousa adormecida no tapiz de suas collinas á sombra da paz tranquillã que agasalha seu seio...

Tudo dorme... e o silencio em toda a parte reina, como um saliente contraste aos ruidos do dia que findou.

E esta cidade onde trinta mil entes aspirão o ar da vida, á horas mortas assemelha-se á uma multidão de moimentos, encerrando em seus muros a mais profunda solidão.

Tudo dorme e repousa... Só a lua, atalaia dos páramos ethereos, percorre vigilante a vasta amplipão, derramando em seu curso as irradiações de sua luz pallida e merencoria...

A viração é fria e gélida a atravessar a medula dos ossos, e como mais um vivo contraste, a noite de luar não reúne em si o útil ao agradável.

E' que as noites de luar do inverno, embora as mais bellas, não têm a poesia harmoniosa das noites de estio das terras intertropicaes, e nós estamos em Julho, no coração da quadra invernosã, que impera desapiedadamente na atmosphera de nosso sul.

Não sei porque as estações em seus cursos periodicos sellão com um signal peculiar sua passagem sobre a terra, deixando uma face visível ao olhar investigador. Como as ruinas babilonicas ainda hoje atestão a grandeza de uma geração que lutou para não morrer esquecida na poeira dos seculos, parece-me que o tempo, tão vaidoso de si, como as Semiramis de seu mando real, colloca marcos na arena que trilha, para serem as idéas vivas da historia de sua época...

E assim passa e caminha, ora sobre a estrada poeirentã tapetada de sarças, ora sobre a veiga esmeraldina alcatifada de flores...

E caminha sempre por entre as sarças e flores, como o Ahasvero da legenda buscando seu norte — o infinito...

Conviva eterno no festim do mundo, com elle marcha, galopa no espaço arrastando consigo os elementos de que dispõe seu braço veltusto, aos quaes sua vontade soberana indica os rumos... e caminha sempre na realleza sultão, tendo por harem o immenso orbe.

Viajor eterno marcha, atirando no vasto estadio um marco, que é a ultima pagina que finalisa uma quadra, como enceta os passos de uma outra...

Agora reina o mez de Julho, como a bacchante semi-nua reclinada na mesa da orgia, funebre e sombrio como suas noites revoltas do pampeiro.

.....

Por entre as nevoas da noite de luar branqueja a casinha branca na fralda da collina.

As frestar mal cerradas dos batentes das janellas deixão coar a claridade baça e frouxa de uma luz branda...

Parece que para seus habitantes as badaladas da meia noite não tinhão marcado as horas de descanso, talvez porque no lar do pobre são escassos os momentos de repouso, emquanto os de labor sobejão, ou quem sabe se as azas negras da desgraça abrigavão mais uma vez uma pagina lutuosa para escrever no livro domestico da familia da casinha branca.

Quem sabe?!...

Approximemo-nos mais perto, e investiguemos a origem de semelhante luz á horas tão mortas...

As janellas meio erguidas deixão o ar penetrar livremente por entre as portas apenas cerradas; o mais leve ruido não vem de dentro pertubar o silencio de fóra, e a primeira vista dir-se-ia que dormem todos nesta casa, facilmente accessível ao primeiro que nella quizesse entrar...

Entremos, já que não é necessario bater, porque a porta tambem aberta, como as janellas, facilita-nos a entrada sem ser preciso importunar a ninguem, annunciando-nos com o estrepito das palmas estabelecidas pelas convenções sociaes, e livre de qualquer censura ante nossos direitos de narrador.

A luz pallida de uma lamparina esclarece a modesta sala em que nos achamos, lançando seus fracos clarões até a alcova.

Na parte apenas esclarecida projectão-se duas sombras junto de um leito, que occupa o fundo da alcova, e sobre a qual existe um corpo, cuja respiração um tanto alta annuncia que dorme.

A casinha branca muda e silenciosa assemilha-se a um ermo povoado de tristoões, onde apenas o crepitar da lamparina na sala de visitas, e o respirar afadigado da pessoa adormecida na alcova, indicão estar habitada.

As duas sombras que divisão-se, tomar-se-hião por duas estatuas; tal é a immobillidade de ambas, revelando terem os individuos que as projectão suas faculdades concentradas n'um ponto unico.

Só nas fórmãs e nas posições differem uma da outra; roupagens feminis cobrem o que na borda do leito está sentado, e o que traja vestes masculinas, de pé, junto da cabeceira do mesmo, faz realçar mais, no meio da penumbra, sua estatua varonil.

Ha muito que ahi estão sem terem, com uma palavra, quebrado o silencio que os rodeia...

De repente, as roupas do leito agitarão-se bruscamente e a respiração do enfermo desfez-se n'um accesso de tosse.

O accesso foi tão rapido quanto inesperado. Os dois vultos chegarão-se mais ao leito, emquanto o doente, com voz desfallecida, murmurava: — Luz e ar, que esta escuridão suffoca-me ainda mais que as minhas dôres.

A explosão de um phosphoro clareou o apozento; a mão que o accendera chegou-o junto de uma vela, que achava-se sobre uma pequena mesa, collocada junto da cabeceira da cama.

A luz devendou um painel de variegadas côres.

Ali sobre aquelle leito uma nodoa de sangue purpureia as dobras do alvo lençol, e sobre elle debate-se, com uma tosse pertinaz, um moço de vinte annos apenas, ligado a um eculo de dôr.

E ante esse quadro lutuoso, onde vinte primaveras desfolhão-se uma por uma, duas imagens venerandas curvão-se reverentes ao im-

pulso de dois sentimentos sagrados, de duas religiões sublimes — a do amor e a da caridade...

São uma mãe e um medico...

Erão os dois vultos que projectavão-se na sombra da alcova, ve-lando junto do pobre enfermo.

Se ha destinos fataes, o de Tancredo é um delles.

Esse moço, que ainda hontem cheio de vida, sonhava um mundo de encantos, eil-o prostrado — fronte pallida borrifada com o halito do sepulchro.

Ahi mesmo adormecera, sonhando mil venturas, risonhas illusões de infinito amor, e acordára martyr sobre um leito de Procusto.

A sciencia de Galleno, representada pelo nobre ancião que muitas vezes vellava junto do infeliz moço, era infructuosa ante os progressos da molestia. No momento mesmo em que o velho medico conseguira acalmar a tosse do enfermo com uma poção que preparára, talvez que nem um raio sequer de esperança alimentasse.

Comtudo sua fronte não trahia a agitação interior; se tinha receios, sabia-os occultar tão bem que D. Elvira não descrera da situação, esperando vêr seu filho restabelecido.

Pobre velha, com os padecimentos do filho envelhecera mais dez annos, sem comtudo murmurar uma queixa contra a sorte cruel, que aniquilava e abatia a affeição mais cara de sua vida.

—oOo—

São quatro horas da manhã...

Tancredo, depois de um abatimento de duas horas, occasionado pelas golfadas de sangue, melhorára sensivelmente, apparecendo uma reacção que prometia muito, e deixava ao pobre moço momentos tranquilllos para fruir docemente com aquelles que o amavão.

A transição era tão rapida quanto fôra o accesso que o abatera; as molestias do peito trazem estas contradicções.

Quanto á nós, na insufficiencia de conhecimentos da materia, nos cingiremos á opinião do facultativo que tem observado passo á passo as alternativas desta natureza juvenil, lutando tenazmente com um mal cruel.

Antes de ir adiante, digamos duas palavras sobre o Dr. André.

Poucas e singelas serão, mas justas e legítimas.

Quando em face de uma sociedade madrasta, o operario desta grande fabrica social faz da profissão um sacerdocio, esse ente tem algum tanto de sublime...

O Dr. André é um destes perfis ricos de caridade e amor.

Estimava extremamente a Tancredo, á quem conhecia desde os mais verdes annos, pois fôra amigo de seu pai, como ainda o era da familia.

Assim, quando o moço sentio-se ferido pela molestia, filha de acontecimentos imprevistos, o nobre medico não abandonou a cabeceira de seu jovem amigo, onde partilhou com a mãe todos seus pezares, como lamentou a causa que os fizera nascer, animando um e outro com suas palavras unidas com o balsamo da amizade.

Conhecedor intelligente de sua profissão, julgava quão difficil seria a cura, se em vez de combater a causa deixasse-a pelos effeitos. A molestia era oriunda de um mal moral, e sua longa experiencia lembrava-lhe que taes soffrimentos não se curão com a medicina.

As molestias da alma combatem-se com a medicina do espirito, a unica razoavel, e como o seu melhor palliativo — o tempo.

Assim fazia o Dr. André. Desde que passára a crise e o moço sentira melhoras, tentou elle por meio de suas palavras e maneiras joviaes desfazer as tristes impressões deixadas pelas ultimas golfadas de sangue, e que tanto tinham ferido o animo já abalado de Tancredo.

Mas este revelava seu desalento nestas palavras docemente pronunciadas e unidas de immensa emoção:

— Doutor, não me illudo com meu estado de saúde, conheço-o tão bem como o senhor...

— Vaidade de rapaz, meu jovem amigo, interrompeu o medico, buscando com sua jovialidade desviar os pensamentos do doente de semelhante conversação.

— Não creia, continuou Tancredo, meneando tristemente a cabeça; meu peito é uma atmosphera abafada que aninha a morte...

— Socegue, disse o medico commovido o que o senhor precisa é, acima de tudo, tranquillidade de espirito.

— Ah! doutor, quanto é facil exigir o que pede, como é difficil de conseguir...

— Tancredo!... balbuciou queixosa e reprehensiva, com voz sufocada, D. Elvira, desgraçada estatura de uma dôr profunda.

Ha naturezas que conservão nos grandes soffrimentos uma serenidade apparente, enquanto no coração refervem mi' amargores.

D. Elvira era d'ellas, só Deus podia lêr sua alma atribuída de mãe.

— Perdôe-me... proseguiu o moço sensibilizado, apertando entre suas mãos macilentas a da pobre velha; perdôe-me... que quer?... são fadarios... o de seu filho, minha mãe, foi sonhar um anjo onde havia uma estatua, buscar um leito de rosas e encontrar um tumulo...

— Cala-te, Tancredo, cala-te!...

— Seja razoavel, meu amigo, murmurava o medico, que erguera-se desassocegado com a emoção do doente.

— Deixe-me fallar, preciso expandir-me para desabafar meu peito extravasando martyrios, quero fitar o passado para ajoelhar-me ante minha mocidade em flôr, ferida pela fatalidade, conversar com meus sonhos de moço, rojados do pedestal de tantas aspirações á aridez d'um deserto. Fadario! fadario!...

— Esqueça-se d'isso, interrompia o medico afflicto, enquanto D. Elvira, com a voz embargada pelos soluços, concluia a phrase do facultativo:

— E viva para aquelles que o amão e cujas existencias são uma particula da sua...

— Esquecer!... Pedem um impossivel; aspirei a luz, nella queimei-me... phalena louca, rompi a chysalida e voei... no meu vôo arrojado perdi as azas... a quêda é justa, e ante ella curvo-me sem forças de poder reagir contra o infortunio... São destinos, já lhe disse, e em face da fatalidade abraço-me á cruz de meu passado...

E o pobre moço desatou a chorar...

Ha dôres tão fundas, que felizes são aquelles que pôdem orvalhas de lagrimas; estas se não curão, ao menos suavisão.

Na situação, porém, de Tancredo semelhante emoção provocava consequencias que, para esta natureza alquebrada, devião ser fataes.

Assim aconteceu...

A tosse recomeçou trazendo as golfadas de sangue. A dôr e a consternação estampavão-se nas faces das duas testemunhas desta scena lúgubre.

A força de beberagens conseguiu o intelligente Esculapio, pela

segunda vez, suspender este novo acesso, sem contudo reanimar as forças extremamente abatidas do enfermo. Sua voz mal ouvia-se; apenas pôde apontar para as janellas da sala de visitas.

Abrirão-nas.

Vinha rompendo a aurora.

Aurora merencoria como são as dos céos nevoentos de Julho...

Fitou-a por um momento e cerrou as palpebras...

O senho do medico annunciou-se...

Pouco a pouco a respiração amorteceu até tornar-se imperceptivel...

— Doutor! doutor!... balbuciou afflicta D. Elvira ante tão assustadores symptomas.

Não se ouvia mais a respiração... O Dr. André curvado sobre o leito apalpava com uma mão um dos pulsos de Tancredo, enquanto a outra tacteava sobre o coração...

— Então, doutor, dizia desesperada a pobre velha; meu filho, meu filho?!...

Todo commovido respondeu o nobre ancião:

— Resignação... Tancredo repousa para sempre das lutas mundanas, no seio de Deus...

A quéda de um corpo resoou no pavimento da alcova. Era o de uma mulher, á quem tinham despedaçado o diadema de mãe.

IX

Em sua marcha precipitada, os acontecimentos precedentes arrastarão-nos.

Forçados por elles deixamos fóra das scenas ultimas personagens que achão-se intimamente ligadas aos factos que trouxerão por consequencia o lamentavel fim do inditoso mancebo, que fechou com sua vida as ultimas palavras do capitulo antecedente.

Entre Marina e Tancredo havia a barreira de uma lapida que os separava para sempre da vida e gozos mundanos; o destino assim o quizera.

Mas, que motivos imperiosos fizerão aquella alma vasada para os grandes commettimentos tombar desalentada e na quéda enrolar-se n'um sudario?

Como a flôr, que a viração ~~de~~ o debil ramo, dobra-se no hastil e n'elle desfolha-se, assim ~~tanç~~ ~~em~~ Tancredo, ao estalar as cordas de sua alma apaixonada ~~sentiu-se~~ ferido e baqueou!

Pertence-nos agora examinar as causas que occasionarão semelhante desenlace.

Somos forçados á retroceder, em busca do ponto de partida, ás explicações necessarias á continuação d'esta narrativa; a leitora nos perdoará este desvio.

Desgraçadamente os zelos que tivera Tancredo não tinham sido sem fundamento. Jorge da Silva soubera insinuar-se tão bem no animo da moça, que esta deixou-se arrastar, sem reagir contra o dominio que as palavras do jovem official infundião sobre ella.

Não julgue ninguem que queremos, com um fórma engenhosa, reabilitar Marina e justificar seu procedimento.

Jámais... Só a mytologia grega podia apresentar-nos o halito de Pygmalião animando a estatua...

E Marina é uma estatua cinzelada pelo buril da vaidade.

Amára Tancredo enquanto este não tivera um competidor; mas,

quando na arena de sua conquista apparecera mais um pretendente, a moça correu após a novidade.

Do concurso appareceu a escolha definitiva, e ante ella Marina vacillou...

Tremia perante o desenlace... Era que o egoismo e a ambição não tinham de todo diluido aquella alma juvenil.

Do seio de suas incertezas vierão arrancar-lhe os acontecimentos, precipitando o desfecho.

Jorge da Silva acabava de receber ordem terminante de reunir-se a seu batalhão aquartelado em uma das provincias do norte.

Esta ordem inesperada, que em outro qualquer talvez aniquilasse as aspirações que tinha sobre Marina, foi pelo contrario, para Jorge, incentivo mais forte para vel-as satisfeitas.

Este não contava a paixão por Marina como a primeira de sua vida, em sua carreira de Lovelace tinha um repertorio de episodios para formar excellentes enredos de uma dezena de romances.

Seu coração em questão de amores não envelhecia, e ante um olhar meigo ou uma palavra carinhosa, renascia como a celebre Phenix das fabulosas tradições egypciacas. Um dia, porém, o moço sentio-se realmente subjugado por uma paixão sincera, que não deixava de ser bastante incoherente com seu genio leviano.

Marina tinha podido operar semelhante prodigio, sem que Jorge tivesse tempo para comprehender a transformação subita porque passava. As naturezas levianas são assim, prendem-se sem sentirem aos élos que as enlaçam: como ajoelham-se aos pés de um falso culto, em vez de uma religião de verdade, adorando um idolo em lugar de uma idéa.

Preso, como achava-se o moço, sua posição não deixava de ser bem critica ante a fatal ordem de marcha.

Uma manopla de ferro esmagava-o cruelmente...

O que restava-lhe, foi o que pôz em pratica:

Ou retirar-se, cedendo ampla liberdade a seu rival, ou então partir, ligando a moça por um compromisso...

Jorge não cavillou, optou pela segunda parte.

Pedio Marina... e foi aceito...

Desde então até o momento de partir o joven official frequentou assiduamente a casa de D. Margarida.

Emquanto Jorge e Marina entregavam-se aos doces enleios das confidencias, Tancredo agonisava victima do olvido, como martyr sublime de seu amor.

Assim correrão os dias placidos e seremos para ambos, sem que mesmo para elles a morte de Tancredo annunciasse o céu de suas aspirações.

Emfim chegára o dia em que o jovem official devia partir para o norte.

O casamento realizar-se-ia d'ahi a quatro mezes.

Para isso, Jorge pediria uma licença, e no caso de não ser concedida, uma procuração cortaria os obices que apparecessem.

O moço partio... com as lagrimas de Marina e as benção de D. Margarida.

.....

Tinhão decorrido quatro mezes depois das scenas antecedentes.

Era um bello dia.

Onze horas, a momentos tangerá o campanario, e o sol quasi tocava no zenith.

Em uma casa de conhecidos era tudo alvoroco n'esse dia. O paquete da côrte tinha fundeado no ancoradouro do Guahyba. Na sala de visitas dessa pequena casa, respirando alegria e festa, achavão-se duas senhoras em trajas de quem espera alguém, que annunciára sua vinda.

Erão D. Margarida e sua afilhada.

Marina trahia sua anciedade, revelando-a em cada gesto ou em seu olhar fito na porta da entrada.

Mais de uma vez sua boquinha tinha, despeitada, murmurado — que demora!

Na anciedade e expectativa decorreu uma hora.

O silencio reinava na sala, quando de repente ouvirão-se passos ligeiros no corredor.

Moça e velha erguerão-se subitamente, emquanto aquella, mais ligeira e impaciente pelos annos, corria á porta, e abria-a; esta, menos agil, parára no meio da sala, prompta a receber o recém-chegado.

Aberta a porta, assomára o vulto de uma escrava.

— Então, Maria?!... perguntou a moça afflicta.

— Não veio, sinhá, respondeu a negra ao mesmo tempo que estendia a mão entregando um papel.

Marina rasgou o envelope da carta, e desdobrou-a.

A' leitura d'esta, as rosas purpureas do rosto lindo da joven desaparecerão substituidas por um pallor mortal.

D. Margarida correu á afilhada, arrancando-lhe a carta.

Marina estava desfeita em lagrimas, no momento em que sua madrinha lia na fatal missiva o que se segue:

“Senhora.

“Debaixo da mais dolorosa impressão, traço estas linhas. O destino anniquila meus sonhos de outr'ora tão cheios de encantos e ricos de poesia... As esperanças de meu passado que quizera realizar, vejo esvaecidas pela mão cruel da fatalidade... Entre nós existe um — impossivel... Perdõe-me... Lamento a posição desgraçada em que me acho, porque nem posso justificar-me... Desligo-a do compromisso que contrahio commigo. Fica livre... e possa a senhora fruir junto de outro a felicidade que eu não posso dar... Quanto á mim, livre tambem, viverei das doces reminiscencias do passado.

Jorge da Silva”.

D. Margarida estava petrificada. Não tinha comprehendido bem o que lera, mas o final a ferira mais cruelmente do que tudo o que precedera.

O casamento desfeito era o que ella julgava — impossivel — mesmo ante a assignatura do noivo, verdadeiro phantasma de uma negra realidade.

Para cumulo de desespero a pobre velha ignorava as causas que motivavão uma resolução tão subita quanto inesperada.

Que juizo fazer de semelhante procedimento? O silencio de Jorge encobriria uma desgraça ou seu mysterio n'um caso tão grave era filho de uma infamia?

Estas e outras conjecturas vinhão ao espirito atordoado de D. Margarida, sem achar uma solução que a deixasse menos perplexa. Assim correrão as primeiras impressões.

Quanto á nós, diremos sómente, que, se D. Margarida tivesse

na noite d'esse mesmo dia percorrido os circulos femininos da capital, teria facilmente encontrado as explicações que tão anciosamente desejava.

Aqui relatamos o que se propalava em alta voz.

Nem mais, nem menos, garantia-se que alguém recebera participação do proximo casamento de Jorge da Silva com uma joven e rica herdeira de uma familia da côrte.

Se havia veracidade no que contavão, é o que completamente ignoramos.

—oOo—

Algumas palavras sobre uma pessoa que nos é cara pelos laços de sympathia que nos soube inspirar.

Fallamos de D. Elvira, a infeliz mãe de Tancredo.

Ainda vive no seio da familia do Dr. André, que a conduzio para seu lar domestico desde a infausta morte do filho.

Ahi, subsiste rodeada do prestigio da veneração, que suas virtudes gravadas na fronte senil, infundem em todos que a conhecem.

Seus labios, se não têm ainda sorrisos, é porque no coração vicejão saudades; comtudo, o tempo, balsamo que suavisa as dôres da alma, vai fazendo-a mais resignada...

Vive completamente retirada do mundo que não tem mais encantos para ella, apenas sahe uma vez por mez; é justamente no dia em que seu filho trocou a existencia terrestre por uma mais bella.

Nessa dia, em companhia de uma filha do velho medico, ella dirige-se ao cemiterio. Interna-se com sua companheira por entre as ruas de campas que cobrem todas as direcções, toma o lado esquerdo e vai ajoelhar-se junto de uma lapida rodeada de goivos e saudades, que tem por epitaphio um simples nome.

Ahi, entre lagrimas conta ella á joven menina a historia inditosa de Tancredo — o sonhador.

Apelles Porto Alegre.

Porto Alegre — 1872.

CONTOS RIO-GRANDENSES

INTRODUÇÃO

Desculpe o leitor se em um cantinho da **Revista** lhe vem tomar a atenção acostumada ás bellezas do estylo florido e ás grandezas de assumpto bem desenvolvido, penna menos hábil e mais deselegante que outras muitas, que mensalmente despargem as flôres de uma imaginação rica nas paginas da **Revista**.

Não tenho outras pretensões com esta ousadia, senão estimular com o exemplo de coragem intelligencia, que algures existem, a envidarem seus esforços e trabalharem no desenvolvimento de uma litteratura patria.

Creio, como alguns escriptores nacionaes, que temos elementos de sobra para fazermos independencia litteraria, e estabelecermos na federação das lettras republica á parte.

Como elles, acho que o cunho americano deve-se ostentar em todas as producções do genio brasileiro; que um raio do sol das Americas, que doira as nossas fronte juvenis, deve espalhar-se brilhante nas producções da musa dos brasileiros.

Dos hombros da nayade do Amazonas affastemos o manto servil da imitação européa, pesado para nosso clima ardente, e demosthes as vestes leves, gentis, das virgens da florestas natalicias!

Não modelemos tanto as nossas inspirações pelo cadinho europeu: nós que na mais opulente plaga lemos a epopéa estupenda da criação no livro infinito da natureza. De originalidade ou ao menos naturalisação da idéa, precisa a litteratura patria, que não comporta sem escandalo as creações farsarias, á laia das do ingenioso Ponson, e os heroés exdruxulos, impossiveis, de Feval e Montepin.

A mesma no velho ou no novo mundo é a poesia do coração, são os mesmos os sentimentos poderosos que accordão na alma do filho deste ou daquelle hemispherio; os mesmos que despenhão da cumiçada agitada das paixães individuaes, ao impulso do vento do desespero, as catastrophes da vida.

Mas, segundo a região, clima ou natureza ão paiz, são as condições de vida dos povos; outra a face predominante do seu character; outras as suas inclinações naturaes, o seu sentir social: como que todos os povos têm uma alma natal.

Em qualquer parte do mundo o homem é o mesmo; porém, mais ou menos modificado por influencia de civilisação no grão que goza, dos usos e costumes particulares a cada um, das instituições que mantêm e das crenças que adopta. Mesma phisicamente, immensas são as distincções entre os filhos de paizes diversos.

Quem não distingue á primeira vista (fallo no geral), á regular distancia, em uma roda de brasileiros o filho de Portugal?

Não é preciso que elle falle para indicar-se-lhe a naturalidade!

E Portugal é de algum modo nosso avoengo; nossos antepassados se entronção na familia luzitana.

Entretanto de commum temos a lingua que fallamos, já com accentuada côr brazileira, a casa de Bragança e Bourbon, cujo sceptro aguilhóa o gordo costado luzitano e a um pouco mais franzina lom-beira brazileira, e instituições caducas, desprestigiadas, que mutuamente se copião.

No sangue do nosso povo corre, de mescla com as portuguezas, gotas de outra raça; em nossa imaginação pollulão outras idéas, em nosso coração outro sentir e em nossa alma outras ambições.

Não é o bom lavrador do Minho, que após prolongado trabalho em suas geiras descança ao crepitar dos velhos cepos no fogo da lareira, — o audaz gaúcho que vóa nos pampas do sul montado no furiosos bagual, tendo por patria a solidão sem fim, sem amores nem familia, sem laços que o detenhão em sua vida errante! Não é o barqueiro do Douro, não é o saudoso pescador do Tejo, — o intrepido jangadeiro dos mares do norte, que no fragil lenho arrosta a sanha do oceano sem descôr; — o robusto caboclo do Pará, que enthronisado na piroga corta com o remo subtil as argenteas escamas do rei das aguas! O trabalhador da Beira, que passa longos serões ao lado do fogo na debulhada do trigo, — não é o escravo brazileiro, que ao cantar do gallo á meia noite, mal dormido, corre ao som do sino da charqueada, tremendo de frio que corta, sob o açoite ameaçador do capataz, á cancha, para matar bois até dia alto, e d'ahi até a noite lidar com carnes: isto, mezes seguidos, uma safra inteira!

E nos faremos nós servis imitadores, e diremos não ter elementos proprios?

Do velho e decadente Portugal, mortuario esquife onde repousão para sempre as glorias de um povo illustre, que ha dois seculos conduz á sepultura a dynastia de Bragança, fatal coveiro, — ao Brazil, que, ainda envolto nas fochas da infancia, prega os olhos scintillantes, onde boião inebriadas as aspirações do seculo, no véo azul que vinda o horisonte do futuro; entre o berço que nasce para a vida e a tumba debruçada na morte, vacuo immenso se estende.

O genio portuguez, lidador cançado, de alvas cans á mercê dos ventos, assenta-se á beira da estrada, invalido hoje, a embeber-se nas scismas de um passado venturoso de poderio e gloria; rememorando um por um todos os seus feitos grandiosos nas éras que já lá vão. Volve olhos saudosos ao passado, relê folha por folha a historia grandiosa do seu arrojo e genio, e de seus labios frios como o bafejar da morte, ao vêr tumultuariamente desfaldarem o estandarte do seculo nas ameias do progresso os povos viris, escapão-se as palavras: "Ai! já não posso mais!"

Mal sabia Camões que, ao zechar o seu immortal poema, fechava para sempre as laudas alympicas de sua historia patria, que o arrojo luzitano escrevera no dorso intermino do oceano, nas ilhas desconhecidas, perdidas no leito dos mares da Oceania, verdejantes a boiarem sobre as aguas, quaes berços de nenuphars nas correntes do patrio Amazonas, e nas terras balsamicas do Indostão, onde agita a campainha requebrada no laguido bailar a indiana feiticeira, onde o cactus divino abre aos affagos tépidos das emanações matutinas a corolla esplendida no leito do Ganges, e o pagode colossal de pedra boceja nas serranias do Himalaya sob o céu abrazador!

Mal sabia Camões que o diadema do senhorio dos mares e da soberania do oriente tombava da fronte luza, a sepultar-se no oceano, murmuradora testemunha de tanto heroismo! Mal sabia que na epo-

péa gigantesca que traçára nas horas aziagas do desterro, lavrava o testamento magestoso de sua patria. E que (coincidencia fatal), ao descerrar-se a lousa sobre o poeta mendigo, de um povo rolava o cadaver no mesmo chão de morte!

Ha uma intima collisão entre a grandeza social dos povos e o seu florescimento nas letras. Quando corre impetuosa a seiva vital n'uma nação que espanja a fronte desgrenhada no ether puro das idéas grandes, intima commoção arroja do coração da sociedade aos quatro ventos as produções do genio. Se ao contrario cõa-lhe no corpo entorpecido a gelidez da indifferença, a estagnação da vida, resente-se nas letras o mesmo torpôr que humedece a face bolorenta á sociedade amortecida. E não peção fogo ao gelo, enthusiasmo á indifferença, arrojão ao estacionario, movimento á inercia, vida á morte!

Só novo Christo, trazendo a palavra inspiraça das commoções vitaes á essa poeirenta Necropolis, poderia, aquecendo ao calor do fogo das tempestades populares, erguer Lazaro da sua tumba secular, banhado nas ondas de luz das creanças sobre. Só a palavra omnipotente que descandêa o furacão das paixões a turbilhonar nas ondas da populaça, poderia produzir a chispa electrica que gera as vocações poderosas, desses que são na sociedade o coração da humanidade.

Nestas épocas então, como que de cada restea do sol do ideal se gera um desses filhos immortaes do incendio, ao choque das idéas que se combatem, arremessando, soberbos de energia e virilidade em todos os sentidos, estrophes de fogo, coruscantes e terriveis que fazem em sustos os reis nos thronos conchegarem a purpura ao corpo, e as estatuas dos velhos monarchas estremecarem em seu pedestal de bronze!

Os vagos rumores, vozes inintelligiveis, se condensão, agiganteão, tornão-se uma orchestra formidavel. A scintilha torna-se fogueira, a fogueira incendio após longa laboração, por vezes surda, no peito popular: então da tela enrubecida, sob o céu inundado em luzes, destacão-se os vultos colossaes dos Mirabeaus, dos Vergniauds, circumdados da pleiade sublime dos crentes do progresso, com as vozes a desfazerem-se em hymnos, e as idéas em epopéas esplendidas! E' do fogo que alimenta o enthusiasmo nas intrepidias gerações de heróes, que arrastarão por vezes o carro da revolução pela Europa, baptisada na pia da razão, proclamando aos povos os principios immorredouros do direito, que nascerão os Hugos, Lamartines, os Berangers, Mussets, Mérys, Quinets, e outros talentos poderosos que o sepulchro guarda.

Na Allemanha sonhara, agitada pelo pensamento democratico da grande patria germanica, respondendo á mascula geração da França é que Goethe, Schiller, Heine deslumbrão com o seu genio grandioso a alma da humanidade; enquanto a Inglaterra atira ao continente, errante, aventureiro o seu caprichoso lord, que foi expirar nos braços da liberdade, a um sorriso do céu oriental nas plagas feiticeiras da Grécia. Irrompeu o genio brilhante de Shakspeare, irromperão os resgos omnipotentes da inspiração de Milton, aos arreboés da revolução ingleza, que decepára um rei, banira uma dynastia, e derrocára instituições nefandas, ateando para sempre no coração inglez o sentimento da liberdade.

E o que é feito dessas almas, oceanos do genio, onde boiava a arca do progresso aos lumes da liberdade? Que o responda a urna cineraria que guarda as cinzas frias dos apóstolos da moderna civilisação.

Um a um têm desaparecido todos esses coripheus da grande era litteraria, e não têm tido herdeiros.

E o que póde nestas delicias de Capua, em que se embevece a sociedade, inspirar a imaginação do poeta, a fazel-a soltar epico vôo pelos páramos sublimes da poesia? As intrigas e côchichos dos bastidores monarchicos? As farças mais ou menos nojentas do constitucionalismo representativo? As scenas geralmente representadas pela realeza, no lameiro da corrupção; as farças degradantes, aviltantes do Baixo Imperio? ou a estagnação moral a que hemos tocado n'este lúgubre Asphaltita, quando as idéas do futuro, como que a custo respirão nos pulmões da humanidade?

Póde inspirar imaginação alguma de poeta, sériamente de poeta. os gozos do materialismo? Desferir vôos epopeiacos? E n'esta época em que a alma se emerge na descrença, e o coração esfria sem o calor da fé? quando como a gangrena a indiferença alastra?

Não! Sem interno queimor que accenda o facho da inspiração na frente, sem a força motriz que a desvendar outros céos exalça a alma.

E essa força motriz paira em outras regiões, que não as da miasmatica actualidade.

Victor Valpirio

(Continúa)

MELANCOLIA

A' tarde, na minha terra,
Avistando além o rio,
Quando o vento passa frio
Nas tymbaúvas da serra,

Eu oiço saudosas notas
Cantadas no dôce val,
A' sombra do laranja!
Cujas flôres rolão sóltas.

E' o cantor das campinas,
O canóro gaturamo,
Que pousado sobre um ramo
Canta á estrella vespertina.

N'essa dôce soledade
Scisma a alma sonhadôra,
E na tarde que descóra
Envia um hymno á saudade.

E a minha infancia boiando
Sobre o rio do passado,
Qual o lyrio despencado,
Vai nas aguas fluctuando!...

O' meus dias seductores
Da florida primavera,
Que bella a vida me era
N'essa quadra dos amores!

Quantos anceios desfeitos!
Quantos suspiros perdidos,
Qual bateis que vão fendidos
Da procella nos effeitos!

.....
As sombras descem ligeiras,
A noite ennegrece os céos,
E da tristeza nos véos
Minh'alma se envolve inteira.

E a minha infancia boiando
Sobre o rio do passado,
Leva os risos desfolhados
A saudade me deixando!...

Amalia Figueirôa.

Porto Alegre.

BOAS NOITES

Oh! quanto é linda a flôr das boas noites,
Que, da tarde ao cair, se vai abrindo...
Em celestes effluvios se expandindo,
Como incenso voando ao Creador!
A lua, ao despontar, furta-lhe um beijo;
A brisa, no correr, dá-lhe um carinho;
E o orvalho, que tomba de mansinho
E' o amante feliz da casta flôr.

Minh'alma é como a flôr das boas noites:
Ao cair do crepusculo, vai-se abrindo...
Em nuvens de poesia se expandindo,
São as preces, que envia ao Creador.
A lua, ao despontar, furta-lhe um beijo;
A brisa, no correr, dá-lhe um carinho;
Mas nunca ella sentio cair mansinho
Esse orvalho celeste: o teu amor!

Damasceno Vieira.

Novembro — Julho de 1872.

CHRONICA

No dia 28 do corrente inaugurou-se a bibliotheca publica. De todos os factos que a chronica deste mez tem a registrar, este é sem duvida o mais notavel. A garrida Porto Alegre que já a muitos respeitos leva decidida vantagem sobre outras cidades do imperio, não podia por mais tempo estar privada deste grande melhoramento.

As bibliothecas são o complemento das escolas, disse-o um eminente publicista. Esta verdade foi comprehendida pela actual assembléa provincial, que na lei do orçamento consignou uma verba destinada á aquisição de livros para a projectada bibliotheca. Oxalá esta medida salutar seja secundada por outras subsequentes, e o publico se esforce para que não arraste vida ingloria, tão util instituição. Em estabelecimentos d'esta natureza a fundação é o minimo, na sua manutenção é que reside o maximo. Adquirir alguns milhares de livros, classificar-os, organizar por elles um catalogo e depois estacionar aqui, seria o mesmo que construir uma machina a que faltasse a sua principal condição — o movimento. A aquisição de livros deve ser incessante e esta só se pôde realizar com o favor dos governos e a animação popular, porque despender avultadas sommas em beneficio do publico, e receber como retribuição do beneficio a indifferença, seria praticar a mais criminosa das prodigalidades.

Com o titulo **Ensaios Litterarios** fundou-se n'esta capital uma associação litteraria. Irmãs nas aspirações, banhadas pela luz de um mesmo sol, o **Parthenon Litterario** saúda com enthusiasmo a sua joven co-irmã, e estendendo-lhe affectuosa mão ambiciona-lhe glorias e longa existencia.

No mesmo dia em que se inauguravão os **Ensaios Litterarios** installava-se um club que posteriormente recebeu a denominação um tanto enigmatica de **Club Z**. E' amar o laconismo até o extremo. Com a denominação **Z** cremos que os nossos leitores nem de leve suspeitarão quaes sejam os fins d'este Club. Tranquilisem-se os que atravez da ultima letra do alphabeto julgarem ser alguma cousa de misterioso e terrivel.

O **Club Z** não é republicano nem monarchista. Não advoga a causa da Internacional nem combate as doutrinas do famoso Karl Marx, é simplesmente um lugar de reunião, onde após o lidar diurno se passão em agradável conversação algumas horas da noite.

Acaba de sahir a luz o Almanack Rio-Grandense; foi um serviço importante que á população d'esta provincia prestarão os Srs. Azevedo Lima e Vasconcellos Ferreira. Avaliando as difficuldades que seria necessario vencer para coordenar pela primeira vez o material d'esta utilissima publicação, não podemos deixar de reconhecer, que, apesar de algumas lacunas, que nos annos seguintes serão naturalmente pre-

enchidas, estão as diferentes secções que o Almanack encerra, dispostas com methodo e clareza, qualidade esta muito recommendavel para quem tem necessidade de consultar a obra.

Approxima-se a festa do Menino Deus. Bem vinda seja. Com quanto não se encontre n'esta festa a franca liberdade, e aquella doce poesia, que tão encantadora torna as festas no campo, bástá possuir ella o condão de levar á risonha capellinha a maior parte da nossa população. para ser desejada com alvoroço. São alguns dias em que se quebra a monotonia d'este nosso viver, e em que o nosso olhar se distrahe com uma cousa, que sendo por demais sedição, tem sempre para nós um não sei que de novo, sorprendente e até arrebatador: — o redemoinhar confuso da multidão. A companhia dos carris de ferro tenciona franquear ao publico antes da festa os seus magnificos carros. Oxalá se realize este intento para que o povo fique mais bem servido de locomoção, tanto em rapidez como em segurança.

O benevolo acolhimento que tem tido a nossa **Revista**, determinou o augmento de oito paginas no presente numero. Que os nossos leitores vejam n'este augmento uma expressão de agradecimento sincero que pelo favor recebido lhes tributa o **Parthenon Litterario**.

M. J. Gonçalves Jnior.

Novembro de 1872.

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTENON LITERÁRIO

2.^a Série — Novembro de 1872 — N.º 6*

TYPOGRAPHIA DO CONSTITUCIONAL

PÓRTO ALEGRE

1 8 7 2

*) Engano de data. O n.º 6 corresponde a dezembro de 1872. —
N. da Redação da R. do I. H. e G. do R. G. do Sul.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appolinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Luiz Kraemer Walter.
Francisco J. de Sá Brito.
Manoel Gonçalves Junior.

REDACTOR DE MEZ

José Bernardino dos Santos.

DIRECTORES

Achilles Porto Alegre.
Hilario Ribeiro.

AOS NOSSOS LEITORES

Conclue-se com este numero a 2.^a série de nossa **Revista Mensal**.

Se bem ou mal desempenhamos a ardua e espinhosa tarefa que tomamos sobre os hombros, avaliem outros, porventura os espiritos justiceiros e patrioticos, que não enxergão nestes commettimentos, nem vaidade ou petulancia, porém um nobre esforço, um afano penosissimo nos torneios das letras patrias.

O que está feito se não é, nem pôde ser o alicerce de um modesto e tosco monumento n'um recanto da republica litteraria do Rio Grande, seja uma pedra para a sua futura execução.

Isto nos basta, porque a nossa consciencia se regosija.

Os que crêm no futuro, porfião por illustrar-se; á despeito mesmo do indifferentismo de uma parte da população e das ironias grosseiras dos espiritos estereis e apoucados, proseguem, comtudo, como os antigos cruzados defendendo uma causa santa, combatendo por uma religião sublime.

Poucos ignorão os sacrificios e dissabores, que arrastão a par de si estas publicações; quem uma vez arca com o peso da responsabilidade, aceita expontaneamente uma fadiga incessante, quasi uma tribulação.

Alargar, quanto fôr possivel, a esphera d'esta **Revista**, é o nosso maior empenho e desejo; porém isto não se faz de um dia para outro como pensão e exigem. A precipitação n'este caso seria antecipar uma quêda em vez de um triumpho.

A prodigalidade tem sido causa de ruinosas consequencias; dar mais do que possuimos é prestar o infortunio, preparar o descredito e vilipendio.

Faremos como o lavrador incançavel, que, n'um angulo de terra, após suor copioso, contempla da feliz e placida morada o orvalho esmaltando a mêsse que irrompe do seio da terra, a aurora brilhando na esmeralda da campina uberrima.

O nosso sólo é este, cultivemol-o para que as mêsses rebentem á luz do futuro, se porventura as ventanias não vierem derrancar-as antes da colheita.

Por ora a **Revista** não passa de um ensaio, e apenas uma tentativa, nem outros titulos pretende; não se gaba do que fez nem promette o que ha de fazer. Como tal se apresenta na arena das letras, timida e receiosa, pedindo sim um agasalho, uma palavra de animação, um sorriso de sympathia.

Mercê de Deus não lhe faltou benevolo acolhimento, aviventou-a o bafejo popular. Se uma ou outra decepção veio assetear-nos a alma, se uma ou outra vez emergemos a frente entristecida, logo se esgarçavão as nuvens fuscas, e um horisonte limpido e diaphano se nos antolhava.

Auxiliem-nos, pois, vós sobretudo, angelicas creaturas de Deus; a nossa **Revista** é ao mesmo tempo um jardim e um pomar incultos: — flôres e fructos, que medrão e vicejão como essas pobres e castas plantas silvestres das nossas veigas e serranias.

Esmagal-as seria maldade, um delicto.

O' não, não mil vezes!

Quando desdobrardes as laudas da **Revista** sentireis ahi o perfume das almas que ainda não se desfolharão das suavissimas crenças; são hymnos da estação ridente da mocidade consorciados com os vossos jubilos e sorrisos.

A' noite, quando a lua vai alta e reflecte-se merencoria nas aguas adormecidas do mar, as teclas do vosso piano suspirão a cavatina mysteriosa do amor, os vossos labios soltão tremulos a balata dos segredos intimos, talvez uma prece. A' essa mesma hora, nós tambem dedilhamos no alúde estrophes, que a alma manda ao Senhor nas azas da viração; á essa hora a fronte curva-se sobre os livros. sonha, medita.

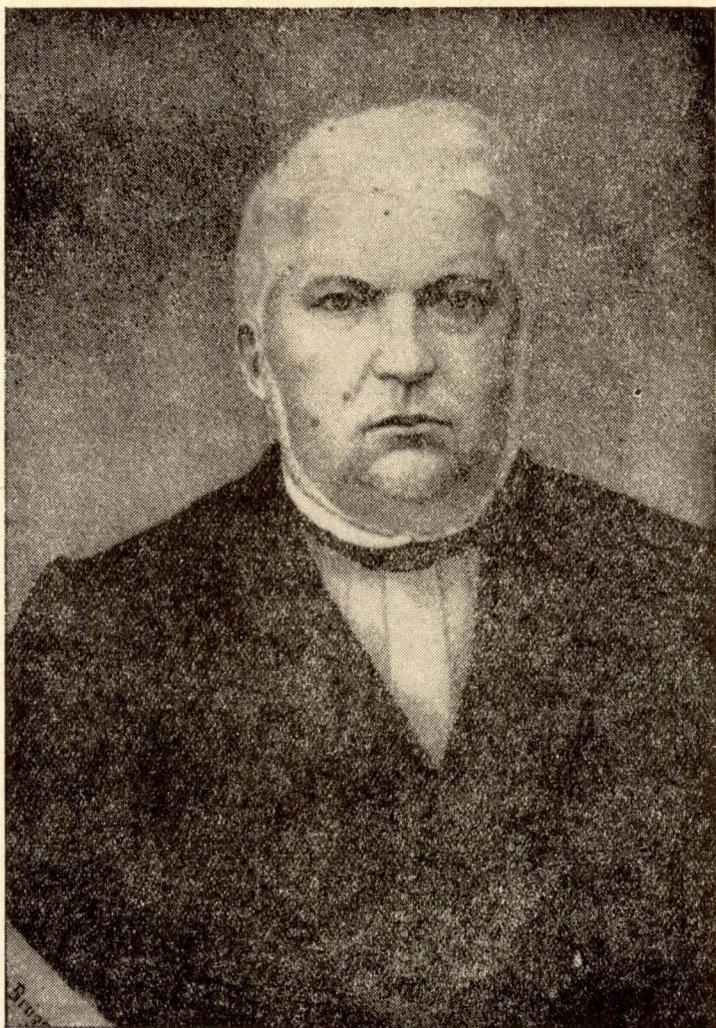
Depois — estas vigalias transmudão em oblações no altar sagrado da poesia; em meditações junto ao templo augusto da sciencia.

Por isso não vos esqueçais das **palavras de Iriêma:**

“Alentai-nos e seremos dignos uns de outros.

“O esforço complexo será util á patria”.

H. Ribeiro.



DR. JOÃO JACINTHO DE MENDONÇA

ESBOÇO BIOGRAPHICO

I

Hoje, que as primeiras paginas da **Revista** são consagradas aos benemeritos da patria, é justo, equitavel um lugar aqui para o busto glorioso de João Jacintho de Mendonça.

Entre as laureas que lhe cingirão a fronte, e os goivos e saudades que se inclinão merencorias sobre a sua lapida; entre a deusa da gloria e o archanjo dos sepulchros — a patria, mãe angustiada, ainda contempla o occaso d'aquelle astro coruscante.

Ali, debruçada sobre os manes do filho illustre, pranteia o batalhador robusto, incançavel, cahido envolto nos trophéos da legião conservadora, com as mesmas armas com que havia lutado leal e energeticamente.

João Jacintho de Mendonça legitimára, com tempera ferrea e inquebrantavel, a consideração e sympathia do povo, a confiança illimitada do paiz.

Firme sempre no seu posto de honra, jámais transigio com a consciencia; professando, desde que encetára a vida politica, as mesmas idéas e principios, quando rolou do pedestal tribunico, servio-lhe de sudario uma dobra da bandeira que hasteára.

Se o nosso comprovinciano não reunisse aos elevados dotes oratorios uma rigeza incontestavel de character, quadrava-lhe porventura a sentença severa de um dos nossos mais notaveis parlamentares e profundo escriptor: "João Jacintho de Mendonça é um orador agradaavel, que attrahe a attenção dos auditorios; mas ao sentar-se vê-se desapparecer toda a impressão que causára".

Não, isto nunca!

Quando elle se erguia magestoso como a palmeira da Abyssinia com a fronte illuminada pelos reflexos da intelligencia, seu labio atirando ás multidões extaticas o verbo que eternisára Demosthenes, era a manifestação de suas crenças, o espelho onde se reflectia a sinceridade de seu grande patriotismo.

Não era um homem quando fallava, era um idéa que effervescia; não um sabio prophetisando os destinos da patria, porém o vulto da eloquencia sustentando a égide do direito, a balança da justiça; um campeão sublime de convicções arcando com a armadura dos certames politicos.

Quando a sua palavra autorisada emmudecia, ali no estadio de seus triumphos, ficava alguma cousa na lembrança do povo: — o exemplo edificante da probidade; o archetypo do cidadão.

Dir-se-ia n'aquelles momentos de suprema eloquencia a voz da patria flagellando os apóstatas e renegados, que comprimem no peito

as nobres e elevadas aspirações para seguirem no torvelinho das ambições pessoases.

João Jacintho de Mendonça semelhando o madeiro secular, que boia e luta no dorso iracundo do oceano, sem jámais submergir-se, debatendo-se no mar de syrtes da politica militante, os vagalhões ameaçadores das conveniencias nunca puderão minar-lhe a força de animo, que era sobretudo o seu mais notavel attributo.

A sua eloquencia conquistou-lhe uma reputação brilhante; a lealdade aos principios pagou-lhe a provincia do Rio Grande, conferindo-lhe por mais de uma vez o diploma de seu representante na assembléa legislativa e no parlamento.

II

O Dr. João Jacintho de Mendonça nasceu na villa de São Francisco de Paula, (hoje cidade de Pelotas) em 16 de Março de 1817, sendo seus pais o capitão João Jacintho de Mendonça e D. Florinda Luiza da Silva. Em 1836 formou-se na escola medico-cirurgica da côrte.

Foi a par de Pedro Chaves, Francisco Brusque e Secco, que appareceu João Jacintho de Mendonça, eleito pela primeira vez deputado, na eleição de 1852.

Estreando nobremente na senha espinhosa da politica, conseguindo assignalados triumphos na tribuna, trocou mais tarde o apostolado do medico pela missão do estadista.

Comtudo, nunca a pobreza o bateu-lhe em vão á porta, e nas quadras calamitosas em que o cholera-mòrbus accommetteu esta provincia, prestou o distincto medico serviços notaveis.

Durante a legislatura de 1862 a 1865, em que o partido progressista conseguiu levar á camara todos os deputados, o Dr. Mendonça esteve proscripto, afastado dos negocios publicos.

Chamado á presidir os destinos da provincia de São Paulo, e isto em uma época melindrosa, foi tão importante o seu tino administrativo, que a imprensa liberal foi a primeira a render-lhe homenagens.

Uma das datas mais memoraveis nos annaes da assembléa legislativa provincial é sem duvida aquella em que Felix da Cunha, Gaspar Martins, Felipe Nery e Mendonça discutirão, além de outros assumptos de elevada politica, sobre o direito de revolução. Foi uma luta brilhante, titanea!

Em 3 de Junho de 1869 falleceu na cidade do Rio de Janeiro o illustre filho do Rio Grapde, occupando o primeiro lugar na lista triplice para senador.

Concluindo diremos que, não obstante adversos aos principios que professava o eminente orador, sentimos que coubesse a honra de escrever este esboço biographico, o mais humilde de seus respeitadores.

O povo, que admirou aquelle exemplo de fidelidade á patria, não deve esquecer nunca o nome glorioso do Dr. João Jacintho de Mendonça.

H. Ribeiro.

O VAQUEANO

(NARRATIVA)

XXI

R O S I T A

Moysés, que recusava tomar parte na revolução, resolvera afinal a acompanhar o vaqueano, com o contingente de quasi todos os seus guaycanans.

Eis porque o encontramos na Laguna. O exercito republicano ficára a tres leguas nas abas do morro de Santa Martha, e elle viera vêr, como bombeiro, o que fazião na praça.

No dia 23 de Julho o estandarte de côres amarella, encarnada e verde da republica de Piratinin fluctuava sobre a villa, desfraldado aos ventos da victoria.

Facil victoria sem derramamento d'uma lagrima, sem a troca d'um tiro.

Canabarro tratou logo de precavêr-se contra qualquer eventualidade. Levantou na barra uma forte bateria em defesa do porto e fez armar quatro embarcações para o curso.

Garibaldi não só bom soldado, mas excellente marinheiro; pois na marinha piemonteza galgára até o gráo de segundo-tenente por merito, foi nomeado chefe de esquadilha.

Tambem em pouco infestou a costa, e raro era o dia em que não fazia presas consideraveis de navios mercantes do imperio, requintando de audacia até o ponto de apparecer em frente á cidade do Desterro e de ameaçá-la com um canhoneio. Canabarro, no continente, não descançava, os planos de hostilidades abrangião a provincia inteira. Esperava em breve occupar toda a ilha, de posições tão importantes, que o tornarião formidavel por terra.

Emquanto não chegamos a sérios e culminantes combates, volvamos aos nossos conhecidos.

O vaqueano e o caçador gosavão de privilegios na turba-multa soldadesca. O primeiro não era mais que o guia do exercito, e se tomou parte nas lutas, sempre foi espontaneamente; o segundo não quiz soldo para obrar em liberdade, dando comtudo dez homens para o serviço da guarnição, e prompto a tomar parte em qualquer occurrencia perigosa. O mulato fez todos os esforços para affastar Avençal do theatro da guerra, onde então se achava seu figadal inimigo. Suppunho-o capaz de qualquer crime, mórmente depois do que com elle praticára vindo bombear a villa e da persiguição de que fôra alvo.

Ouvindo a proposta o moço encolheu os hombros.

— Já morri uma vez, Moysés. Que importa agora me maltratem

o corpo, quando já machucarão-me o coração. A morte, negaccio-a, não lhe volto as costas.

— Mas...

— Basta, affliges mais minha pobre alma, redarguio com ligeiro assômo de impaciencia.

— Está bom, irmão. Não é para te zangares...

Levantarão um arranchamento na corôa da colina. Moysés aventando os designos de André, cuja sanha já conhecia pessoalmente, chamou tres dos principaes guaycanans, e assim lhes fallou:

— Irmãos, a vida de vosso irmão caçador está em perigo. O inimigo o olha de preto. Se quereis que vosso irmão viva, rodeai as ocas de cuidados. Os selvagens responderão com a habitual gravidade:

— O irmão descanse nos arcos dos guaycanans. Os guerreiros da serra tem a vista do urutáo que encara o sol, e a vigilancia do passaro da campina; tem o fáro do urubú e o ouvido do cervo.

Desde então o arranchamento n'uma área de quarenta braças, ninguem transpunha, além da companhia que encontramos na Vaccaria. A's vezes um transuente distrahido ia passear pelo outeiro, e sahia-lhe do chão um bugre carrancudo e tórvo com enorme clava ao punho; desviava e mais adiante entrevia um cano reluzindo entre a rama d'uma moita de guaximas; fazia um novo circumloquio mental a que correspondia um novo circumloquio dos pés. Mas proseguindo, encontrava á algumas passos uma bola, que ao vê-lo distendia com espantosa elasticidade como uma serpente, e mostrava o arco com a flecha embebida. E como a prudencia é uma virtude nps proprios generaes, estabelecendo premissas, e uma conclusão de logica de ferro, o nosso caminhante estugava a passada em longo rodeio, cujo termo era na villa.

Canabarro uma noite sahira da tenda e viera fallar ao vaqueano.

Mal quiz vingar o perimetro guardado, um vulto se lhe oppôz. o general furioso e admirado arrancou da espada. O grito do carancho soou.

Era a senha; e como por encanto vio-se rodeado de tantos homens, n'um momento, que, de quarenta que erão, julgou divisar um exercito nas sombras fluctuantes da hora. Os guaynacans levarão-n'o prisioneiro ao chefe.

Moysés sorriu, quando reparou no preso de tão alta cathegoria.

— Chuéga, Moysés! Que diabo de costume é este?

— Não recebo a pessoa de um general sem cortejo, disse graçaendo.

E contou-lhe então os motivos porque assim procedia.

— Se elle não estivesse alistado em minha gente mandava prendel-o; mas vocês porque não vêm lá se pôdem accommoda-lo!

— General, dois dos meus indios não deixão aquelle demonio noite e dia. Se quizessemos fazel-o estender o molambo, por Deus! que não nos incommodaria mais. Eu cá pensei, mas o vaqueano não quer...

— Está bem, arranjem como puderem... Onde foi o vaqueano?

Ando pensando que temos chamusco em mais dia. menos dia.

— Os caramurus querem corcovear?

— Peior! Querem pôr-nos caroca e boçal...

— Armemos um pialo e zás! Serão elles emboçados.

— Ficarão desabrigados depois do Rio Pardo, e agora pedem desforra. Hão de ver como os desabusamos, bagulada do rei.

Alguns dias depois os ranchos estavam vazios.

Os indios apprehenderão um soldado que por falta queria fallar com Avençal e trouxerão-no para os habitações, onde o retinhão sob guarda rigorosa.

Era de noite. Elle entrou na peça principal, e sentou-se n'um cêpo perto de alentador brazeiro, sem pronunciar palavra. Não se lhe enchergava o rosto na penumbra do chapéo desabado. Silencioso e sombrio pousava a barba nas mãos mergulhado em funda scisma. Sua immobilitade o assemelhava a esses guerreiros americanos acorados nos camucins da derradeira morada.

A ampulenta do tempo vazava hora sem que ninguem apparecesse. Só a sentinella guaycanan descansava sobre o arco quasi de longura de um corpo de homem. Parecia adormida, e no entretanto, na attitude de estatua era a personificação da vigilância. Imperturbavel como a penedia erecta tinha cem olhos de argus, não perdia o menor accidente do theatro em que se achava; o ouvido era uma acustica viva, o argueiro que tombava, o zumbido do noctivago insecto n'elle repercutião.

Avençal, Manduca, Moysés e outros entrarão já sabedores da prisão effectuada em sua ausencia.

Seria meia-noite.

O soldado ao vel-os soltou um grito e cahio nos braços do vaqueano.

— Avençal! murmurou.

— Rosita! exclamou elle.

Largo espaço estiverão unidos, seio contra seio, olhos debulhados em lagrimas, os labios exhaustos de carinhos.

N'uma exclamação tinham dito tudo.

— Avençal e Rosita!

Que mais poderão dizer?

Aquelles dois nomes para elles não constituíão uma religião, um poema de amor, a immensidade do infortunio de duas almas nutridas dos mesmos sentimentos, refociladas na mesma crença ao pungir da mocidade? Que fundião-se na mesma aspiração? Tão irmãs como duas flôres de um corymbo, duas azas de beija-flôr?

Culto grandioso e sublime de dois corações que se amão !de Romeu e Julieta, máo grado os odios de raça!

Em suas irradiações parecem superiores á natureza, ao tempo, ao espaço e a Deus, embora caião inanimés na luta!

Quem lhes bradará: Suspendão?!

Vã tentativa! a pyra recebe alimento, mais cresce a paixão a cada óbice, a labareda corre como na queimada devoradora e rapida, e torna-se como a entranha da terra, quanto maior pressão, mais a cratera volcanica fumea, arde, extravaza, vence, mata!

Reprimirão afinal os impetos do peito.

— Avençal, fujamos d'aquí... Amanhã será tarde... Meu irmão procura-te, Avençal... Foge, eu te acompanho... Irei aonde fôres... E travava-lhe das mãos com ar supplice.

— Tambem enverédo, disse o mulato...

Fugir?! não, não posso...

— Partamos, renovou com o peito partido de um soluço... Queres morrer! não vêes que nossá ventura deixará de ser uma mentira?

A imagem de José Capinchos pedindo-lhe a vida em nome da amante destacou no cerebro do mancebo. Esta recordação repassou de amargume o jubilo que por instantes lhe inundára a alma.

Tornou-o forte contra a tentação.

Fallou comsigo resolutio: Cumpra-se o fado! E a ella:

— Nossa ventura, minha Rosita, e volveu os olhos para o céu... Só lá!...

André, apenas chegára o exercito da Republica, fôra apresentar-se ao general para prestar o auxilio que d'elle carecesse, e de facto prestou valiosos serviços, já em gente sua reunida ao exercito, já em dinheiros.

Não fôra o amor á causa quem o guiára. Foi o presentimento do odio. Julgava encontrar não só o caçador, mas tambem o inimigo do intimo, mas a hora da vingança, hora ha tanto almejada e estremecida.

Acertrára.

Deparou ambos.

Captára o reconhecimento de Canabarro, podia operar livremente. Pôz-se em campo. Porém, a sanha do tigre teve de quebrar contra a fera tempera dos aborigenas, dedicados até a heroicidade. Moysés de seu lado tambem o presentira e oppuzera a unica força capaz de resistir-lhe, o unico elemento de fidelidade a toda a prova.

André queria tomar Avençal, a imaginativa deu-lhe o recurso de mil planos e emboscadas, malogrados sempre pela vigilia eterna do gentio. Uma occasião no auge do desespero estrangulou um d'estes. Outro appareceu, depois um outro e por fim, turmas que ião aumentando progressivamente como onda após onda na folla dos mares. Fugio. A irmã ao vê-lo chegar em casa com as feições descompostas, abrigou-se ao quarto. Tinha tambem feito um plano. Suas faculdades estavam reconcentradas n'um só ponto: a salvação do amante. Queria vê-lo e confiava em arrastal-o longe da Laguna. Ennoitecia, A hora era propicia. O silencio reinava em torno da morada. Abriu a rotula, e, disfarçando o sexo nos trajes de homem, sahio.

Com o passo apressado e tremula foi dar nos arranchamentos, como vimos. Não notára que dois vultos a seguião de longe: André e um peña.

Quando voltára com o desalento e o desespero n'alma e a intuição d'uma proxima desgraça, ao transpôr a janella, vio destacar tremenda nos umbraes a figura do irmão, livida de colera, porém calma no exterior como a face do oceano antes do furação.

Ligeiro arrepio frizava-lhe a espaços os traços, e um som cavo e profundo regougava surdamente nas fauces prestes a escancarar-se.

— Onde foste, Rosita? perguntou.

— Que me queres? respondeu medindo-o allucinada.

— Que te quero? E um sorriso caustico como a pelle da tartarua-na, como o leite da guararema, espadanou e foi borrificar a face da mimosa donzella. Que te quero?! Vai dizer tuas ultimas rezas... E depois... irás contar á nosso pai o que fizeste por cá esta noite... infame!

Rosita sentou-se á borda do leito e mergulhou a mão sob as roupas, que oscillarão por momentos.

E placida e radiante a fronte como o lago em tarde serena, ferido dos resplendores do occaso, esfolhou um sorriso como petalas de rosas, como accentos de harpas eólias, como dulias seraphicas:

— Eu te amo. Avençal... Adeus!

Foi um sussuro... O adeja do espirito que foge do corpo.

Estava morta. Tinha uma adaga cravada no coração.

XXII

O CORREDOR DO PANGARÉ

Manduca e João de Deus atarão uma carreira entre um alazão ruano e um pangaré. Logo no acampamento formarão partidos, apenas feito o atilho, e a parada subio a tresentos patações.

O vaqueano era o corredor do alazão. Do outro não se soube até o dia.

Os dois pujantes animaes, tratados a palha de jerivá e bem amilhados, apparecerão na raia.

Havia ali um mundo de gente toda agitada, soltando alta grita, a effervescencia da arraia miuda preparada para uma grande festa.

— Páro tres doblas no ruano, bradava um. Isto é que é ginete, pellichou de dias e já fino na raia como uma setta. O alazão não reserva tiro nem parada em cinco quadras... Coepuxa! E sacudiu o rêlho com ar provocador.

— Sente-se no tiro, e a parada morta, disse outro. Não é um salta-pedras que dá pancas.

— Envido, amigo, retorquiu.

— Reenvido...

Rebentou sáfara pocêma.

Um adherente do pangaré que não vira com bons olhos a provocação do primeiro interlocutor, também rugio-lhe aos ouvidos:

— Aquillo é um matungo, patricio! um reúno!... Largo-lhe na colla a tiro de bola e ainda vou tomar-lhe o boçal.

— Helá!! Este potranquillo agora despona o colomilho e já no partir mata o pangaré a sacar de paleta...

— De fiadr...

— Nem de orelha...

— Eu torno a repetir que cem leguas em derredor não ha cavallo mais monarcheiador, voluntario e parelheiro...

— Basta de levantar polvadeira! não ésó a boca que faz jogo: é a raia que ha de fazel-o. Não épor escarcear que a se conhece o pingo. N'um prisco do pangaré vai tudo razo.

— Qual pangaré, nem meio pangaré! O ruano sim é que vôa, nem risca o chão!...

— Por Deus e um patacão! Ao heup da carreira o bagual do ruano se desmancha... E se ha quem diga o contrario pize-me no poncho, que verá como o corto de arreiador. E desenfiando o poncho, e o revolufeiando nos ares arremessou-o por terra. N'um minuto facas despirão as bainhas e rebenques alçarão as açoiteiras.

Era imminente uma grave conflito, se não fosse a intervenção de Moysés e outros que interptarão e fizeram abortar furiosas agachadas.

São preludios das corridas.

— O que não dirá o general, advertio o mulato, se sabe que no brinquedo houve rugas?

Soceguemos, se não queremos conselho de guerra e fuzilamentos.

Applacou-se a conflagração.

Ao tumulto succedeu o murmurio de vozes commentando baixinho o successo.

Decorridos instantes um ponderou em tom alto:

— Com o diacho! Onde está o corredor do pangaré? Esperão que caia ali da carapuça do môrro? disse alludindo á nevoa que corôava o cume de Santa Martha.

Era motivo para novo disturbio; porém João de Deus apazi-guou-o.

— Ha dias veio um sujeito fallar-me para correl-o, affirmando que ganharia e ao contrario pagaria o dobro. A's duas horas elle vem. Prometteu.

Moysés teve apprehensão tão repentina que bradou:

Vamo lá esperar!... Corro eu com o mesmo conchavo.

— Não queremos. Não queremos, tornarão em côro um sem numero de vozes. Esperemos nosso corredor.

O mulato sobreesteeve fulo de colera. Depois achegou-se ao va-

queano e pronunciou mansinho: Abandona o alazão, quem corre o outro é André Capinchos.

O moço encolheu os hombros com indifferença.

— Por Deus o digo, José.

O mesmo movimento.

Moysés mostrou impaciencia e foi até o arranchamento aconselhar-se com os indios.

As duas horas virão um cavalleiro a toda a brida.

Chegou.

Era André.

Avençal nem de leve fez-se surpreso.

Os corredores puzerão-se em mangas de camisa, atarão um lenço nos cabellos, tomarão dois talos de jerivá e montarão os cavallos em pello.

A carreira era em quatro quadras.

Os julgadores nomeiados forão para a raia. O poviléo apinhoscára em duas immensas turmas.

Começarão a partir.

— Assassino, dizia entrementes André, hoje não tens um velho...

Covarde!

As faces de Avençal carminarão levemente, porém não respondeu.

O outro proseguiu:

— E' necessario que eu te córte a cara, para te fazer fallar?

Ainda o mesmo silencio.

Quem os via, dissera que conversavão. Só Moysés advinhava o que se passava, acariciando a coronha d'um pistolão.

Na quarta vez, cerrarão pernas e sahirão. Os animaes dilatarão as narinas, distenderão o talhe esguio. Assemelhavão dois dardos n'um arremesso violento á flôr da terra. Os dois homens inclinados na vertigem do galope, a toda a redea devoravão o lançante do côrro com a velocidade do corisco... Seguil-os com os olhos, fital-os era crêr nos centauros mythicos, era sentir as fontes latejarem no ouriço do pensamento.

O alazão começou cortar luz de fiador, Capinchos aproveitou a ocasião, levantou o braço, ia ferir na face a Avençal... Uma frecha silvou d'entre a rama d'um salgueiro e arrancou-lhe o talo da mão erguida.

O facto porduzio tão profunda sensação, que por momentos parlysou todas as linguas. Depois uma tempestade.

Moysés foi abraçar com entusiasmo o guaycanan de vista certaia.

Os julgadores em vista da occurencia annularão o que se tinha feito.

Avençal na velocidade em que ia não vira o que passára.

Mal derão a assentada, pularão dos cavallos.

André esbravejou:

— Houve trapaça de pés e mãos, e metterão caboclos no meio...

— O vagueano não pôde conter-se.

— Mentiste, perro! bradou.

Dois facas lampearão.

Muita gente rodeou-os.

Moysés acercou-se dos grupos e disse com voz de trovão:

— Deixem-os brincar... São contas antigas... Caramba! deixem-os, ou então faço saltar os miolos do ultimo dos Capinchos, raça de matadores... E tinha na dextra o pistolão engatilhado e o cenho ameaçador.

— Querem pelejar rapazes? reflectio um capitão da Republica,

testemunha ocular do combate entre Bento Gonçalves e Onofre e muitos outros. Eu os arranjo, venhão cá.

E voltando-se para o alojamento, cujo maioria era composta de soldados:

— Retirem-se, ou mando convidar o pellego do que não obedecer.

As mós do populacho pouco a pouco se rarefizerão, inda que com murmúrio de descontentamento.

No dia seguinte vamos encontrar o referido capitão, os dois adversarios e Moysés na costa d'um rincão. Ião atirar á faca n'uma distancia de quinze passos. O capitão quiz sorteal-os, em conformidade das leis da honra.

O vaqueano com o habitual sangue frio e indiferença da vida e quem sabe por desprezo do antagonista, deu-lhe a primazia. Este aceitou com um sorriso, onde transluzia intimos jubilos, reflexos d'alma que ia saciar a sêde de sangue, alastro de odio profundo.

Tomarão os lugares.

Só o mulato tremeu diante da resolução do amigo, mas não ousou fazer a menor consideração, deixou a Deus o desfecho do drama negro em que elle figurára entre as principaes personagens.

André empalmou a faca, ficando o cabo para fóra e a ponta da lamina estendida sobre a parte interna do braço. Pinchou-a em direção ao peito de Avençal. Ia feril-o no coração. Porém, antes que o ferro o tocasse, arredou o corpo e tomou-a no ar pelo cabo.

O caçador respirou.

— Bravo! exclamou o capitão esfregando as mãos de contente, isso é que é furta a volta!

O filho de Capinchos empallideceu.

Avençal fez o mesmo movimento; no entretanto com admiração de todos não fitou o adversario.

— Capitão, disse elle com voz onde o sarcasmo palpitava, vê aquella lixiguana na ponta daquelle galho?

Todos olharão, virão a faca transpôr um intervallo de quarenta passos e vibrar encravada no centro da abelheira, a qual o mais que tinha era um palmo de diametro.

Era a soberania do desprezo.

André rugio ao novo insulto, e travando do pistolão na cinta, desfechou-o; o tiro seria mortal se Avençal presto como o galheiro não se inclinasse... n'um salto de rara agilidade cozeu-se com o competidor, cingio-o pela cintura, ergueu-o do chão e fel-o rojar por terra como um brinco. Pôz-lhe um joelho no peito.

— André, vês? Podia matar-te... não quero.

— Mata-me, que eu não perdoarei nunca a morte de meu pai.

— E quem assassinou os meus e a meus irmãos, roubando-lhes suas riquezas? Foi José Capinchos, amigo de casa. Fiz o que devia... Devia ter feito o mesmo em tua familia: olho por olho, dente por dente. Não quiz... entendeste? Deixa-me, não me procures mais ou então...

— Mata-me, repetia o outro, venceste, salteador, tens direito... Não te pouparei, se me deixas a vida.

— Vai-te, não temo os tigres. O outro montou a cavallo ralado de raiva.

Avençal foi buscar a faca na colmeia.

O capitão fez-lhe os maiores elogios.

Só Moysés resmonneou entre dentes:

— Aquella gavotta! Aquella gavotta! que tanto apreciou o cavalleiro do Amaral!

O mulato entendia que, se o irmão poupava André, era por causa de Rosita.

O vaqueano e o caçador, quando chegarão ao acampamento forão rodeados do popular, o capitão narrou o combate com todas as particularidades. Produzio urras e algazarra formidaveis o acontecimento.

A popularidade do moço attingio mais alguns furos.

João de Deus bebia como um inglez. Dizia elle satisfeito:

— Por Deus! isto livra-me d'um peso de cem arrobas. Fui eu quem fez o amigo vaqueano ter a pendenga.

E os martellinhos de vinho succedião uns após outros.

XXIII

A CABEÇA DE UM ANJO

A' noite reunirão-se na bodega do Bino Capenga, homem que seguia o exercito com negocio.

Moysés convidára seus amigos a uma patuscada, d'onde excluiu a dansa, porque certo tempo votava-lhe singular ogeriza.

Havia que molhar a palavra, cartas e violas. Bastava.

Avençal como sempre triste.

As violas tangião.

— Lá vai verso, disse um guasca typo, de cheripá, calças franjadas e chapéo de barbicacho.

Era um bello moço que aborrecia a estada em Santa Catharina a ponto de soffrer de terrivel nostalgia.

Começou:

Já não ando enrabichado,
Não arrasto o meu cambão!
Aos bamburraes da tristeza
Foi-se o pobre coração.

Que de saudades que sinto
Das cochilhas lá do Sul,
Dos campos, onde escarceia
Meu parceheiro taful?

Ai vida longe dos pagos,
Vida tyranna, por Deus!
Quem não gosta da querencia,
Da querencia que é dos seus!

Abombado, cabisbaixo,
Ando nas terras de cá;
Deixo as bolas, deixo o laço,
Deixo o pingo, tudo já.

Boi chucro que vai de tropa,
Não chora o que eu já chorei;
Ai saudades de meu peito,
Saudades do que deixei!

Vem-me tudo na memoria:
As tronqueiras e o curral,
A estancia com seus poteiros,
O vargado e o macegal!

Vem-me a casa da Marucas,
Junto ao serro do Bahú,
Marucas, a morenita,
Sem parrelha no tatú.

O' tempos que eu rozeteava
Com Marucas no serão,
Chilenas finas de prata
Repenicando no chão!

Adeus, barrigas — verdes,
Já vou a monarqueiar,
Gósto mais do meu churrasco
Que d'esses bagres do mar.

Dos campos do meu Rio-Grande
Muito quero e té demais;
Eu como dos seus rodeios
E bebo dos seus hervaeis.

Volto á cancha dos amores,
A' cancha do meu viver,
Que só lá posso chibante
Estar com meu bem querer.

Eh! muchacha, se me viras,
Juráras que não sou eu;
Pois vou-me desbarrigado
Como quasi quem morreu.

E juráras por teu rosto,
Encarnadinho como uva,
Que fiquei-me sem pellego,
E tornei-me boitató?...

Heup! Heup! ó meu cavallo...
Ehpuxa! que vou partir!...
Risca a raia e teu relincho
Novamente faz ouvir.

Salta sangas e porteiras
Que depressa já me vou;
Pouco rodar e planchar-se
A campeiro como sou...

Retovei as boleadeiras,
Nova inhapa o laço tem.
Heup! Heup! A toda z zedea,
Prisco a prisco rompe além!...

Vamos, pingo, terra fóra,
Feia terra que pizei!
Ai saudades, ai saudades,
Saudades do que deixei!

Terminou.

Os applausos choverão sobre o trovador, cujas palpebras humectava-se de pranto.

— Isto sim é botar versos! Senti cé por dentro não sei o quê! Parece que o coração também chorou-me...

— A quem toca?

— A mim.

— E assim prosseguirão nos descantes, acabando pelo hymno a Bento Gonçalves, cuja primeira estrophe é a seguinte:

Bento Gonçalves da Silva
Da liberdade é o guia,
E' heróe, porque detesta
A infame tyrannia.

Todos o entoarão, excepto Avençal.

Emquanto uns jogavão a primeira, o trinta e um é a manilha, outros estalavão a lingua nos sórvos da aguardante que chamavão a patricia, e do vinho do reino, e alguns outros dedilhavão nos instrumentos os classicos anum, tyranna, chimarrita e tatú, além dos improvisos e toadas e canções da época, elle, em seus pensamentos isolado da reunião, ia longe refestelar o espirito n'uma imagem pura e santa, aurora que nos primeiros annos lhe sorria com tanta volupia, que elle pudera esquecer em muito tempo de adversidade e esquecimento de si proprio, mas que ao tornar a vél-a, fazia como reviver todo um passado risonho, toda uma paixão nascida para ser logo suffocada nos braços da consciencia. Na athmosphera de tristeza e infortunio onde respirava, cria entrevêr uma luz... miragem do naufrago no meio do oceano! O mundo não tinha mais um raio para fecundar a esterilidade de um semelhante coração. A alma humana exposta a um longo periodo de angustia suprema, quèda como o rochedo do mar batido do vagalhão. Aquella não tem mais germen de crenças fundas, como este não tem mais germens de vegetação, a não ser pelas fendas uma ou outra radícula moribunda.

Um guaycanan entrou. Entregou ao caçador uma caixa, dizendo:

— Irmão, trouxerão.

— Quem? perguntou Moysés.

— Não sabe o guerreiro. Entregou a caixa uma mão extranha, que desapareceu ligeira como a nhandú do campo.

— Vamos abril-a.

Todos, salvo Avençal, rodeiarão-n'a açulados pela curiosidade.

Mal o tampo ligado com uma corda de imbé cedeu á mão de Moysés um grito de terror partio de todos os peitos, os cabellos ouriçarão em cada frente.

Havia uma cabeça de mulher.

Era a de Rosita.

O vaqueano despertou da scisma, ergueu-se e veio ao grupo.

Ficou estatua.

— André Capinchos! vociferou Moysés, quasi branco de fula que estava. E não o mataste, quando hoje o podias, amigo! E voltando-se para o índio: Os guaycanans sigão o inimigo, tragão-n'o vivo... Caramba! hei de fazer o que elle ensinou-me uma vez...

E para os outros companheiros da tasca:

— A cavallo, patricios! Temos rebentona.

— A cavallo! ajuntarão em côro phrenetico, palpando as armas á cinta.

A sala esvaziou-se. Só José de Avençal ficára.

— Pobre Rosita! E o moço estreitou com veneração aquella cabeça inda mais bella depois de morta, pallida como um busto de lioz, com os cilijs entreabertos como para inda uma vez vêr o amante, com os labios que parecia nas inflexões em que congelarão estar pronunciando um só verbo: Avençal!

Elle beijou-a em delirio.

— Victima do meu infortunio, perdôa-me, perdôa-me... breve serei contigo.

E chorava, chorava o pobre moço!

XXIV O PAVILHÃO TRICOLOR

O governo central assustou-se com a tomada da Laguna, vio a ilha de Santa Catharina ameaçada de proxima invasão, como os navios mercantes apresados por um inimigo, cuja audacia e valor não tinham limites e chegavão até as fortificações de Tamarin e Ratonés.

Resolveu pois acabar com tão precaria situação.

Nomeou no intuito ao marechal Francisco José de Souza Soares de Andréa commandante das armas da provincia invadida, e chefe d'uma força naval ao capitão de mar e guerra Frederico Mariath.

No dia 15 de Novembro de 1839 entre imperiaes e republicanos ia renhir-se porfiada luta, em que ambas as facções tinham de cobrir-se de memoranda gloria.

Canabarro campava na bateria que defendia o porto. Garibaldi com a esquadilha em ordem de batalha.

Rompeu o fogo.....

Quantas façanhas, quantos actos de bravura e heroismo não ficaram sepultos n'esse dia em nuvens de fumo, no fundo das aguas e no estrupido da peleja?

Como Canabarro e Garibaldi sorrião jubilosos sob um céu de metralha e fogo? Leões da guerra, columnas avançadas da liberdade, cederão; mas, quando o exercito disimado por forças superiores constituiu um pugillo de bravos, quando da flotilha vião-se apenas fragmentos boiantes sobre as ondas; cederão, é certo, ao numero e recursos poderosos, não ao esforço e bizarria. Grandes na victoria e no infortunio! Grandes na derrota, porque tinham no coração as lagrimas do desespero!

Derrota!!? Não... Retirada gloriosa, ressaca de vagalhões que imprimirão o sello de sua pujança, onde baterão, fracassando.

Senão, porque não os seguirão aquelles que cantavão os hymnos triumphaes? Porque deixarão-n'os voltar sem offerecer combate, quando erão senhores da liça?

Razão intuitiva. A natureza do lugar sem amplo desenvolvimento de fortificações, deslocou-os, não os venceu. O riograndense confia mais em seus braços de Briaréo e em seus hombros de Atlante do que nos recursos offerecidos pela engenharia militar.

Retirando-se, poucos na verdade, ainda infundião terror nas hostes contrarias, immobilisavão-n'as.

O reducto fôra arrazado. As pedras do parapeito atulhavão a berma, ostentando calva a banquetta onde pisavão tantos valentes, onde alguns davão ainda o ultimo arranco de vida pela Republica.

Mariath varava a barra.

A bandeira tricolôr fluctuava na hastea, crivada de balas, porém, como sempre, medindo altiva a bandeira do imperio.

— Colhão a bandeira! bradou Canabarro, rubro de colera, tremulo de desesperação... Coepuxa! que é impossivel estacar mais um momento! A posição vai ser tomada...

E de facto varios destacamentos vinhão em direcção.

— General, deixe-a, disse o vaqueano, eu fico... vou dar-lhes uma lição.

O chefe o conhecia muito bem para confiar-lhe o estandarte sem susto. Não quiz saber mais, abraçou-o.

Tocou-se a retirada.

E partirão tantos heróes ainda com impetos de retrocederem, se a voz do chefe ordenasse.

Quantos n'aquelle momento não preferião ter ficado na arena da batalha, ouvindo o som estridente das cornetas?! Quantos não seguirião constrangidos? O contrario, no entretanto, era impossivel.

Mas o campeiro, onde é que vê impossiveis, elle habituado ás intemperies, vencendo dia após dia a natureza selvagem?

Partirão. Avençal só ali conservava-se. Por minutos desaparecera na casamata. Quando voltou trazia na mão um morrão acceso. As feições ha tanto contrahidas pelos soffrimentos diffundião-se n'uma alegria intima e ineffavel. Volveu os olhos para o céu e pronunciou:

— Rosita, espera... é um instante.

Os imperiaes approximavão-se.

Elle espalhou um rastilho de polvora através do terraplano, da casamata até o mastro em que desfraldava o pavilhão. E sentou-se junto d'elle n'um comoro de ruinas.

Os legalistas galgarão a posição, julgando-a abandonada, com tanta rapidez que nem viera a lembrança de retirar a bandeira. Vinhão desprevenidos, porém, mal o virão, as armas procurarão a pontaria.

Não tiveram tempo.

Avençal bradou:

— Viva a Republica! E seu braço abaixou o morrão; o rastilho incendiou e... uma detonação horrenda, nuvens de fumo, espadanas de fogo!

Quando o ar desannuviou vio-se que o pavilhão da Republica não costumava render-se: ardia com seus inimigos.

.....

.....

Em frente á barra da Laguna ou do Tubarão demora a ilha dos Lobos. Emquanto o cambate seguia as diversas evoluções, ahí sobre um penhasco um homem contemplava impassivel a scena. O fresco do mar açoutava-lhe a frente, e as ondas marulhavão-lhe ás plantas sem demovel-o.

Tinha a physionomia carregada de odio. Parecia o ideal do máo genio assistindo o espectáculo da destruição entre os homens.

A rocha, que lhe servia de pedestal, não era mais immalleavel, aspera e dura do que a tempera de seu character.

Vio a explosão.

O lampejo d'um pressentimento illuminou-lhe a alma, sorriu. Sorrio: — como Caliban ou Mephistopheles! Instillação de fel e veneno!

— Meu pai, exclamou, gesticulando para o céu, estás vingado!

Meia hora depois um cadaver surgiu ao longe. O sangradouro o vomitava ao oceano. Elle em cima do rochedo como o abutre fare-

jando a prêa, estendeu a vista e extorceu-se no acesso d'uma gargalhada.

— E' elle! E' elle! fremio.

E arrojou-se ao mar após o corpo do morto.

Este homem era André Capinchos.

.....

Moysés chorava no acampamento.

O caso era virgem, por isso mesmo teve o respeito de todo o exercito.

N'aquelle dia que ia finir, perdera o querido irmão e quasi todos os indios, seus fieis companheiros.

Os guaycanans desaparecião para sempre da terra, entravão no dominio da posteridade, como uma tradição. Alguns vinte sobrevivião feridos e mutilados; poucos para representarem sua tribu guerreira.

Mas não era só a face do mulato que rorejava.

Todos que conhecião o vaqueano, inda que muitos lhe invejassem a morte, choravão-n'ó. E' que o pranto é sempre o epitaphio da saudade n'uma ruina, onde vicejão flôres olentes.

1869.

Iriêma.

F I M

CONTOS RIO-GRANDENSES

INTRODUCCÃO

Quando as saturnaes do imperio, no proscenio immenso da França de Napoleão III, se representavão, e que as actrizes semi-nuas aos applausos phreneticos da multidão, calcavão com passo ousado o tablado, que saudoso recordava as éras de Corneille e Hugo; quando reboava nas vastas abobadas odeoneas gargalhadas do truão, murchas pendião, desfolhavão-se no chão dos cemiterios as corôas de harmonias d'essas fronteas sonhadoras.

Como no chão do alcouce ao calor do seio da cortezã, as violetas pallidas, murchão, tombão sobre a tapeçaria lubrica.

Fugido do pestifero solo, lá no seu rochedo de Guernesey, a sós com suas meditações, espraçando ás vezes o olhar incerto na vastidão immensa do oceano, ás vezes fixando olhos prescrutadores á varárem as nevoas alvadias, que do mar segredão ás costas verdejantes de sua patria; a sós com Deus, a solidão, a natureza, suas cogitações e seu amor eterno á morta republica — na energia das paixões que tumultuavão-lhe no peito, é que encontrava Victor Hugo forças para resistir ao pendor fatal, para fulminar com as vozes timbradas de uma colera omnipotente, ao homem negro, que embalde escorava o throno vacillante na ponta das bayonetas. Como, que em seu coração abrigavão-se offegantes as tempestades que gemem no mar da Mancha, para depois mais divinas rugirem no céu da Europa.

Assim, não é no bestial materialismo presente, na submissão do homem degradado, sem outras ambições mais que as dos irracionais, ao despotismo real; na abjecção do homem — machina ás mãos da realeza — que se crião essas individualidades poderosas, que como as pyramides do Egypto emergindo nos céos a cabelleira, desafião a rasoura dos tempos impossiveis, symbolizando a grandeza excelsa de um povo morto, cuja sepultura os seculos guardião. Não é deixando-se insciente encurrallar nos redil onde o imperialismo tosquia o rebanho romano.

E' necessario o fogo interno irromper do coração impetuoso á voz senhoril do poeta, como ao toque da varinha magica do Moysés da Biblica, do rochedo agreste brotou a lympha espumante, em jorros de limpida, agua. Mas, ai! que n'esta opulenta região da Amrica, a litteratura, verdadeiro espelho do adiantamento moral do povo, jaz em completo marasmo, como a sociedade que reflecte. Mal destôa d'esta geral pasmaceira, de vez em quando alguma nova inspiração da musa esplendida do grande poeta prosador, a quem admiramos e veneramos como o mestre de nós todos, que vem nos mostrar, que ainda algum sopro vital corre no peito d'esta nacionalidade.

A litteratura resente-se do abatimento geral. Não assume as proporções epicas de mais faustosos periodos. Em vez de produzir Her-

cules e colossos, potencias de força que quebrão as cadêas do pensamento humano e abarcão na alma os conhecimentos universaes, consente em um mundo á parte creado de roseas nuvens de dourada phantasia, — que se criem typos sympathicos, que se não tem a magestade das gigantescas estatuas que a antiguidade pagã levantava no marmoreo templo dos deuses, ao menos possuem a belleza gentil das estatuas que palpitão nos flocos de marmore ou jaspe sob o delicado cinzel do artista moderno.

Talentos de segunda plana, divagão nas alamedas feiticeiras da poesia. Não vão fazer interrogações á sphinge das gerações idas, não se debruçam sobre o tumulto da humanidade a escutar mysterios de além-mundo, nem em si encarnão a individualidade d'um povo, fazendo affluir ao seu coração todos os sentimentos que possão commover uma nacionalidade; mas deixão impressa a pagina traçada aos posteros para compillarem na epopéa popular, da vida de uma geração. Apraz-lhes a sós scismarem nos encantos da uyára, nos vagos murmurios da tarde, mescla de suspiros da natureza, harmonias do arroyo que se espreguiça no sangão, melodias das arvoredas que balançaão na ladeira do morro, a confundirem-se com os lamentos ternos, saudosos da jurity no capão da canhada que além recorta a varzea.

O lyrismo é a voz que solta a civilisação infante nas canções suspiradas junto ao berço de uma nacionalidade. N'estas vozes mais odoríferas que as cachopas da baunilha, que as candidas flôres do bogari, aspira-se um perfume inebriante de cavalheiresco entusiasmo e energica fé, que parecem apontar um futuro de esperança a compensar o presente de desenganos.

O poeta reconcentra-se no seu mundo interior, e percorre em sua lyra dourada a escala das notas que dizem: — amor! e de sua alma transbordão torrentes de lyrismo.

O Brazil acha-se ainda n'essa quadra juvenil; e a litteratura nacional mal tactêa nas trévas em busca da vereda que guia no futuro.

Aos jovens sectarios do progresso, ainda não gastos nos brodios do materialismo, cumpre na escuridão ascender o facho luminoso da intelligencia; a elles cumpre ser os ousados bandeirantes, que vão nos sertões selvagens da poesia buscar as gemmas preciosas que fulgem no amplo veeiro.

—oOo—

A nossa litteratura não deve continuar a ser sedicã imitação da portugueza, como prega o Dr. Nabuco. Deixemos que gema o Tejo o hymno seu tradicional junto ás muradas de Lisboa, que o Amazonas, que o Tocantins, bufando se deixão rolar pelos sertões, nos espasmos da pororoça! Que o vate luzitano recorde, á sombra das faias que ensombrão os vergeis da patria, os aureos dias de Affonso de Albuquerque nas terras do Oriente, que o Brazil jámais contemplou o céo da Asia, jámais hasteou o seu pendão ás lufadas das auras dos mares da India, ou fez ouvir seu nome aos gentios de Malabar.

Desde a mais remota era colonial teve o Brazil caracteristicos de povo original, quer influenciado pela natureza, clima e tradições anteriores, quer pelas relações especiaes que desde logo contrahio com o paiz selvagem. A lingua enriquecida por neologismos, quer de raiz estrangeira, quer proprios, quer indigenas, se transforma a olhos vistos. A nossa raça também não é tão portugueza como muitos dizem, nem tão abundante em nossas veias o sangue caucasiano.

As nossas tradições remontão ao descobrimento, mas não atra-

vessão os mares; antes radiação-se na America. Da Europa nos veio o fermento de mais apurada civilização, instituições que não satisfazem as maximas divinas do christianismo. Isto, porém, não basta ás nossas aspirações, que nos mandão além discorrer em busca de ideal digno.

Em materia litteraria devemos ter individualidade propria. Quando rôtos estão os ferros que nos prendião á metropole, e para sempre repellido o jugo politico de Portugal, não podemos continuar intellectualmente escravos da velha mãi-patria, nem sujeitarmos o pensamento nacional ao despotismo senhoril. No banquete da civilização a terra de Santa Cruz para si toma lugar.

O Brazil litterario a imitar Portugal, fica sériamente embatucado! Affigura-se vêr um bom gaúcho dos pagos rio-grandenses, acostumado ao churrasco mal assado e ao saboroso matahambre, nos apuros ferri-veis de engulir o apetitoso caldo verde de Balbão ou São Cosme n'aquellas saudosas noites da espadellada do Minho; ou ter de sorver respeitavel tijella de caldo d'unto, labios que conhecem o sabor da caúna que verdeia no concavo da cuia prateada! Ai! guasca, que bailas no rancho colmado do sapé, ao saudoso descante da viola, com as morenas chinócas, o teu voluptuoso tatú, a tua tyranna, ou o entusiastico carangueijo, — que grotesca figura não farias de poncho, chiripá e chilenas, na roda dos rapazes d'aldêa, a sapatear com as Marias e Therezas as mais requiebradas figuras da canna-verde!?

A nacionalidade brazileira fez-se com elementos portuguezes mesclados ao indigena e africano, de modo que na familia humana formamos já raça á parte. Dos da antiga metropole differem muito os nossos costumes; mui diverso é o nosso sentir; outra é a face do nosso character; pois em nossa nacionalidade pulsa o coração americano, e á nobre commettimentos nos impelle a alma do novo mundo, que a nossa aintelligencia ardentisa. Agregue-se a esses elementos o sangue germanico que infiltra no corpo das provincias meridionaes certo especialismo, e o genio francez de que se satura o Rio de Janeiro que vai tomando especial feição, — a expellirem o velho ranço luzitano.

Differentes periodos pôde espelhar a litteratura nacional; começando o primeiro indubitavelmente na época do escobrimento, quando audazes navegadores portuguezes levantarão em terra desconhecida ao céo americano os braços agigantados da cruz, primeira obra que ergueu a industria européa na terra selvagem. Abrange as primeiras lutas do colono europeu com o indigena habitante das costas; para levantar o seu rancho nas praias do Brasil, onde se devia crear novo civilização que homologasse raças diversas em um povo só.

Vai o segundo do descobrimento á independencia de vinte e dois: corre desde a tyrannia dos governadores e capitães-móres até á agonia do velho regimen despotico ás mãos do absolutismo inaugurado pelo Duque de Bragança com o imperio das bananeiras e melgueiras tambem! Acompanha as pugnasdo invasor com os aborigenas em demanda de terra; emquanto os apóstolos do novo mundo em pesca de almas para a não da Eternidade affrontavão sós, inermes, o deserto inexplorado, e ao filho da natureza selvagem apresentavão pallida, ensanguentada a imagem do Christo Redemptor. Segue como aventureiro das bandeiras pelas emmaranhadas florestas sombrias, a soffrer inclemencias do tempo e da natureza, perseguido pelo indio vingativo, exposto á sanha das feras e ao traçoeiro bote do reptil, em cata do precioso metal que a grupiára esconde avára no seio da terra. Vê por vezes o colono barbaro e ambicioso perseguir, quaes pantheras, os filhos primitivos das florestas natalicias; por vezes colligado a uma tribu

combater contra diversa, e ligada a esta, combater aquella, dando por todos os meios ao seu alcance ao pobre indio ou ao exterminio ou a escravidão; por vezes ao lado de Vieira, sob o pendão de Portugal combaterem as hostes gloriosas de Vidal de Negreiros, os robustos negros de Henrique Dias e os intrepidos guerreiros potyguaras de Camarão contra os valentes soldados de Batavia. Esta guerra apresenta erigido contra o estrangeiro o consorcio de tres raças organicas de nossa nacionalidade.

Protestos contra escriptores brasileiros que nos apresentarão como um prolongamento da mãe-patria, na America, a cauda de Portugal, da Europa estendida por sobre o mar a pousar n'este continente; e que nos negão injustamente toda a individualidade propria. Desconhecem ou fingem desconhecer o nosso paiz, o povo que o habita desde o vaqueiro do Pará ao gaúcho do Rio Grande, do tropeiro de S. Paulo ao roceiro de Minas, d'este ao boiadeiro de Ceará, do boiadeiro ao tabaréu de Pernambuco e d'hai ao inculto mineiro de Goyaz, e no meio d'esses matizes diversos um amalgame indeciso, confuso da população das cidades populosas em que predomina certo cosmopolitismo.

O Dr. Joaquim Nabuco, muito brilhante intelligencia da geração nova, justamente entusiasmado pelos Lusíadas do velho Camões, desconhece o sainete brasileiro que ostentão os deliciosos livros do Alencar, as paginãs sublimes do Luiz Guimarães Junior e as produções sempre famosas do Bernardo Guimarães, do Macedo e outros; sainete que vê-se sempre, mesmo nas mais ligeiras produções do nosso illustrado Iriêma.

Pedra de escandalo para o Dr. Nabuco é o indio brasileiro tantas vezes poeticamente photographado por Alencar e Bernardo Guimarães, Felicio do Santos; e suas lendas e mythos, tão deliciosamente narrados pelos labios eloquentes de Gonçalves Dias. Não quer que o poeta nacional enxergue na historia da patria mais que o vulto do colono portuguez, nem n'este solo americano mais do que o chão que pisa. Para elle nada temos de commum com a raça indigena, nem o berço onde fomos acalentados, nem a terra-mãe, cujo regaço se nos abriu ao primeiro despertar na vida. No entanto consorciou-se com o colono, tão intimamente ligou-se a elle o povo aborigena, que nós seus descendentes herdamos tantos termos e expressões indigenas, tantos idiotismos originaes, que não ha negar.

Aos nossos rios, montes, arroios, serros, damos nomes que não se pronunciação do outro lado do mar; ás nossas arvores, animaes e passaros damos nomes que o portuguez não pronuncia sem estropiamento terrivel. Muitos dos seus usos e costumes, de seus objectos domesticos, de seus manjares hemos adoptado.

Entranhai-vos pelas campinas do Rio Grande; ide aos nossos pampas, e tomai pouso entre os generosos gaúchos. Convivei com elles algum tempo, o preciso para estudar-lhes a feição do character, costumes e indole: aprendei as suas phrases picturescas, as suas tradições — crenças e religiões.

Vel-os-heis, por exemplo, ao mesmo tempo, que fazem uma promessa ao milagroso Santo Antonio, irem mais confiadamente accender uma vela de sebo no fundo da canhada ao negrinho do pastoreio, para que lhes traga a egua madrinha que se extraviou na manada.

Vel-os-heis credulos como bons catholicos apostolicos etc., no poder de Roma e na tinhosidade da diabo, recuarem pallidos, espavoridos á repentina appareição do boi-tatá no alto da cochilha fronteira, ou arrepiarem-se todos com a idéa de que em alguma noite em que dormissem descuidados, aproveitando-se das trévas, lhe viesse o trai-

çoeiro caipora lhes chupar o sangue. N'elles achão-se até consorciadas as crenças catholicas ás superstições selvaticas, bem como são de raça — mais americanos do que caucasianos.

Não podemos, pois, na confecção de nossa litteratura repellir o indigena, nem suas lendas, que nos forão contadas na doce toada do adormecer n'essa longas noites de inverno, quando a chuva abundante, gemendo cae na calçada e o vento sacode raivoso as arvores do quintal, emquanto nós cheios de temor infantil nos aconchegamos ao seio materno, e uma por uma engulimos as tão suspiradas palavras da historia que nos prende.

Depois d'este cavaquinho que me será de bom grado desculpado, fechemos parenthesis que já se tornava extenso, e prosigamos.

A independencia de vinte dois fecha o periodo propriamente historico, e apresenta-nos a pagina da vida contemporanea. Aqui cessa a época colonial e começa a vida da nação, que reclama lugar no concilio dos povos no vaticano da civilização. A litteratura reflexo d'esta época, como a das outras duas co-irmãs mal balbucia ainda.

A sociedade brasileira com o tal grito do Ypiranga, e mais ainda com as negociações diplomaticas d'el-rei de Portugal e Algarves, d'Africa, Asia e Oceania, d'aquem e além mar, com o seu filho imperador do imperio da cruz sagrada, tomou outro aspecto teve o seu eu. Ao vice-rei succedeu o imperador; os governadores chrismarão-se presidentes.

Em vez das bravas milicias de outr'ora, temos a briosa civica, um exercito de condecorados, uma legião de barões de todos os formatos e feitios, e uma guarda pretoriana de calças azues. Tudo tomou nova figura, até a carranca antiga dos prepostos d'el-rei, que se ameiou e dulcificou — que tem a elegante suavidade da prazenteira physionomia de Anisio, e o meigo sorriso que esfrola os labios do Sr. Paranhos.

O carrancismo antigo dos velhos de rabicho cedeu lugar á branda e estirada indulgencia moderna, que não estabelece em negocio publico limite ao amigo patoteiro.

A sociedade completamente transformou-se; banirão-se os lenços de Alcobaça e as missas de madrugada; os pais quebrarão as rotulas, e as filhas esvoação, borboleteão nos bailes do Cassino; e até das beatas a phalange dissolveu-se; para crear-se das peccadoras o exercito. Os juramentos não se fazem mais em nome do pio, clemente, immortal, etc., el-rei Nosso Senhor, mas sim, do mui alto e poderoso monarcha a quem Deus guarde etc., Sua Magestade o Imperador constitucional, defensor perpetuo do Brazil, etc., e tal, como é de estylo e uso.

A antiga côr local do paiz cambiou de aspecto. Hoje só longe dos centros populosos se encontra o viver de nossos avós rude e singello, ainda não embuido do character forasteiro, que começam as nossas cidades ainda as mais despovoadas, a tomar; só nos remotos sertões, na vastidão da campanha se encontrão, a par da santa ignorancia, os costumes patriarchaes de nossos antepassados. No atrito da civilização das cidades as tradições do povo, gastas pelo dente acurado das transformações diluidas se esvaem; só longe do rumor e do bulicio encontral-as-heis no rancho do tropeiro, ainda recendentes do agreste perfume do manacá.

As faces multiplas de nossa nacionalidade estão a convidar pintor, que lhes tire as feições peculiares de sua physionomia, em partes insinuantes e attrahente, e no todo — vaga, indecisa.

Póde tambem a nossa litteratura diante dos tenaveis problemas,

que lhe apresenta a sphinge da escravidão, tomar o caracter social e philosophico, e ascender ás regiões altas da especulação humanitaria.

Não necessitamos passar o Atlantico para irmos buscar na patria de Camões a inspiração, que chove nos raios brilhantes do sol da patria; nem encostarmos na velha fonte da Castalia labios sequiosos, quando a Tijuca debruçada do môro nos offerta o seio inexgotavel da poesia, enquanto a ultima canção da tarde vibra saudoso o sabiá nas mangueiras da encosta, e toda em perfumes desfaz-se a baunilha aos calidos beijos do aracaty da noite que se aproprinha.

O leitor desculpará esta longa divagação, mais um peccado litterario de que sou responsavel perante o tribunal das letras. Quiz expender algumas idéas, e fui mais longe do que pretendia.

Ao findar estas linhas tenho em mente escrever, se dispozer de tempo, alguns contos ou narrações a que este embroglio serve de prologo. Serão tentativas romanticas de caracter nacional. Conceda-me, pois, indulgencia.

Victor Valpirio.

Pelotas, 5 de Outubro de 1872.

RISOS E LAGRIMAS

ACTO 4.º

QUADRO 5.º

A mesma decoração do primeiro acto.

SCENA I

Manoel, Margarida.

MARGARIDA — Té que afinal chegou o dia desejado.

MANOEL — E a embrulhada, a embrulhada, Sra. Margarida? Vmc. é uma mulhersinha como eu procurava... Palavra que eu nunca me enganei.

MARGARIDA — Está muito curioso?

MANOEL — Se não hei de estar.

MARGARIDA (mostrando uma carta) — Pois aqui a tens; tanto fiz que apanhei-a...

MANOEL — Louvado seja Deus! Vamos a isso, dê-m'a cá, Sra. Margarida... Ainda bem que aprendi o meu poucadinho a lêr...

MARGARIDA (dando-lhe a carta) — Curiosos, curiosos que são estes homens!

MANOEL (lendo mal) — Paris, 5 de Maio de 1850.

Meu querido Paulo.

É possível que não nos vejamos mais. Estou desenganado pelos medicos e as forças quasi me abandonão n'este momento. Antes, porém, de fechar os olhos devo revelar-te um segredo que teu pai confiou-me nos seu ultimos instantes. Deve existir ahí na casa de um negociante por nome Fernando de Magalhães uma menina que deve contar hoje 18 annos, chamada Adelaide. Essa infeliz creatura. abandonada no primeiro dia de existencia é tua irmã. Cumpre-te fazer por ella o que teu pai esqueceu. Adeus, recebe a ultima benção de teu padrinho.

Luiz Amaral da Cunha.

MARGARIDA — E então?

MANOEL — Foi uma obra do céo esta carta! (comsigo) Por isso a Sra. baroneza foi lá para o convento... An, an... por isso... Aquella mulhersinha era mesmo o tinho!

MARGARIDA — E o que é feito do Dr. Paulo?

MANOEL — Eu sei cá, ninguem mais o vê, desappareceu...

Ah! Sra. Margarida, em tudo lá vem o dedo de Deus! Estou

realmente contente!... Se não hei de estar, quando a minha querida Sra. D. Adelaide, que vi crescer, que acalentei n'estes braços... estou pelos cabellos de contente!

MARGARIDA — Outro tanto não digo eu, Manoel; não reparas como anda triste a menina Octavia?... Pensas que eu não sei o que é aquillo?...

MANOEL — Sim? sabe? O que é, Sra. Margarida? Eu tambem penso que sei... olhe...

MARGARIDA — Uns riem e outros chorão!... Para aquelle mal não lhe vejo remedio!... (enxuga os olhos).

MANOEL — Está bem, vamos cuidar do serviço... (sahe).

MARGARIDA — Pobresinha, pobresinha!

SCENA II

Margarida, Octavia

MARGARIDA — Ahi vem ella... Pobre menina, pobre anjo!

OCTAVIA (visivelmente abatida; andar vacillante) — Deus, santo Deus, o que será de mim?!... Já não tenho lagrimas... A minha razão perde-se, eu enlouqueço!... Onde maidr supplicio?!... (ajoelhando-se) O' mãe da minh'alma, tu que vives lá no céu ampara-me, intercede por mim... leva a tua filha d'este exilio... O' minha mãe! minha mãe!...

MARGARIDA (approximando-se) — Resignação, resignação.

OCTAVIA (erguendo-se tomada de susto) — Ah! quem é?!...

MARGARIDA — Sou eu, sou eu, minha querida senhora. O que se ha de fazer? Porque chora assim?... Isto córta o coração.

OCTAVIA — Ah! Margarida, Margarida!

MARGARIDA — Resignação...

OCTAVIA — Resignação, dizes tu! Perdia-a, Margarida, perdia-a para sempre. Quero morrer com este amor, com este culto immenso, que foi o primeiro e ha de ser o ultimo.

Ha quatro annos, ouviste, Margarida, ha quatro annos que esta chamma devora e consome a minh'alma. Não posso sobreviver mais um dia, não posso, é impossivel!

MARGARIDA — E porque veio? Eu bem lhe dizia.

OCTAVIA — Queria vir, precisava vir... Estou assistindo os meus proprios funeraes. (pausa) Para ella um altar, a felicidade, o amor; para mim — um tumulo, o esquecimento. Nada mais espero, nem desejo, Margarida. Assim ama-se uma vez na vida; amor que nasce e floreja enlaçado ao coração para morrer e extinguir-se com elle.

MARGARIDA — As cousas parecem sempre peiores do que são... Espere pelo tempo, que é remedio santo...

OCTAVIA (impaciente) — Cala-te, cala-te, Margarida; não digas mais um palavra; deixa-me por Deus, vai-te!

MARGARIDA (retirando-se) — Eu vou, não precisa zangar-se, não fique mal comigo.

OCTAVIA (arrependida) — Mal contigo? O' não, minha boa Margarida; tu não me comprehendes, não podes comprehender esta situação desesperada! Já não sei o que digo, nem o que faço... Perdôa, o meu espirito perde-se diante d'este abysmo em que me despenho. Perdôa, bem sabes quanto te quero... Eu não minto Margarida, amo-te quasi como se fôras minha mãe!... Mereces bem este doce nome; és digna d'elle...

MARGARIDA (comovida) — Porém a menina... Emfim, eu não devo falar; comtudo, eu cá sei... A' vezes o melhor é a gente não se mortificar assim... Não quero dizer que... A menina, sim... (Octavia mostra-se impaciente) Depois está tão moça... depois o tempo... Ah! não se zangue... eu não estou dizendo que a menina... Vem gente

SCENA III

Octavia, Fernando de Magalhães

OCTAVIA (comsigo) — Vai-se approximando a hora.

MARGARIDA (sahindo — Até já... (baixo) O Senhor se compadeca d'ella.

F. DE MAGALHÃES (traja casaca) — Ah! por aqui a menina?

OCTAVIA — Cheguei agora. Então, está muito contente, Sr. Magalhães?...

F. DE MAGALHÃES — Infelizmente a festa não é completa. Riem uns chorão outros. Pobre baroneza, infeliz irmã!... Lá vive isolada n'uma cella... Se a visse admirar-se-ia; tão differente que parece outra.

OCTAVIA — E que novas tem tido do Dr. Paulo de Benjamin?

F. DE MAGALHÃES — Até agora nenhuma. Seguio para os Estados Unidos, e nem sequer uma carta. (pausa) Como aquella natureza tambem mudou!... O contacto da irmã regenerou-o completamente: é que a virtude triumpho sempre e o vicio tem o seu dia de expiação. Veja o commendador Torres, do alto da opulencia desceu ao calabouço. Deixou de ser um millionario, é um calceta!

OCTAVIA — Porém, fallemos de Adelaide; fallemos de sua felicidade.

F. DE MAGALHÃES — Da sua felicidade?... E que pôde responder pelo futuro?

Tenho cuidados; se os não tivesse seria um indifferente criminoso. Que quer, faço as vezes de pai; não zélo o que é meu; desvelo-me por um thesouro que a Providencia confiou-me.

OCTAVIA — Duvida de amor de Julio?

F. DE MAGALHÃES — Não disse tal; creio n'elle sinceramente.

OCTAVIA — E deve crêr. Adelaide não estende a mão a um homem rico, é certo; porém adormecerá tranquilla sobre o thalamo conjugal embalada aos canticos de um amor condigno da sua ternura. O sanctuario domestico semelha ao templo do Senhor; não carece de galas nem loucanias; quanto mais simples e modesto, maior religião inspira.

F. DE MAGALHÃES (applaudindo) — Bravo, bravo!

OCTAVIA — Quando a Providencia nos concede uma alma irmã da nossa, medir então os sacrificios seria o mesmo que interrogal-o o que nos dá em paga, se offerecemos um obulo ao necessitado que bate á nosa porta. O amor que calcula, deixa de ser um perfume da alma para tornar-se um miasma da abjecção; não eleva nem exalça a creatura; deprimi-a, rabaixa-a. E' a degradação moral, a torpeza que embota e aniquila os sentimentos, agrilhão a liberdade, esmaga os affectos!

F. DE MAGALHÃES — Tem razão, a senhora é um anjo; é assim que elles devem fallar.

OCTAVIA — Acredite, Sr. Magalhães, o futuro de Adelaide ha de ser risonho.

F. DE MAGALHÃES — Deus queira, Deus abençõe as suas palavras. (escutando) Batem palmas... E' talvez o noivo... Com licença, até já. (Sahe).

SCENA IV

Octavia, depois Adelaide (vestida de noiva)

OCTAVIA (caminhando á esmo) Emfim, está completa a minha missão... Agora... nada mais resta... Acaso posso eu viver mais um dia?!... Resignação, dizem elles... Resignação quando a vida é um cilício!... Não sabem o que dizem, estão loucos!... Resignação!... Querem-me viva morrendo todos os dias! (vendo Adelaide) Ah! como estás linda!

ADELAIDE — Sim? (beijando-a) Lisongeira! (reparando nos olhos de Octavia) Querida, tu choravas!... Não negues, meu anjo, os teus olhos condemnão-te.

OCTAVIA (contrariada) — Os teus é que te illudem.

ADELAIDE — Eu não me engano, meu amor; d'sta vez convenci-me, senti a realidade, deparei com ella... basta olhar para o teu semblante... A tua face ainda está humida...

OCTAVIA — Estás brincando...

ADELAIDE — Deus sabe o que silencia o teu pobre coração!

OCTAVIA — Nada realmente, acredita...

ADELAIDE — Não posso... O teu sorriso contrafeito reflecte a melancolia de tua alma; através d'essa alegria simulada transparece um doer profundo, immenso... Sofres, Octavia, e a tua mudez flagella-me...

OCTAVIA — Queres que eu minta?

ADELAIDE — Queria que fosses sincera; sou digna das tuas confidencias... Se é um segredo triste, confia-m'o sem receio; quero partilhar as tuas magoas... Dá-me um quinhão do teu infortunio... Reparte commigo as tuas lagrimas!

OCTAVIA — Caprichos, lagrimas de criança...

ADELAIDE — De martyr, dize antes!

OCTAVIA (agitada) — Mudemos de assumpto... Fallemos antes de ti...

ADELAIDE — Escuta. Ha dois mezes, n'aquellas salas, entre o ruido da multidão, cortejada por uma turma de admiradores, eu sentia-me só e triste. Meu coração derretia-se em prantos... meus labios saturados de fel soltavão a phrase de laucura; eu procurava a morte como unico lenitivo, e teria morrido de desalento se um anjo tutelar não viesse amparar-me sob suas azas candidas e protectoras!... Esse anjo — foste tu, Octavia, foste tu, meu amor!

OCTAVIA — Não tens que agradecer-me...

ADELAIDE — Ai dos que soffrem, se não achão lá nas trevas da existencia uma alma caritativa e meiga, uma mão amiga, um sorriso celeste, uma vez como a tua, consoladora e providencial! Deus mandou-te á solidão de minh'alma; nas tuas azas de anjo trazias a luz da esperanza, que me faltava!

OCTAVIA — Deus, sim, foi quem guiou os meus passos.

ADELAIDE — Hontem — era meu padrinho arrancando-me ás portas da miseria e luto, abertas de par em par para receberem mais victimas!... Quem ignora a sorte cruel e nefanda de quasi todas essas creaturinhas que uma mãe repellio e engeitou, que nunca sen-

tirão os affagos maternos, nunca a doce e suavissima alegria do lar!!...
Eu avalio as vossas lagrimas, minhas irmãs!... (soluçando).

OCTAVIA — Para longe idéas tristes...

ADELAIDE (enxugando as faces) — Depois vieste tu... salvaste-me!... Pois bem, abre-me o cofre das tuas dôres, mostra-me o sacrario das tuas angustias... Encosta a fronte desalentada sobre o meu seio... Dá-me metade dos teus espinhos cruciantes... Tu soffres, Octavia, e eu não posso vêr-te assim, isto não póde, nem deve continuar!

OCTAVIA (afflicta) — Depois, depois... alguém se aproxima, cala-te, minha querida!

SCENA V

As mesmas, Ricardo da Silva, Fernando de Magalhães

F. DE MAGALHÃES — São mesmo duas pombinhas arrulhando!...

ADELAIDE (lançando-se ao pescoço de F. de Magalhães) — Meu rico padrinho!

OCTAVIA (baixo ao pai) — Meu pai, meu pai!

R. DA SILVA — E' preciso agora que ninguem veja as tuas lagrimas!

F. DE MAGALHÃES — Olha que me esmagas assim, rapariga! Estás amarrotando-me a camisa!

ADELAIDE — Tenho tentação de dar-lhe uma duzia de abraços...

F. DE MAGALHÃES — Se o noivo ouvisse...

R. DA SILVA — Teria ciumes, não é verdade?

F. DE MAGALHÃES — Quero vê-la de longe... Afaste-se... mais... ainda mais... alto, **stop!** Que prendal... Ciumes tenho eu... Por Deus que fallo sério. Dar um mimo d'estes... Custa, custa muito!

R. DA SILVA — Tem razão, sei avaliar.

ADELAIDE — Ainda está emtempo, padrinho...

F. DE MAGALHÃES — Como ellas são, Sr. Ricardo... Zombão depois.

ADELAIDE — Bem sabe que metade d'este coração pertence-lhe.

F. DE MAGALHÃES — Metade?

R. DA SILVA — E é contentar-se.

F. DE MAGALHÃES — Isto agora, depois... fica um homem atirado ahi para um canto. Promettem e faltão... Ah! que se não andarem direitinhos!... (conversa com Ricardo).

ADELAIDE (á Octavia) — Nem ao menos um sorriso n'este dia?!

OCTAVIA — Não crês nas almas predestinadas para o soffrimento?

ADELAIDE — Ah! confessas então?! Obrigada! mil vezes obrigada!

OCTAVIA — Hei de dizer-te... um dia, amanhã... Não fiques triste...

ADELAIDE — A vida é assim, Octavia; o coração humano con-frange-se até nos momentos mais venturosos! Eu mesma sinto aqui alguma cousa que amargura. (pausa) Não falta aqui quem?

OCTAVIA — Fallas da baroneza?

ADELAIDE — Sim, cresci ao seu lado, na infancia gozei dos seus carinhos... A gratidão é sempre uma virtude!

F. DE MAGALHÃES — Está bem, são horas...

UM CRIADO (anunciando) — O noivo.

OCTAVIA (comsigo) — Meu Deus!

F. DE MAGALHÃES — Vamos?

ADELAIDE — Dá-me o teu braço, Octavia.

OCTAVIA (agitada) — Vai indo... só dois minutos... eu já vou... (Adelaide e F. de Magalhães sahem vagarosamente).

SCENA VI

Octavia, Ricardo da Silva

OCTAVIA — Vê, meu pai? Já não tenho lagrimas!

R. DA SILVA — O' Deus de Misericordia!... Resignação, filha, coragem, Octavia!...

OCTAVIA — Sempre esta palavra maldita!... Deixem-me!... Afastem-se!... Não os quero vêr!...

R. DA SILVA — Filha da minh'alma?!... E' teu pai quem te falla, escuta, ouve... Octavia, Octavia!... Ah! louca!!! (soluçando com desespero).

OCTAVIA — Lá estão... os anjos descem sobre elles... Sóbem agora o altar... fazem oração... como estás linda, Adelaide! E tu... Julio... não me conheces mais?...

R. DA SILVA — O' Deus, Deus!!... Se não podes salvar-a, mata-me tambem!

OCTAVIA — Não ouvem?... Vai começar o baile... Que harmonia celeste... Então, Julio, não danças comigo?... E a tua noiva... onde está ella?... Ah! sim... estou vendo... (convulsiva) Afastem-se!... deixem-me passar!... Deixem-me passar!

(N'este momento abrem-se os reposteiros do fundo e apparece o altar illuminado; tem-se concluido a cerimonia. Julio de braço com a noiva, em seguida F. de Magalhães).

R. DA SILVA (mostrando a filha) — Está louca a minha filha!

TODOS — Louca?!!

(Octavia solta uma gargalhada estridente, cahindo amparada nos braços de Julio e Adelaide).

F. DE MAGALHÃES (apontando para o quadro) — O que é a vida! — Risos e lagrimas!

FIM DO DRAMA

MONOGRAPHIA

I

A GRUTA DAS BORBOLETAS

Ha poucos objectos naturaes que, vistos pela primeira vez, excitam tanto a curiosidade e affectem a imaginação, como as cavernas ou grutas”.

Os lugares denominados de — Cima da Serra — nesta localidade que eu conheço, são ricos de variadas paizagens, amenas, cheias de poesia, e que convidão á meditação. Em seus devaneios quiz a natureza com profusão espalhar n'este grande braço da serra, que se prolonga para o sul, copiosa diversidade de suas obras incomparaveis. — qual o artista que, não contente com as dimensões grandiosas do edificio que concebeu e erigio, quer ainda ornal-o com os primores do cincel. Mas, os camponezes que habitão estas paragens são, pela maior parte, insensíveis aos attractivos d'estes thesouros de fecundas inspirações, olhão-os, ou paixão por elles sempre cheios de indifferença.

Um dia, em que, descendo pelo rio Pequiry, abaixo da cascata do **Macaco Branco**, me entranhára largo espaço pela serra, deparei, na margem esquerda d'essa fita prateada que, serpeando atravessa tamanhas devezas, — com uma gruta mui picturesca, á qual os donaires da estação fazião ainda mais formosa, como em breves palavras vamos tentar descrever.

Da parte em que eu me achava fôrma o solo um formidavel baranco, quasi a prumo e que, não obstante essa circumstancia, é povoado desde baixo até a sumidade de grossas arvores e de arbustos em todo o genero: — sobre sua base, uma braça acima do leito do rio, abre-se um vão de cousa de 15 passos de largura, com 8 de altura, e que se prolonga para o interior, descrevendo uma meia curva, assás regular, de uns 40 palmos de extensão, e é este vão, esta abertura, que formão a pequena gruta que temos denominado das — **Borboletas**.

Na sua entrada as paredes lateraes são formadas de pedras sobrepostas, e o tecto em toda a extensão é composto de um unico penedo, formidavel mola ali collocada, e que sustenta sobre si milhares de milhares de arrobas.

Espero musgo reveste todo o interior d'esta gruta, exceptuando o seu pavimento que, n'aquella occasião, que era pelo estio, se achava coberto de um mimoso tapete de verdejantes capins, rara particularidade no centro de uma tão espessa mata. A um canto do lado esquerdo cahe götta á götta, pelos intersticios das pedras superiores, crystalina e pura agua, que dirigida a um ponto unico, sobre uma lage, tem n'ella formado uma especie de bacia, por cujas bordas

despeja incessantemente a superabundancia da agua: — esta fórma, logo em seguida, uma tenuissima corrente, argentino fio que, em suave declive se vai unir ao rio, á curta distancia, silenciosa, sem ruido, se mo mais leve murmurio. Dos umbraes da **porta**, por onde se penetra neste recinto, perfeitamente esclarecido pela luz do dia, nascem e crescem, de modo inverso, pendentes sobre o solo, muitos pés de **primavéras**, (*) que, então carregadas de centenares de suas flôres azues e brancas, tão odorosas quão bellas, compunhão um todo que tanto tinha de aprazível á vista, como de inebriante e voluptuoso para os sentidos — como de romantico e sensível á imaginação do poeta que ali fosse em busca de inspirações... Depois, além d'isso, da parte exterior d'esta habitação de Dryades, sobre uma grande lage que lhe serve de patamar, por entre as flôres, por meio dos arbustos, pairavão, esvoaçavão, adejavão myriades de borboletas amarellas e brancas e de quando em quando, colibris tão delicados como ellas, apparecendo por differentes partes do bosque, vinhão ali, n'aquellas flôres libar esse nectar ambrosiaco que dá novo brilho á sua plumagem e um duplo vigor a seus vóos.

Ah! na presença d'este quadro vivo e animado, cheio de tantas bellezas, escondido no centro de tão immensas devêzas, esqueci por momentos o mundo, a sociedade dos homens, e mudo, immovel, entregue a uma abstracção indefinível, só pensava em Deus e no seu poder infinito, que, povoando o universo de milhões de mundos, espalhou em cada um d'elles quicá, variedade innumeravel de primores inimitaveis á sciencia humana, e incomprehensíveis, muitas vezes, a seus mais tenazes estudos e mais profundas investigações...

Voltei d'ali profundamente impressionado, e não sei porque, possuido de uma tristeza meditabunda, mas de agradável sensação, que mais de uma vez me induzio a voltar áquelle lugar desvio, pois que estes quadros, que a almã em seus mysterios tanto se compraz de apreciar, vistos mil vezes são de mil differentes modos apreciados, e tem sempre sobre nosso animo, sobre nosso coração, uma saudavel e benefica influencia.

Itú em Missões, Novembro de 1872.

Francisco da N. Franco

(*) Pequeno arbusto, que produz em um mesmo pé, flôres de duas côres distinctas, formadas por cinco folhas uniformes, mui assestinadas, com estames no centro, d'onde irradião, e cujo perfume agradável se faz sentir de muita distancia. Os serranos chamão-o — primavera — talvez porque só apparece n'esta estação.

A' POETISA RIO-GRANDENSE

D. AMALIA FIGUEIROA

Feliz e doce ventura
D'esse cantar de ternura
Na languidez do scismar!
— Que trovas meigas, singellas,
Tão eloquentes e bellas,
Que tu sabes murmurar!

Como suspira saudosa
Amante rola queixosa,
Na floresta entristecida,
Ou crepitante cascata
Que da penha se desata
E banha a varzea dormida.

Suave como a corrente
De manso arroio dormente
Que fugitivo se esvae!
Qual brando e longo suspiro
Que os echos levão no gyr
Dizendo mais do que um: a!

São teus versos tão cadentes
Como peróias fulgentes
A soar sobre crystal,
Como tinir argentino,
Como voz dôce do sino
N'um repique festival!

N'esses brandos devaneios
Que desprendem teus berceios,
Quanta belleza não ha?!
E' ouvir a voz canóra
Soluçada em grata aurora
Pelo brando sabiá!

Onde foi, oh! flôr rimososa,
A tua harpa sonora
Encontrar tanta harmonia?!
Onde achaste tantos lumes?!
Roubaste-os dos vagalumes?
Roubaste-os da luz do dia?

Onde achaste estes lamentos
De melindrosos accentsos,
Que lhe dão tanto primor?
Onde tu foste buscar
Esse brando ciciar
Exprimindo tanta dôr?!

Essa dôr... oh! não existe!...
— Que te faz porém tão triste
Como Agar pobre captiva?

Canta! que o dom sublime da poesia
Te deu a natureza!
Tu que desprendes nos sentidos
[carmes
Um astro de belleza!

Canta! Segue avante, nobre virgem!
Dedilha a lyra grata,
Abraça ternamente o sentimento
Qu'inspira, que arreбата!

— Tens suspiros, tens gemidos,
Vagos sons além sumidos,
Como luz d'amor esquiua!

Mas onde achaste o segredo
Que tu revelas a medo,
A' temor de frio engano?
— Foi aqui por entr'as brumas,
N'esta praia entr'as espumas,
Em noite de minuano?

Foi aqui onde as estrellas
Tremulas, serenas, bellas.
Mirão as veigas sorrindo?
Onde o Guahyba deslisa
Ao soprar da mansa brisa,
Como beijo, terno, infindo?!

Foi aqui onde brotaste
Onde os perfumes achaste?
— Jasmineiro da poesia!!
— Em cada flôr desprendida
Que tu remettes á vida,
Quanta belleza e magia!

Feliz quem pôde algum dia
Arrancar da phantasia
Dôce quadro apaixonado
Onde a alma se revella
Santa, pura, nobre e bella,
Qual n'um prisma o céu rosado.

Canta! canta, poetisa,
Que teu ser se divinisa
Nos murmurios da canção!
Solta aos échos os effluvios,
As torrentes, os diluvios
Das flôres do coração!

Canta! que a vida se passa
Como ligeira fumaça
Assoprada pela aragem;
Feliz a barca fagueira
Que deixa no mar — esteira
De sua breve passagem!!

Para ti — um céu aberto!
Não tens o sol encoberto
Da mais siderea esperança!
— Embora digas que não
N'essa tristonha canção
Chamada — DESEPERANÇA.
Além a voz fagueira do futuro
Te acena com carinhos!
Se a estrada da gloria é pedregosa
Depois terás arminhos!

Avante! que a patria ha de sau-
[dar-te
A' luz da melodia!
Ha de coroar-te com festões mi-
[mosos
Oh! anjo da poesia!

José de Sá Brito.

Novembro de 1872.

ENGANAS-TE

Dizes tu que os meus amôres,
São como os da borboleta,
Que affagando muitas flôres,
Por nenhuma se inquieta.

Serão; mas a culpa grave,
E' das flôres que me deixão
Roubar-lhe o pollen suave
E do roubo nem se queixão.

Ora diz-me: nunca viste,
Quando o vento açoutas as flôres
Como a borboleta insiste
Em beijar os seus amôres?

E como estes agitados
Pelo vento que ali corre,
Dão á triste taes cuidados
Que de axhausta ás vezes morre?

Se mais esquiva um nadinha
Comigo fosse a belleza,
Crê que ha muito, oh doudasinha,
Verias minha alma presa.

M. J. Gonçalves Junior.

1870 — Rio de Janeiro.

CHRONICA

Occupa o frontespicio d'esta **Revista** o busto sandoso do illustre rio-grandense Dr. João Jacintho de Mendonça.

De dia a dia o **Parthenon** vai arrancando do esquecimento e da obscuridade da campa os caracteres que souberão sempre ennobrecer esta terra. Elevando-se acima de mesquinhas paixões, dos odios momentosos da politica, o **Parthenon** reserva a sua galeria para aquelles que se têm distinguido pelas letras e artes, pelas armas e na politica, sem distincção de bandeiras. Na nossa galeria só o verdadeiro merito terá lugar. E é por isso que hoje offerecemos ao nossos leitores o retrato e uma noticia biografica de uma das glorias mais brilhantes da tribuna brazileira.

O nosso amigo, que se encarregou do esboço biografico, deixou de fazer um trabalho mais prolixo como desejava, em consequencia de seu estado de saúde e por lhe faltarem na occasião os documentos necessarios.

Mais dois nomes prestimosos inscreveu a provincia no catalogo dos mortos: — Miguel Meirelles e Israel Dias de Castro. Aquelle poeta distincto e dramaturgo, em cuja fronte enlevavão-se tambem as laureas tribunicias, conquistára uma reputação brilhante; este, moco, na primavera dos annos, quando um futuro de esperanças sorria-lhe na mente, tombou no chão negro dos desenganos, distante do berço natal. Prestes a deixar os bancos academicos, mal pensava o inditoso mancebo, que antes de percorrer o cyclo espinhoso do medico, devia pender a fronte exangue no leito da morte!

Forão duas perdas seisiveis e o **Parthenon** por sua vez deplora o infortunio de tão preciasas existencias.

Crepusculos: Com este titulo acaba de sahir das officinas do **Jornal do Commercio** um mimoso volume de poesias da nossa distincta consocia D. Amalia Figueirôa. Sandando com o maior enthusiasmo a esperancosa poetisa, sentimos immensamente faltar-nos espaço e habilitações para tratarmos de seu precioso livro.

Termina n'esta **Revista** a introdução dos — **Contos Rio-Grandenses**, com que nos honrou um illustrado e modesto pelotense, que, sob o pseudonimo de Victor Valpirio, encobre a sua distincta individualidade.

Breve começaremos a publicar o primeiro romance ou narrativa, com que nos vai brindar o festejado escriptor.

Encetamos hoje a publicação de uns preciosos trabalhos monographicos, que nos enviou um nosso intelligente consocio. Oxalá que o novo collaborador da **Revista** continue a descrever-nos com seu mimoso pincel — quadros como a **Gruta das Borboletas**. Têm para nós um valor subido estas descripções locais da provincia; e o Sr. Natividade Franco, que de tão longe se esforça pela causa santa do

Parthenon, continuará por certo a enriquecer as paginas da **Revista** com suas monographias.

Assim esperamos.

Graças a Deus! Até que afinal acabou a festa escandalosa, onde o luxo e a vaidade ião de mãos dadas fazer ostentação de suas galas ante as angustias e lagrimas da pobreza desvalida. Em face da civilisação que significava aquelle espectáculo triste do dia de anno bom? Logo pela manhã abrião-se as portas da **Caridade** e a multidão curiosa e ridicula, indifferente aos soffrimentos do proximo, invadia os hospitaes e ali junto ao leito das agonias, nem tinha um olhar de compaixão nem um obulo de caridade! Felizmente, porém, d'ora em diante não se reproduzião as scenas repugnantes que se davão na Santa Casa no 1.º do anno.

Antes de terminar a **Chronica**, diremos que não nos competia escrever estas linhas. Vimos substituir, ainda que mal, a penna festejada do nosso consocio Sr. José Bernardino dos Santos, que era o redactor de mez. Longe da cidade por incommodos graves de saúde, sentimos que o nosso amigo não nos podesse auxiliar ainda d'esta vez.

E' verdade, duas palavras ainda:

Concluimos com este numero a 2.^a série da **Revista**. Estão vencidos 6 mezes de lutas e obstaculos. Paremos um pouco para refazermos as forças. E' apenas um dia, amanhã proseguiremos a nossa jornada espinhosa. Vós, que nos auxiliastes até aqui, alentai-nos; não pouparemos esforços nem sacrificios.

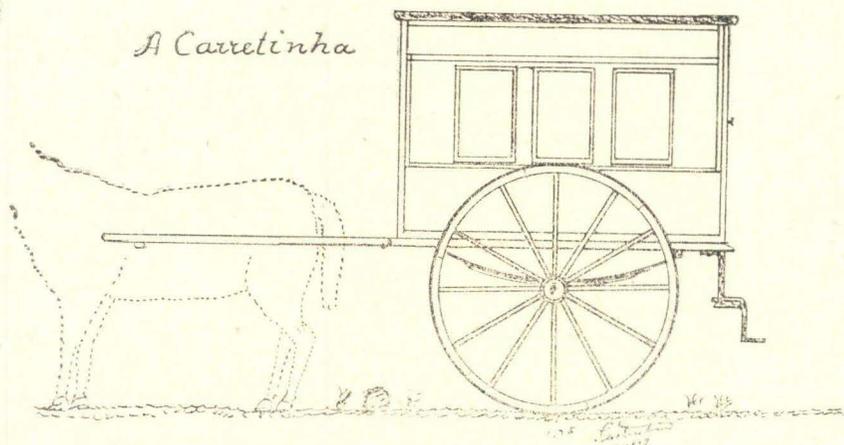
Achilles Porto Alegre.

REMINISCÊNCIAS DE CAMPANHA
(A CARRETINHA)

ENG.º AGRÔNOMO LUIZ G. GOMES DE FREITAS



A CARRETINHA



REMINISCENCIAS DA CAMPANHA

A CARRETINHA

Noutros tempos, mesmo depois da independência, as viagens em veículos eram numerosas e difíceis.

Não havia em geral, propriamente, estradas e o trânsito era feito por simples caminhos começados pelo casco do cavalo e alargado pelas rodas da primitiva carreta de bois.

Nesses veículos se transportavam não só as cargas, já numa fase em que o cargueiro era substituído, como as pessoas que, por motivos vários, não viajavam montadas, como era o caso habitual.

E' de admirar como nossos antepassados conseguiam transportar cargas respeitavelmente pesadas nesses históricos veículos, sendo necessário, às vezes, improvisar modalidades especiais, como foi o caso do transporte de grande aerólito que caiu em Bedengó, no Estado da Baía, para o seu pórtico, e que hoje figura no Museu Nacional, e como os valentes farrapos conseguiram transportar as suas próprias naus de guerra através da faixa arenosa, na altura de Mostardas, que separa a Lagôa dos Patos do Oceano.

Longas viagens, de meses a fio, eram corajosamente empreendidas em rústicos carros de bois, aos solavancos, em caminhos pedregosos, ou cheios de barrancos e socavões, virando-se espetacularmente nas ladeiras ou atolando-se, às vezes até às massas, nos lodaçais de extensos banhados.

Um dos governadores desta então Província, chegou do norte a Pôrto Alegre, passando por Viamão, onde pousou, num veículo dessa natureza.

Ainda no tempo dos farrapos as famílias faziam viagens de Pelotas para Piratini e desta localidade para outras do interior em carretas de bois.

Em Novembro de 1841, em cópia de cartas do Comendador Manoel José Gomes de Freitas, então chefe do partido conservador em Piratini, verifica-se que se dispunha a ir buscar sua mãe, que morava na cidade de Rio Grande, fazendo o trajeto de Pelotas até sua estância, em Piratini, em "carretão" puxado a bois. Eram seguramente vinte léguas de distância.

A carreta dêsse tempo era das mais rústicas.

A julgar pelo tipo remanescente, que ainda se encontra na faixa litorânea de Osório e Tôrres, neste Estado, e também no de Santa Catarina, que deve ser o tipo ainda em uso nos Estados do "hinterland" brasileiro, é provida de rodas sem ráios e até mesmo sem chapa protetora, feitas de três peças principais de madeira falquejada, sendo a central maior, onde está saliente a massa, e as duas restantes, como se fôsem duas grandes cambotas, são outros pranchões em forma de arco de círculo, que unidos à peça central, completam o círculo.

A união é feita por meio de duas peças de secção retangular, delgadas, de madeira forte, embutidas, atravessando os três pranchões. Estas rodas não giram no eixo, sendo a êle solidárias e êste é que gira sob as chêdas.

Ainda em 1930 encontrei êsse tipo de carretão em Tramandaí.

Embora seja um paradoxo, carretão, neste caso, é diminutivo de carreta. Esta destina-se à carga de cem arrobas, sendo puxada por três ou mais juntas de bois e aquele comporta carga de vinte a trinta arrobas, sendo tirado apenas por uma junta.

No município de Piratini e acredito que em todo o sul do Estado, no tempo da minha infância, lembro-me desde 1892, tôdas as viaturas já possuíam rodas com raios, encaixados em massas de madeira de lei, em geral ipê, guajuvira, etc., sendo as cambotas feitas de madeira mais mole. Quando se necessitava substituí-las aproveitavam-se com frequência raízes de cedro vermelho, das quais se aproveitavam as voltas, quando possível. Eram providas de largas chapas de ferro, como as atuais. Giravam no eixo. Acredito que êste uso vinha de longo tempo, porque existiam pedaços de carreta em desuso, dêsse tipo, há muitos anos, cujas massas cilíndricas eram da altura de uma cadeira e serviam de assento no galpão.

As cartas do Comendador Manoel José Gomes de Freitas, de 1841 a 1844, dirigidas a Felicissimo José da Silva, negociante em Pelotas, pedindo para receber de João Roiz Cardoso, da cidade de Rio Grande, para uma carretinha, um par de rodas, eixo de ferro e molas usadas de serges, revelam que ainda não existiam nem em Pelotas essas peças de veículos mais aperfeiçoados do que as carretas comuns.

Ao mesmo negociante de Pelotas, nesse mesmo período encomendava tinta, certamente em pó, lona e outros artigos que deveriam ser empregados na confecção da mesma carretinha e ainda a Manoel Lopes dos Santos, em Canguçu, pedia o cabeçalho e as chêdas e uma dúzia de tábuas de pinho. Somente a 30 de Maio de 1844 foram recebidas as encomendas de Canguçu, custando o cabeçalho e as chêdas 9\$600 e a dúzia de tábuas 7\$680, que foram julgadas muito mais caras do que o preço corrente, que era de 4\$800.

Nesse tempo um novilho gordo valia de 10\$000 a 12\$000.

As outras encomendas chegaram a Piratini em Dezembro de 1843, exceto o óleo de linhaça que chegou em Agôsto de 1844.

Depois de tanta espera foram devolvidas as molas porque não se adaptaram ao fim desejado, não ficando claro se foram recebidas outras em substituição.

Tudo isso se passava no período da revolução farroupilha.

Chega-se à conclusão que a tal carretinha devia ser semelhante às que ainda vemos em Gravataí, puxadas a bois, embora tivesse havido intuito de fazê-la mais aperfeiçoada.

A carretinha, que conheci desde que tenho lembrança das cousas, e que já existia, era algo diferente. Talvez possamos chamá-la carretinha do sul, sendo também denominada "carretilha", nome que parece vir do país vizinho.

Devia ter sido um veículo que resultou da evolução da primeira carretinha, sendo o ponto inicial de transição dos veículos de passeio puxados a cavalos na campanha sul do Estado. Apenas de memória consegui, em desenho anexo, esboçar o seu tipo.

Era também de duas rodas, porém, mais alta do que as de Gravataí, sendo provida de duas molas simples e algumas, possivelmente de três, sendo uma traseira, como nas jardineiras atuais. A carroceria

era mais alta e muito mais bem acabada. Possuía três janelas envidraçadas de cada lado, semelhantes às das pequenas embarcações, duas na frente e uma atrás, na única porta. Era finalmente pintada externamente e com artísticas vinhetas, como as caleças européias que lhe sucederam.

A tolda era levemente arqueada, de lona pintada, como as dos veículos de agora. Internamente tinha dois longitudinais, sendo essa disposição um grande defeito. O interior era, em algumas, todo acolchoado de couro envernizado com recheio de pêlo de animal. A maioria, entretanto, era mais modestamente acolchoada ou mesmo simplesmente pintada internamente, com acolchoados nos bancos. Dispunha de estribo de dobradiça, que descia em dois degraus, e, às vezes, ainda era necessário o auxílio de um banquinho para pessoas mais velhas, mais pesadas ou doentes. Essas carruagens eram altas, certamente por causa da passagem nos arrôios. As rodas altas venciam mais facilmente as asperezas do terreno, de acôrdo com o princípio do plano inclinado. Dois varais se prolongavam das chêdas. Eram de madeira leve, forte e flexível, relativamente finos e recurvos na altura onde se prendem nos mangotes e reforçados por chapa de ferro na parte inferior, presas por parafusos.

O eixo era de ferro, talvez de aço, onde giram as rodas e estas eram finamente trabalhadas, providas de massa relativamente pequena e de finos raios e cambotas que talvez não tivessem mais de 6 cm. de secção quadrada. As contrabusinas deviam ser de ferro fundido, ou talvez de aço.

Na ponta do eixo, havia um orifício retangular para a cavilha, que se tirava através de uma móssa feita na chapa protetora da massa. Havia também a arruela. Eram puxadas por dois bons cavalos e por três nas mais longas jornadas. O condutor, chamado "boleeiro", quase sempre um escravo de confiança, ia montado à esquerda. Depois da libertação, em regra, era êsse mesmo creoulo liberto o boleeiro de confiança. A tração fazia-se na cincha, com duas tiradeiras no cavalo dos varais e uma só pelo lado direito no cavalo montado.

A marcha se fazia a trote, como faziam as carroças comuns da época.

Em viagem talvez fizessem oito a dez léguas por dia, mudando cavalos.

Naa campanha de Piratini e creio que em todo o sul do Estado, onde também chamaram "carretilha", era êsse o veículo usual das famílias para seus passeios entre vizinhos ou para suas viagens, algumas bem longas pelo "Estado Oriental" a dentro. Eram veículos relativamente pesados para tração de dois cavalos, em geral os mais reforçados.

Nas cochilhas muito íngremes os cavalos repechavam fazendo muito esforço. Nos passos, das sangas ou dos arroios, com rampas barancosas, sulcadas pelas águas da chuva, e principalmente no inverno, as famílias obrigavam-se a descer para aliviar carga e com frequência recorria-se ao quartheador, isto é, à ajuda de mais um cavalo montado por um peão, acompanhante, abridor de porteiras, por meio de uma corda forte, a quarta, marchando à frente.

Nas ladeiras pedregosas às vezes tornava-se necessária a ajuda de um homem pelo lado de cima, segurando a tolda com um cabresto, para evitar que virassem.

Nessa carretinha viajavam homens respeitáveis da cidade que não sabiam montar, para visitar algum amigo da campanha, ou mesmo fazendeiros doentes.

Guardo dela uma recordação inapagável, que é a cicatriz de um

talho no rosto. Tinha os meus três para quatro anos e era conduzido ao colo de uma pagem, filha de ex-escrava, quando, numa trotada mais forte e menos cuidada, por causa da chuva que fustigava pela frente, um tremendo solavanco inesperado arrojou-me com a creolinha sôbre uma vidraça, que se partiu.

Foi em muitas dessas carretinhas que seguiu em 6 de Agôsto de 1892, uma grande caravana da família a que pertenco, de Piratini, emigrando para a amiga e acolhedora República Oriental do Uruguai, por causa da terrível revolução, de tão triste memória. A comitiva era composta de catorze veículos, incluindo carroças com bagagem. Ia, como medida de proteção, escoltada até Pedras Altas por um piquete de forças governistas do mando do nosso parente Manoel Rodrigues Barbosa (Neto) a pedido de sua mãe, D. Inácia Dias Barbosa. No sobrado de sua propriedade, que servira de Palácio Presidencial no período farroupilha, tôda a família se havia abrigado na véspera da partida.

Apesar dos meus quatro anos, guardo ainda vivamente fotografadas na retina várias cenas dessa penosa viagem.

Na travessia do Passo da Vila, sôbre o rio Piratini, que apesar de ser alí um simples arriô, estava cheio, uma pesada carreta, dessas de 100 arrobas, toldada, puxada por muitas juntas de bois, passou antes da nossa caravana com água acima das volumosas massas das reforçadas rodas.

Os cavalos que puxavam nossa carretinha iam, nos pontos mais fundos, como agora pela meia costela e às vêzes pela aba do lombilho. E' excusado dizer que o fundo do veículo, apesar de alto, ficou inundado, obrigando-nos a subir para os bancos. Foi ainda numa dessas carretinhas, em caravana menor, de regresso à Pátria, no verão de 1897, que viajamos de Valentim, departamento de Salto, até Piratini, durante muitos dias consecutivos, percorrendo cem léguas, segundo calcularam.

Já por êsse tempo, principalmente no Uruguai, existiam na Campanha alguns carros, tipo de praça, de quatro rodas, com boleia e mesmo finas caleças que nada deviam às da cidade. Na comitiva da nossa emigração ia um dêsses carros. Mas, os veículos que mais tarde iam gradualmente substituindo as carretinhas do meu tempo de juventude eram as jardineiras, já uma evolução das carretinhas, agora providas de boleia. Usavam-se também na nossa campanha os tilburis, cabriolés do mesmo tipo dos que ainda trafegavam no Rio de Janeiro em 1910, as aranhas de duas rodas; algumas moderníssimas aranhas americanas já eram vistas na cidade de Salto. Predominavam ainda veículos de duas rodas.

A carretinha foi uma transição entre a carreta de bois e êstes veículos, assim como as carruagens de quatro rodas precederam os automóveis. Ainda em 1909 minha avó passeava em sua carretinha, já então considerada um veículo arcaico, pois que quase tôdas elas se haviam transformado em jardineiras, guiadas pelos próprios fazendeiros, que antes as acompanhavam a cavalo.

Aqui fica um tributo de gratidão à carretinha do meu tempo, que é hoje substituída pelo automóvel e pelo avião.

Pôrto Alegre, 20-8-49.

Luiz G. Gomes de Freitas